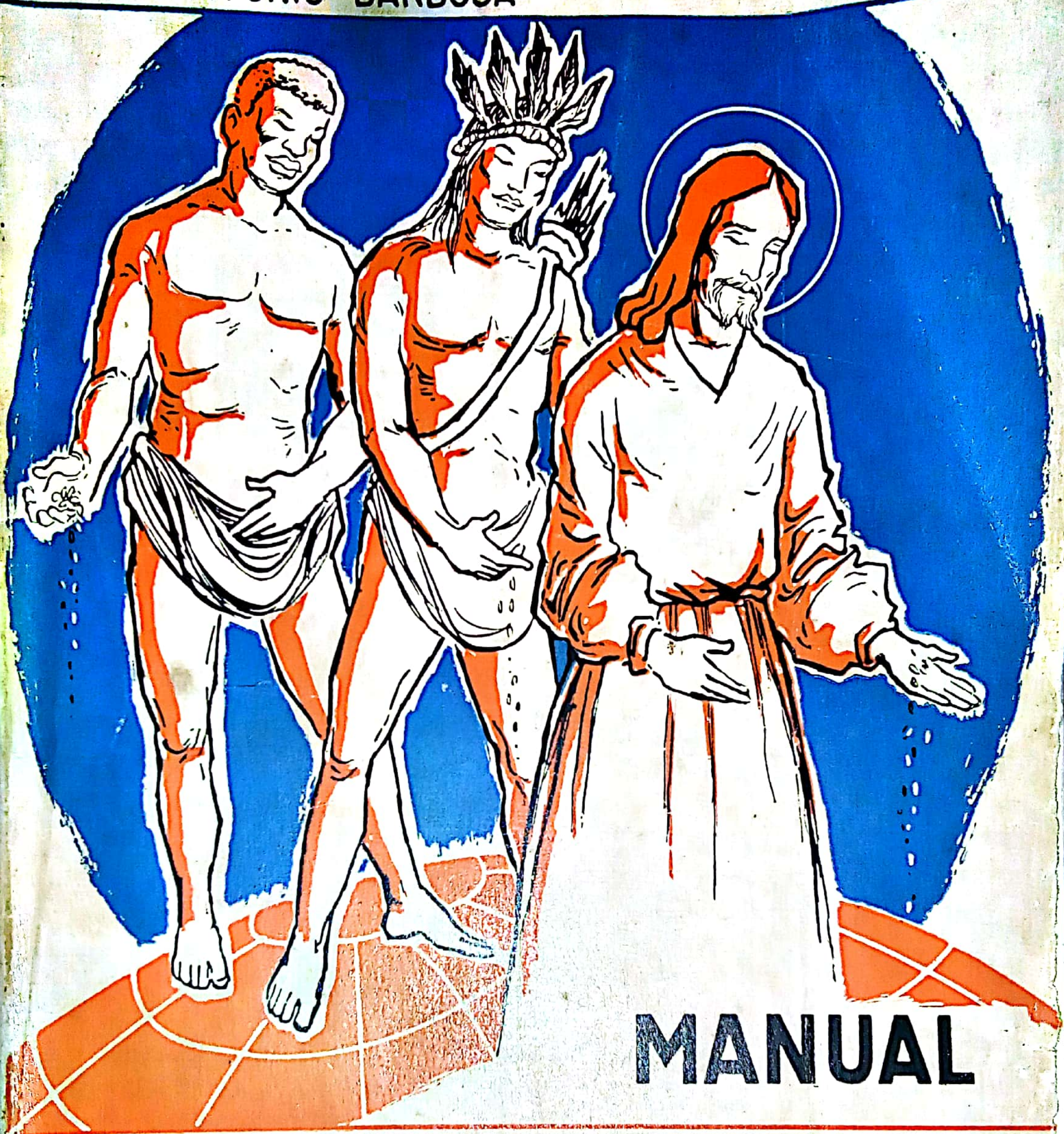
JOSÉ ANTONIO BARBOSA



MANUAL

dos chefes de terreiros e médiuns de

UMBANDA

MANUAL DOS CHEFES DE TERREIROS E MÉDIUNS DE UMBANDA

Volume ditado pela experiência dos Espíritos mais puros e completado por mais de vinte anos de estudos e observações nos terreiros e tendas de todo o Brasil, especialmente de São Paulo, Rio, Bahia, Rio Grande do Sul e outros estados.

Esse livro, que se esforça por ser uma contribuição para a grande campanha nacional da Unificação de Umbanda, responde às inúmeras perguntas que a cada passo o estudioso da doutrina se vê obrigado a fazer, raramente encontrando a sua resposta em linguagem acessível. Descreve as principais mirongas de Umbanda, quer as do ritual quer as do dogma. Coloca ordem na controvertida questão das Linhas, apresentando uma base certa, separando, pela identidade dos pontos riscados e pela comparação das semelhanças sincretistas, o culto do Bem (Oxalá) do culto do mal (Exu).

Em linguagem amena, agradável, simples, bem didática, esta obra dá explicações sôbre amacis (banhos de descarga), cruzamentos, imagens, pontos riscados e cantados, etc., bem como dá orientação segura para os cerimoniais de sacramentos: casamento na umbanda, batisados, consagração, ofícios fúnebres. A questão das defumações vem tratada em linguagem elevada, sem intuitos de polêmica, sem querer criar escola e dando além do mais receitas adequadas, etc.

Em suma, é mais do que um livro útil: É INDISPENSÁVEL. Não deve faltar em nenhum terreiro ou tenda, bem como no lar de todo umbandista, seja desenvolvido ou não, seja chefe de terreiro ou simples principiante, seja profundo entendedor do assunto ou mero curioso dos fenômenos umbandistas.

MANUAL DOS CHEFES DE TERREIROS

E MÉDIUNS DE UMBANDA

1 m.c.t.

1.ª edição - 5.000 exs. - janeiro 1961

A CRUZADA FEDERATIVA ESPIRITA DE UMBANDA recomendou e aprovou oficialmente esta obra.

Todos os direitos reservados

JOSE ANTONIO BARBOSA

Manual dos Chefes de Terreiros e Médiuns de Umbanda

SÃO PAULO

LIVRARIA ESPIRITUALISTA EDITÔRA
Rua Senador Feijó, 29 - 3.º andar - sala 316
Caixa Postal 1625
SÃO PAULO

SEM SER PREFÁCIO...

Não há mister de muitas palavras para se caraterisar êste livro.

Resumiríamos tudo o que se pudesse e se quizesse dizer num curto adjetivo de quatro letras, apenas: ÚTIL.

O Manual em cuja leitura dentro de instantes ireis deleitosamente mergulhar — ó curioso leitor, ó amável leitora, é pois, um livro útil.

Útil, em primeiro lugar aos irmãos da fé, umbandistas, hoje muitas centenas de milhar, ou muitos milhões. Falando-se em números, justifica-se um parêntese: foi uma pena que no recenseamento de 1960, falho

nêsse ponto, não tivessem aberto um título especial para Umbanda; isso levou os adéptos dessa religião, cento por cento nacional, a se disseminarem entre os que se recensearam como espíritas ou então sob a genérica rubrica de "Outras religiões". Perderam os umbandistas uma grande oportunidade histórica de medirem sua fôrça quantitativa. Ao IBGE o reparo, a-fim-de que a lacuna seja coberta nos futuros censos a partir de 1970...

Feito a oportuna observação, prossigamos: êste manual será útil a todos os estudiosos de etnografia e folclore. Êle vem trazer, com sua feição didática, vasada no espírito sério de quem se propõe a fazer pesquisas científicas, uma contribuição notável a êsse ramo de estudo iniciado e enriquecido com trabalhos de Nina Rodrigues e depois por Arthur Ramos, Edison Carneiro, Manuel Querino, Leopoldo Bettiol, José Ribeiro...

Quanto a êste segundo aspecto, podemos afirmar com a autoridade de quem já leu, anotou e comparou

inúmeras obras hoje existentes sôbre o assunto em língua portuguêsa — que Manual dos Chefes de Terreiros e Médiuns de Umbanda *se torna mais do que útil: é indispensável mesmo.*

Conhecemos de longa data o Autor. Liga-nos a êle uma amizade filial inquebrantável. Achamos que ninguém está mais autorizado do que êsse apóstolo, para lançar obra de tal fôlego. José A. Barbosa é nome de sobejo conhecido na imprensa espiritualista das Américas. Em 1939, lançava com êxito invulgar o jornal "O Espiritualista" que se propunha a tarefa hercúlea de unificar as diversas correntes espiritualistas — do kardecismo ao esoterismo; do teosofismo de Annie Besant ao orientalismo iogue; do ocultismo da "Comunhão do Pensamento" ao umbandismo dos Pretos Velhos; do espiritismo caboclo obrigado a fundanga e riscos de pemba aos rosa-cruzes; do mentalismo à "Ciência Cristã"; e, do espiritismo de Ramatís às Testemunhas de Jeová...

A idéia era generosa demais para vingar num setor onde, do geral, grandes correntes se apresentam divididas e subdivididas em grupos heterogêneos, igrejinhas, curriolas, seitas e sub-seitas, que se combatem entre si e por sua vez se apresentam enfraquecidas pelas dissensões internas e pelos irredutíveis individualismos...

Mas J. A. Barbosa não desanimou ante a imensidão da tarefa. Prosseguiu com estoicismo e persistência peculiares dos apóstolos. Apenas aliado a um senso realista da situação, resolveu encurtar a frente de luta. Dedicou-se de corpo e alma, sempre com o mesmo espírito infatigável e missionário, à unificação de Umbanda. E há alguns anos — precisamente sete — lançou com bom êxito jornalístico maior ainda do que o anterior, um mensário hoje bastante conhecido no Brasil inteiro e até mesmo lá fora: "Tribuna Umbandista". Lê-se "Tribuna Umbandista" na Argentina, em Cuba, no México, em Portugal e na Africa. De todos êsses países

encaminham pedidos de assinatura e há reclamação ao menor atraso ou anomalia na remessa...

Naturalmente que os entendidos no assunto já conhecem êsse jornal e as grandes campanhas que vem levantando, as quais podem ser assim condensadas:

1 — Pela unificação de Umbanda, ética espiritual e litùrgicamente com uniformização da doutrina e dos ritos, para maior compreensão e solidariedade cristã entre os irmãos na fé;

2 — Pela separação entre o jôio e o trigo, isto é, seleção do vero umbandista, com a eliminação das infiltrações de "falsos candomblés", macumbas, "batuques" e outros nomes que tenham a prática da magia negra e o culto satânico às fôrças do mal, reservando à Umbanda apenas o tacto com as Fôrças Brancas, as Vibrações Positivas, a Caridade e o Bem, enfim.

3 — Pela moralização de Umbanda, com segregação dos charlatães, dos vigaristas e mistificadores de

todo tipo, que desfiguram a doutrina e a mercantilizam, na mais nefanda prática da simonia ou tráfico das coisas sagradas.

4 — Pelo integral cumprimento do item constitucional da Liberdade religiosa, sem impertinentes e ilegais intromissões da polícia nos assuntos do culto. Rigorosa equiparação de Umbanda a outros credos em face da lei, impedindo-se os privilégios clamorosos a certas seitas em detrimento de outras.

5 — Pela educação do elemento umbandista, incitado a se preparar culturalmente para a sua missão religiosa. Nêste sentido, os apêlos à leitura, ao estudo e à meditação, aprimorados pelas faculdades intelectuais, são a tônica mais vigorosa dos tópicos de "Tribuna Umbandista".

6 — Por um princípio bem nacional na interpretação da teologia umbandista, a religião considerada nos dias que correm como a Revelação Brasileira, aquela

que mais de perto fala à nossa alma e mais se ajusta às lídimas tradições de nossa gente.

7 — Pela tolerância e compreensão entre os homens de tôdas as raças, países e credos políticos, relio-filosóficos, pela paz na terra, entre as nações como entre as religiões. É o cristianismo no seu sentido universal e humano mais puro, mais amplo e mais belo.

Tal é o setenário — já que sete é o número místico e teúrgico por excelência — que carateriza o jornal "Tribuna Umbandista" do qual nos orgulhamos de ser secretária-redatora desde o número inicial.

Cercando o setenário — e não é por mero acaso que o "ponto riscado" que figura no cabeçalho do jornal se compõe de sete flechas entrelaçadas numa estrêla de cinco pontas — eis J. A. Barbosa com êste livro. A necessidade de textos de estudo em tôdas as matérias, em nosso país é evidente. Mas no setor "Umbanda" é que mais se faz sentir.

Que frutos terão produzido êsses esforços ingentes?

Muitos e inegáveis.

Em primeiro lugar, não é nenhum tropo atrevido o dizer que a história de Umbanda em nosso Estado pode se dividir em dois períodos: antes de "Tribuna Umbandista" e depois de "Tribuna Umbandista".

Cessaram, ou minoraram grandemente as perseguições policiais no Estado de São Paulo, tal é a fôrça incontestável da imprensa! A Umbanda se firmou no conceito popular, provocando o respeito e acatamento dos seus adversários mais ferrenhos. A mágica palavra Unificação *ressoou de norte a sul do Brasil, como verdadeira bandeira renovadora. A êsse movimento, não terá sido alheio certamente o "grupo de trabalho" que Oswaldo Costa — admirável diretor de "O Semanário" do Rio, congregou, acolheu e estimulou: José Alvares Pessoa, da "Tenda Espírita S. Jerônimo"; Nelson Mesquita Cavalcanti, da Tenda Espírita Irmã Elza; Madre Yarandasã, da Ordem Mística Agla Avid, Carlos de Azevedo, do Centro Espírita Damião Diolan e outros*

que não mencionamos aqui para deixar ao leitor o antiprazer espiritual de identificar, proclamar e abençoar os nomes beneméritos.

Êsse "grupo de trabalho" se inspirou num setenário idêntico ao que há sete anos vem Barbosa divulgando e pregando. O postulado da liberdade religiosa é dêsses que não pode mais padecer dúvidas. Mais do que uma conquista, é um patrimônio inalienável do homem e por isso tudo o que atenta contra êle é uma blasfêmia contra o Criador e uma violação do exercício pleno de cidadania.

Trata-se de postulado básico do movimento de emancipação religiosa, consagrado no mundo civilizado e que não pode sofrer nenhuma tergiversação, sofisma ou distorsão. Deus não é privilégio de ninguém e prestar-lhe culto é um direito. Deus está acima de tôdas as coisas, sem sofrer limitação de lugares ou espaço e as diversas modalidades de culto não podem jamais ser confundidas com crimes passíveis de serem repri-

midos com violências policiais ou coersão da liberdade humana.

Terminando, permita-nos Oswaldo Costa que grilemos, do seu maravilhoso prefácio ao livro Umbanda, religião do Brasil, *esta pepita de ouro:*

"Cremos que a espiritualidade brasileira muito ganhará com a leitura dêste livro. O materialismo grosseiro — e queremos nos referir, não ao materialismo filosófico, que se situa no plano da ideologia, e sob muitos aspectos, benéfico à evolução social da humanidade — mas ao materialismo do apetite dos bens materiais em si mesmo — leva ao ceticismo, ao bovarismo, ao egoísmo, ao imediatismo, ao cinismo, que constituem outros tantos modos de degradação da pessoa humana."

Esperamos, pois, ser entendidos no estímulo dado com êste prefácio — à publicação de um trabalho que é obra de fé, escrita por um homem de fé. Obra, portanto, de Caridade e Esperança. Obra de amor.

Saravá, irmão Barbosa! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, o Mestre Divino de todos os crentes. Exalçado seja o nome do Altíssimo, não importa se na bôca de um grande personagem ou na de um humilde Carapina, chefe de terreiro!

GUIOMAR BUSSILI

CAPÍTULO I

O QUE É UMBANDA — ORIGENS — DOGMAS

UMBANDA OU DOUTRINA DA LUZ é uma palavra de origem africana que serve para designar uma forma peculiar de espiritismo religioso, não-kardecista. Como tôda religião organizada e sistematizada, tem a sua DOGM-A-TICA, isto é, conjunto de dogmas ou verdades fundamentais e indiscutíveis da doutrina; sua ÉTICA, ou parte moral, e LITURGIA, ou complexo de cerimônias, do ritual.

Várias explicações têm sido propostas para a origem (ou etimologia) dessa palavra. Há quem atribua a sua origem ao idioma Pali, primeira linguagem humana sistematisada e cujo comêço se perde na noite dos tempos. O mais certo, porém, é que vem da língua BANTU, de KRIM-MBANDA, ciência ou arte de curar, por extensão, a salvação, a saúde espiritual. O primeiro elemento da palavra caiu, ficando apenas MBANDA; e como ocorre com todos os têrmos africanos que começam com som nasal representado pela letra M inicial, acrescentou-se o prefixo U (assim aconteceu com NGANA, NGUÁ, MBAIA, que deram em nossa língua Ungana, Unguá, Umbáia). O mesmo se pode dizer das palavras tupis:

MBOY, MBAUBA, MBBAMBA, que deram Embu, Umbauba, umbamba.

A melhor definição de UMBANDA, com base na sua raíz vocabular, é esta: MB- fôrça, ANDA, luz, isto é, fôrça, poder da luz. Como os primitivos adoravam o sol como manifestação visível de Deus, e o sol é a grande fonte de luz, verifica-se aí uma reminiscência do culto solar, que é no fundo a fonte comum de tôdas as religiões existentes no mundo.

BANTU é o nome de um dos grandes ramos da raça negra africana. Abrange principalmente os angolenses, os congoleses, os cabindas e os de Moçambique. Foi dêsse ramo que se originaram as principais correntes de escravos que vieram ao Brasil. Daí, serem os cultos bantus os que mais influiram na formação de Umbanda no Brasil.

Nêsses cultos, verifica-se o SINCRETISMO (palavra que mais adiante explicaremos) ou aproveitamento de ritos espíritas e católicos. Assim, Umbanda se tornou uma religião mista, em que entram elementos espíritas em grande escala, e católicos, êstes na parte exterior ou LITÚRGICA.

ORIGENS HISTÓRICAS

No ano de 1500, as caravelas dos navegadores portuguêses aportaram à Bahia. O Brasil foi considerado um país de selvagens, e para cá foram

mandados elementos colonisadores. Mas êsses elementos foram os piores e mais perniciosos que existiam em Portugal: criminosos de todo tipo, desertores, desordeiros... Êsse foi o motivo pelo qual as capitanias em que foi dividido o país descoberto não progrediram. Havia muita turbulência. A situação pouco melhorou com a vinda do primeiro governador geral, pois com Dom Tomé de Souza vieram 400 degredados. Eram em sua maioria condenados à morte, que se prontificaram a trocar a fôrca pelo destêrro, visto que outra alternativa não tinham.

Com o decorrer dos tempos, à medida que aumentavam as necessidades de trabalho, êsse tipo de braços não interessando e não tendo sido possível escravisar o índio, os colonisadores tiveram de lançar mão do recurso da importação de escravos. O grande celeiro era a África. E assim começaram a vir as grandes levas trazidas nos navios negreiros já tantas vêzes descritos em prosa e em verso ou revividos pelo cinema.

Entre a turba de escravos ignaros vindos para o Brasil, incluiam-se alguns sacerdotes das religiões africanas. Êsses sacerdotes, em aqui chegando, cuidaram de preservar os seus ritos.

Procurando identificar-se com a nova moradia, o negro foi tratando de restabelecer velhos hábitos. De noite, no silêncio dos terreiros das Fazendas, enquanto seus algozes dormiam ou se entregavam a tôda sorte de devassidões, reuniam-se para invocar

seus deuses. E então subiam na neblina da noite os cantos plangentes, as queixas, as orações pedindo fôrças para suportar o martírio da escravidão.

É lógico que, ausentes do seu meio natural, êsses anônimos construtores da civilisação brasileira tivessem deturpado o rito a que chamavam UMBANDA e ao qual pertencia a maior parte. Outras seitas traziam sua infiltração. E uma nova religião, diferente de tôdas as outras ia se erguendo. Curioso que, em vez de ser absorvida pela religião dominante, pelo contrário ela é que absorvia os seus pontos mais lindos e sublimes, e assim Jesus e o Evangelho, de que jamais êsses pobres negros tinham ouvido falar no seu longínquo e bárbaro continente, passaram a ter parte preponderante na UMBANDA.

Vinda a libertação dos escravos, a religião de origem negra já não tinha porque esconder-se no recesso das matas. Além do mais, poucos meses depois, proclamava-se a República e em 1891 tínhamos a primeira Constituição brasileira a proclamar a liberdade dos cultos e a separação da Igreja e o Estado.

Mas ao mesmo tempo, o mundo inteiro se via surpreendido com o interêsse despertado pelos fenômenos espíritas. Allan Kardec coodificara os ensinamentos espíritas e os sistematisara ao gôsto ocidental. Começaram a surgir no Brasil os grandes estudiosos dos fenômenos metapsíquicos. Foi quan-

do os cultores de Umbanda verificaram a identidade de princípios que norteavam a sua própria doutrina e os kardecistas. Com efeito, tanto em umbanda como no kardecismo, acredita-se na reincarnação, na comunicação com os desencarnados, na libertação dos seres terrenos das influências dos larvados do Espaço, doutrinando, corrigindo e guiando os espíritos atrasados; na correção gradual e gradual evolução rumo à perfeição divina; e no princípio da Justiça e do Amor de Deus.

E assim, a mesma religião que já houvera bebido elementos essenciais no Catolicismo, e se cristianisara, assimilou as novas conquistas científicas representadas pelo espiritismo, para tornar-se a RELIGIÃO DO BRASIL por excelência. Contendo no seu seio contribuições do branco, do negro e do índio, síntese portanto das aspirações espirituais da nação, vera "Flor amorosa das três raças tristes", a Umbanda firmou enfim seu critério e se encaminhou decididamente para um apuramento dogmático e litúrgico próximo da pureza total e da ortodoxia que caracterisa as grandes religiões universais.

UMBANDA sobreviveu a todos os processos violentos, à perseguição dos feitores e dos padres coloniais, às tentativas de subôrno, aos processos, às legislações arbitrárias, às deturpações de todo tipo. UMBANDA é hoje uma religião respeitável e que exige para si o mesmo acatamento e reverência que se dá às demais religiões no Brasil. Tão digno de acata-

mento e respeito é um babalaorixá ou "pai de santo" quanto um padre católico ou um ministro evangélico ou um rabino israelita ou um "dervixe do "Dharma" indiano. Relembremos que Deus não é monopólio de ninguém, nem o seu culto é privilégio dêste ou daquêle. Desde que sinceras e inspiradas no coração, tôdas as formas de serví-lo e de amá-lo, ou de cumprir as suas leis de caridade e amor lhe são agradáveis.

DOGMÁTICA

UMBANDA é uma religião essencialmente evolutiva. Para ela, todo o universo está perpètuamente em movimento e em marcha para a Perfeição Suprema que é Deus.

Os mais obscuros organismos minerais marcham para o vegetal, o vegetal para o animal, o animal para o humano, o humano para escalas superiores, rumo ao divino.

A lei fundamental de UMBANDA é:

> RESPEITO A OBRA DA CRIAÇÃO, AMOR AO PRÓXIMO, CRENÇA EM DEUS E NUMA ALMA IMORTAL

Seus principais dogmas — ou verdades básicas, imutáveis — são:

1.º — A existência de um Deus Supremo e Único, Onipotente e Onipresente.

2.º — A evolução, em escala ascendente do inanimado ao animado, do inerte ao movente, do inconsciente ao consciente, da treva à luz, o aperfeiçoamento espiritual constante, através da dor e o sofrimento, rumo à Aruanda ou região celestial onde assentam morada os seres espirituais mais elevados. Esta evolução se processa por meio de sucessivas *encarnações materiais*. A isto é que chamamos LEI DA REENCARNAÇÃO OU DOS RENASCIMENTOS.

3.º — A existência de espíritos não encarnados — ANJOS, DEVAS ou ORIXÁS — hieràrquicamente superiores aos homens e inferiores aos Mestres ou Aruandas, que acompanham e protegem o homem contra as investidas do mal.

4.º — A imortalidade da alma humana.

5.º — A comunicação entre os seres da natureza e dos espíritos com os homens por meio dos MÉDIUNS ou CAVALOS.

6.º — A lei do amor ao próximo ou prática da caridade e solidariedade humana como base de um mundo melhor, mesmo num plano de imperfeição como é a Terra pela qual incidentalmente passamos agora.

7.º — O reconhecimento de que tôdas as religiões são ráios diversos de uma mesma luz, sendo a Umbanda a síntese de tôdas elas, mas em tôdas se contendo a Verdade Única sumarisada na REGRA-SÍNTESE:

AMAR A DEUS SÔBRE TÔDAS AS COISAS E AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO

Note-se que são sete êsses fundamentos; o número SETE é, como veremos, um dos mistérios — ou MIRONGAS — de Umbanda, como de tantas outras religiões; trata-se do número místico por excelência.

Dentro dêsses SETE princípios ou dogmas enquadram-se os SETE fins terrenos da Umbanda, a saber:

1.º — Praticar a caridade, a fraternidade, o bem, a tolerância.

2.º — Evidenciar a imortalidade da alma.

3.º — Comprovar a reencarnação.

4.º — Propagar a palavra de Jesus e dos grandes Mestres da humanidade, contida na Bíblia e nas comunicações astrais ou mediúnicas.

5.º — Promover o respeito e o culto à natureza criada por Deus.

6.º — Harmonisar o homem com o seu Orixá ou protetor.

7.º — Preparar o homem para uma vida melhor aqui e na ascensão até a Aruanda luminosa.

Examinemos agora em separado cada um dêsses objetivos.

I — PRATICAR A CARIDADE

Êste é o dever social número um do verdadeiro umbandista. Devemos cumprir êsse preceito ajudando o nosso semelhante em tôdas as oportunidades quer socorrendo-o em suas necessidades materiais, quer consolando-o e alentando-o com palavras de estímulo nos seus sofrimentos espirituais, quer perdoando-lhe as faltas e erros e procurando indicar-lhe o caminho certo. Não devemos censurar o homem que cai vítima de um vício e sim procurar curá-lo. Por exemplo, com os que bebem, devemos partir do princípio de que alcoolismo é uma doença e não um crime e assim, o que se deixa dominar pela bebida é um doente que deve ser curado e não um malfeitor que necessita ser castigado: já o vício em si é um terrível castigo! Devemos ter paciência com os ignorantes, com os que nos censuram ou nos combatem por não conhecerem a elevação de nossas idéias ou por despeito. Devemos estar sempre alerta para ajudar os mais fracos, o pobre, o velho, a criança, a viúva, o órfão, o aleijado. Por outro lado, façamos o bem sem humilhação, sem apregoar e sem ostentar: não sejamos como aquêles fariseus de que fala o Cristo no Evangelho, que mandavam trombetear tôdas as esmolas que davam. Muita tolerância com os erros do próximo: reconheçamos que nós também somos carne e a carne é sempre fraca.

II — EVIDENCIAR A IMORTALIDADE

A imortalidade é comprovada pelas práticas e trabalhos de terreiros, ou seja, pela mediunidade. Como exemplo, examinemos a manifestação dos pretos velhos, tão comum nos terreiros a ponto de haver uma corrente dentro da UMBANDA que afirma ser o contacto com os PRETOS VELHOS a principal finalidade da nossa religião.

Dado que, como dissemos acima, a evolução do homem se processa pelo sofrimento, e mais pelo sofrimento do que por qualquer outra causa, foi na escravidão, através de lutas e padecimentos sem conta que êsses pretos escravos, já vindos de remotas e sucessivas encarnações aperfeiçoaram mais ainda suas mentes. Eram muitos dêles profundos conhecedores das linhas de magia dos antigos, tanto a magia branca como a negra, e trouxeram consigo êsses conhecimentos embebidos por meio da tradição oral, no recesso das florestas africanas. Assim subiram vários degraus na escala evolutiva. Os horrores do navio negreiro, o infame chicote do feitor, as humilhações sem conta nos mercados de escravos, a separação brutal dos entes queridos, os vexames na senzala, a degradação social chegada às últimas conseqüências — tais foram as molas e os motores da subida luminosa. Desencarnados, descem agora aos terreiros para orientar seus irmãos ainda menos iluminados, e aguardam o momento de novas encarnações, desta vez em mundos superiores e mais adiantados.

III — COMPROVAR A REENCARNAÇÃO

A prova da reencarnação se faz pela lei da causa e do efeito, ou do Karma.(*) O dogma da reencarnação se opõe ao do "pecado original". Êste dogma romano diz que somos feitos à imagem e semelhança do Pai, por Êle próprio criados, e inclusive nossas almas foram assim plasmadas; entretanto, em dado momento, por culpa de outrem, nossas almas puras saídas das mãos puríssimas do Pai, se enegrecem com o "pecado original".

A reencarnação não pode admitir essa contradição. Sendo todos nós filhos de Zambi (ou Oxalá, ou Deus, Ente Supremo) ao iniciarmos a viagem através da matéria, não somos o MAL e sim a Ignorância, a Fraqueza filha da Inexperiência, a Treva — lado oposto da luz de onde viemos. Somos cercados pela matéria bruta e será por meio dela que devemos suprimir a ignorância e adquirir a sabedoria.

Por outro lado, seria descrer na justiça divina, aceitar a impunidade dos crimes humanos. Quem deve PAGA, não importa se nesta ou em outra vinda a esta Terra.

(*) Karma, ou Carma, o Destino. Mais adiante será dada a definição ampla do vocábulo.

E não se alegue que não é o mesmo corpo que sofre. A isso responderemos que NENHUM CORPO SOFRE. Quem vive as dores, quem registra e interpreta as sensações do mundo exterior ou as emoções do mundo interior, é o Espírito, a Mente. Os nossos atos de hoje é que determinam as nossas alegrias ou tristezas de amanhã. Esta é que é a lei do Karma.

Para o UMBANDISTA, o presente que é ou deve ser gera o futuro que será ou deverá ser. Esta afirmativa nos leva a um tema que tem suscitado vivas controvérsias: o LIVRE ARBÍTRIO.

Parece à primeira vista que a lei do Karma redundará no fatalismo dos antigos, ou no "determinismo" tal como o aceitam os muçulmanos, para os quais tudo o que nos acontece já estava de antemão estabelecido. É o ANANKÉ dos gregos, o Destino inexorável a cujos ditames nem os deuses podem fugir. Sendo assim, ficaria sem sentido a expressão LIVRE ARBÍTRIO. Para nós umbandistas, o homem dispõe, sim, do livre arbítrio, quer dizer, gosa de relativa liberdade de ação, podendo escolher entre a prática do bem e do mal, entre a renúncia aos apetites materiais e o chafurdamento nos grosseiros prazeres da carne, entre o abreviar ou prolongar seu processo evolutivo, entre a virtude e o vício, entre a limpesa e a corrupção, entre as belezas do desprendimento e a hediondez do egoísmo.

Os mestres de Umbanda, os caboclos e pretos velhos não se propõem a modificar a lei nem a

carregar a cruz de ninguém. O que fazem é exercer a caridade, ensinando, guiando, amparando através do aparêlho físico do médium, que por êsse modo também está praticando a caridade. Quem deve pagará. Mas na ação do pagamento — isto é, nas sucessivas reencarnações — pode contar com a Umbanda, que dará ao caminheiro cansado coragem, consôlo e alento para prosseguir. A teoria das reencarnações é das mais sublimes, por envolver em si a idéia da Justiça e da Misericórdia divina, a primeira reprimindo o êrro, a segunda promovendo os meios de reabilitação.

IV — PROPAGAR A PALAVRA DIVINA

De muitas maneiras poderemos propagar os ensinamentos vindos da Luz. A primeira e mais importante é por meio da caridade. Tôda vez que espalharmos o bem estaremos propagando partículas da fôrça divina. Devemos outrossim ouvir os ensinamentos dos pretos velhos e dos caboclos, nas tendas e terreiros. Êstes ensinamentos na maioria das vêzes vêm sob a forma de mensagens, que quando escritas se chamam "psicografadas" e que também recebem o nome de "comunicações astrais", por virem de outros planos exteriores ao astro em que vivemos, portanto de outros astros.

O vero Umbandista deve ler muito. Ler a Bíblia, que é a palavra de Deus vinda dos antigos.

Ler todos os seus setenta e dois livros, divididos em duas partes: O Velho Testamento e o Novo Testamento. Ler principalmente os Salmos, que têm fôrça mágica.

V — Respeito e culto à natureza

Na magia da natureza, encontramos o Sol, o astro-rei, que controla tôdas as fôrças cósmicas do próprio sistema planetário. E vemos a influência que a Lua exerce sôbre as águas, os ventos, as plantas e os próprios seres animados. E vemos enfim a obra do Criador estender-se por tôda a parte, ora meiga como o arrulho da pomba e o cantarolar dos riachos, ora terrível em suas manifestações como o troar dos vulcões ou o desencadear da tempestade. Consiste o culto à natureza na compreensão de que os elementos não são mortos e sim animados de um sôpro de vida como nós próprios. Assim, a pedra, o rio, a cachoeira, o mar, o sol, a lua, o areial, o vento possuem alma, são os "elementais" ou espírito puro. As árvores e os animais, a humilde grama rasteira, os ínfimos insetos são outras tantas manifestações visíveis do mesmo Deus como os planetas e as majestosas montanhas. Neste particular, Umbanda se identifica com o chamado "Panteísmo", doutrina que vê Deus em tudo, na natureza e no céu, na borboleta e no homem, na voz dos regatos murmurejantes ou no estrondo dos ráios...

VI — Harmonia do homem com seu orixá

Esta harmonia pode se obter de duas maneiras:

1 — Pelo procedimento reto, concordante com a do Orixá. Temos que copiar as suas virtudes predominantes. Assim, não se justifica que alguém que tenha como guia um Preto Velho, cuja principal virtude é a humildade, seja arrogante, negue os princípios do amor, da paciência e do sacrifício. Ou ainda que um irmão sob a égide de Yemanjá, que é a Pureza, seja dissoluto, prêsa dos vícios, do egoísmo e da ambição material.

2 — Pelos ritos. — Como veremos na parte litúrgica, cada orixá tem a sua côr, o seu amalá (ou oferenda), suas características rituais. Devemos conhecer à exata a simbologia do respectivo orixá, para prestarmos a cada um dêles a prova exata de respeito e veneração.

VII — Preparo para uma vida melhor

A umbanda, já o dissemos, e nunca será demais repetir, é uma doutrina evolutiva, isto é, quer sempre o melhor. Ela própria, como doutrina, tem passado por transformações sempre visando aperfeiçoamentos. Era a princípio uma religião fetichista e politeista, isto há muitos milhares de anos; foi se polindo e se joeirando até chegar ao adiantadíssimo grau em que se encontra.

Assim também o mundo. Os que se queixam de que os tempos são maus e acham que tudo vai de mal a pior devem perder algum tempo estudando a história do passado humano. Veremos as épocas bárbaras, em que o homem era a verdadeira fera de seu irmão, os julgamentos eram sem defesa, cortava-se uma cabeça ou um braço por dá cá aquela palha. E havia as guerras desumanas, bárbaras, em que não se respeitava nada, nem crianças, nem velhos nem mulheres. Hoje, já se fala abertamente em PAZ UNIVERSAL, pelo menos já se admite a possibilidade de os homens viverem todos em paz, sem os horrores das matanças coletivas. Houve um tempo em que o leproso era considerado um criminoso, um marcado da vingança de Deus e porisso repelido e injuriado. Hoje, a lepra é uma doença curável, o hanseniano é cuidado com carinho e bondade cristã até a cura total.

Temos que pregar constantemente a paz universal, a tolerância entre os homens, o espírito de fraternidade. Que cada um respeite a crença alheia. Cessem de vez as perseguições religiosas como já cessaram as raciais e filosóficas. Cuidemos de nosso aperfeiçoamento moral, espiritual e corporal e auxiliemos os nossos semelhantes a fazer o mesmo. Isso é que é trabalhar POR UM MUNDO MELHOR. E esta é uma das finalidades da nossa religião.

E será nesta maravilhosa síntese de tôdas as demais finalidades que poderemos desfrutar das boas

coisas desta vida — saúde, bem estar, consciência tranqüila, amor, amizade, respeito dos demais — e ao mesmo tempo aplainar as dificuldades das futuras reincarnações.

AS LINHAS

Na teogonia umbandista, há a Grande Unidade, como em tôdas as religiões monoteístas. Chama-se Zambi e corresponde a Jeová ou Iavé dos israelitas, ou ao Pai Eterno do cristianismo. Zambi se desdobra em três personalidades, como a Santíssima Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo) do cristianismo ou ao Ternário Indiano (Brama, Vichnu, Siva).

Essas personificações são:

OBATALÁ — de caráter bi-sexual, simbolisa as Energias Criadoras da Natureza. Representa a dualidade das Leis de Magia: o polo positivo-masculino e o polo negativo-feminino. É também a ação e a inação. O Ativo e o Passivo.

Obatalá é o Deus criador. Não tem representação material ou imagem; apenas é invocado. Como princípio masculino nos pontos cantados à Obatalá-rei babá (pai). Como princípio feminino: Orixalá-rei ou Mãe de Deus. Simboliza a riqueza e a fecundidade. Preside ao desenvolvimento da criança no útero materno.

IFÁ — Também não tem representação ou imagem material. Corresponde no cristianismo ao Espí-

rito Santo. Preside o futuro, a magia, a Vida, o ato fecundador.

OXALÁ — Simbolisa o Filho de Deus, e como tal, corresponde no cristianismo ao Cristo. Na mitologia grega seria Apolo. Preside à Criação, à regeneração, à transformação, à elevação, ao sacrifício, aos atos de amor puro, à caridade, à nobreza de caráter.

Se bem que Zambi e o seu princípio trinário, que é dêle indissociável, sejam universais, isto é, onipresentes, encontrando-se tanto na estrutura do átomo como nos grandes mundos estelares que à noite vemos tremeluzir no firmamento por cima de nossas cabeças, há um núcleo central que é tido como a sua morada permanente: chama-se ARUANDA ou reino da luz.

Nós, os simples mortais, não sabemos, jamais chegaremos a saber neste plano, onde é que se localiza a Aruanda. Talvez nos recessos do infinito, lá onde os "sputiniks" e outros engenhos humanos jamais poderão chegar, talvez aqui mesmo, numa quarta dimensão inacessível aos nossos sentidos que mal se movimentam num mundo corpóreo de três dimensões...

O Unitário ali se desdobra no Ternário (trindade). O Ternário se soma com o Quartenário e dessa reunião (3 + 4) sai o Setenário, que é a Síntese Universal ou Variante da Unidade.

Dissemos acima que um dos mistérios ou MIRONGAS de Umbanda é o número Sete. Corrijamos agora para dizer que é o de tôdas as religiões. Tôdas as escolas assim o consideram, desde a mais remota antigüidade, e o Sete é assim o símbolo cabalístico mais notável. Senão vejamos:

As 7 fôrças fenomênicas, as 7 vogais, as 7 côres do arco-iris, as 7 notas musicais, os 7 princípios do homem, os 7 dias de duração da Criação, os 7 dias da semana, as 7 qualidades do Divino, as 7 maravilhas do mundo antigo, os 7 sábios da Grécia, os 7 passos penosos de Cristo, as 7 palavras pronunciadas no alto da cruz, os 7 pedidos do Pai Nosso, as 7 cabeças da hidra de Lerna, as 7 aberturas de nosso crâneo, os 7 degraus maçônicos. No Apocalipse temos: 7 igrejas, 7 espíritos, 7 selos nos livros do profeta, 7 anjos, 7 trombetas, 7 cabeças da Besta, 7 candieiros, 7 lâmpadas, 7 estrêlas. De 7 em 7 são as fases crescentes e decrescentes do homem (da infância à velhice). Há os 7 dons do Espírito Santo, as 7 verdades fundamentais da Umbanda, as 7 finalidades (conforme o explicado anteriormente), etc.

Por isso, Aruanda se compõe de sete linhas principais, com sete vibrações originais irradiadas e ordenadas pelos sete orixás de cada linha.

Vejamos quais são essas sete vibrações.

1 — Vibração de Orixalá (ou Oxalá)
2 — Vibração de Iemanjá

3 — Vibração de Xangô
4 — Vibração de Ogum
5 — Vibração de Oxóci
6 — Vibração de Yori
7 — Vibração de Yorimã.

I — Linha de orixalá

ORIXALÁ ou OXALÁ (forma sincopada, isto é, que sofreu síncope, que gramàticalmente é a perda de uma sílaba ou letra no meio da palavra) tem os seguintes significados primitivos: A Luz do Senhor Deus; a Luz do Fogo Divino; o Clarão do fogo divino; a luz do Senhor Oculto; Reflexo da Luz do Senhor.

Esta linha tem a chefia ou supervisão de JESUS, o Cristo. Corresponde no paganismo greco-romano a Jove ou Júpiter; seu dia de semana é domingo (dia do Senhor). Sua côr é a branca. Nota musical: Mi. Vogal: A, que é o início, a síntese das demais, o som básico. O astro que corresponde a esta linha ou vibração é o SOL. Tem seu ponto intermediário no anjo GABRIEL, o Gabarael das línguas antigas, e que foi o portador ou mensageiro da palavra de Deus na Bíblia. Foi o mesmo que falou a Maria Santíssima e se correspondeu com Maomé.

Esta vibração Original tem como Orixás Principais, não incorporantes (isto é, que não se incorporam, não se manifestam através de médiuns diretamente) e dirigentes de suas sete legiões os seguintes:

1 — Caboclo Urubatão da Guia
2 — Caboclo Ubirajara
3 — Caboclo Ubiratã
4 — Caboclo Aimoré
5 — Caboclo Guaraci
6 — Caboclo Guarani
7 — Caboclo Tupi.

Esclareçamos que em Umbanda, a palavra "caboclo" serve para designar entidades que em sua passagem eventual pelo plano terreno assumiram a forma de índios. Possìvelmente seriam conhecidos por outros nomes na África ou na Oceania.

Êstes têm como seus subordinados 49 orixás intermediários (7 para cada um) chefes de falanges, e 343 orixás menores, chefes de sub-falanges. Os orixás intermediários e os orixás menores tomam na prática os nomes dos Orixás principais para dirigirem os demais componentes da Linha. Assim, quando num terreiro se diz que baixou o Caboclo Tupi, fiquemos certos de que desceu um espírito da sub-falange da falange da sétima legião da linha de Oxalá.

As sub-falanges são divididas em 7 agrupamentos chefiados por Guias; os agrupamentos por sua vez são divididos em 7 núcleos, tendas ou terreiros, chefiados pelos *protetores*.

Assim, em resumo:

Há 7 linhas, chefiadas pelos Orixás Máximos.

Há 49 legiões, chefiadas pelos Orixás Principais.

Há 343 falanges, chefiadas pelos Orixás intermediários.

Há 2401 sub-falanges, chefiadas pelos Orixás menores.

Há 16.807 agrupamentos chefiados pelos Guias.

Há 131.649 núcleos chefiados pelos Protetores.

Importante é saber que as Sete Variantes da Unidade, Vibrações Originais ou Linhas, têm entre si um "entrelaçamento coordenado" através de seus militantes afins, que se chamam "intermediários diretos".

1 — As sete entidades (ou legiões) que tomam o nome do Caboclo Urubatão da Guia não são intermediários. São como que guardiães da própria linha, dela não saindo.

2 — As sete entidades que tomam o nome do Caboclo Ubirajara são intermediários para a linha de Iemanjá.

3 — As sete entidades que tomam o nome do Caboclo Ubiratã são os intermediários para a linha de Yori.

4 — As sete entidades que tomam o nome de Caboclo Aimoré são os intermediários para a linha de Xangô.

5 — As sete entidades que tomam o nome do Caboclo Guaraci são os intermediários para a linha de Ogum.

6 — As sete entidades que tomam o nome de Caboclo Guarani são os intermediários para a linha de Oxoci.

7 — As sete entidades que tomam o nome do Caboclo Tupi são os intermediários para a linha de Yorimá.

Vamos repisar um princípio, por ser muito importante: os espíritos militantes da Lei de Umbanda só usam os mesmos nomes de seus chefes de Legiões quando são exclusivamente do primeiro plano, ou seja, até a função de chefes de sub-falanges. Daí para baixo não seguem mais esta regra.

II — Linha de yemanjá

IEMANJÁ ou YEMANJÁ tem os seguintes significados primitivos: Princípio duplo gerante, a energia geradora, os elementos geradores, o Eterno Feminino, o Princípio das Águas.

Esta linha tem a supervisão da Divina Mãe do Universo, na religião católica correspondente a Nossa Senhora e na Teosofia é a Mãe Sofia. Corresponde na mitologia greco-romana à Juno ou a Venus. Seu dia de semana é segunda-feira (dia da lua). Sua côr é amarela. Nota musical: si. Vogal: ã (nasal). Astro: a lua. Tem seu ponto intermediário

no anjo Rafael, que é outro grande mensageiro de Deus na Bíblia, tendo servido de guia a Tobias moço.

Esta vibração original tem como orixás principais, não incorporantes e dando nome aos chefes de falanges e sub-falanges, os seguintes dirigentes de legiões:

1 — Cabocla Iara ou Mãe d'Água
2 — Cabocla Indaiá
3 — Cabocla Nanã Burucun
4 — Cabocla Estrêla do Mar
5 — Cabocla Oxun
6 — Cabocla Inhassã
7 — Cabocla Sereia do Mar.

Damos agora os nomes de algumas caboclas que sabemos serem Guias, isto é, chefes de agrupamentos:

Cabocla Guiomar, Cabocla Jandira, Cabocla Jupiara, Cabocla Jupira, Cabocla Jacira, Cabocla da Práia, Cabocla Irê, Cabocla Juçanã, Cabocla Sete Ondas, Cabocla Estrêla d'Alva.

A Linha de Iemanjá tem os seus intermediários para as demais linhas, sendo os mesmos chefes de legiões, a saber:

1 — Cabocla Iara e Mãe d'Água (as dêste nome não são intermediárias, ficando como guardiãs da Linha).

2 — As sete entidades que tomam o nome da Cabocla Indaiá são intermediárias para a linha de Yorimã.

3 — Entidades com o nome da Cabocla Naná Burucun são as intermediárias para a linha de Yori.

4 — Cabocla Estrêla do Mar — intermediárias para a linha de Orixalá.

5 — Cabocla Oxun, intermediárias para a linha de Oxoci.

6 — Cabocla Inhaçã, intermediárias para a linha de Xangô.

7 — Cabocla Sereia do Mar, intermediárias para a linha de Ogum.

A Vibração Original ou Linha de Iemanjá toma em alguns ritos outros nomes, como por exemplo Linha das Águas.

III — Linha de Xangô

XANGÔ tem os seguintes significados primitivos: Movimento de Vibração da Energia Oculta, o Raio oculto, a alma ou Senhor do Fogo, o Dirigente das Almas. Na religião católica, corresponde a São Jerônimo, havendo alguns pais de santo que cultuam nêle a São João Batista. Corrresponde na mitologia greco-romana a Vulcano. Seu dia de semana é quinta-feira (dia de Júpiter). Sua côr é o Verde. Nota musical: SOL. Vogal: O. Astro: Júpiter. Seu mediador: Miguel, que é considerado o príncipe dos Arcanjos.

Esta vibração original tem, como as demais, suas legiões, falanges, sub-falanges, agrupamentos

e núcleos. Os chefes de legiões, ou orixás principais são:

1 — Xangô-Caô
2 — Xangô Sete Montanhas
3 — Xangô Sete Pedreiras
4 — Xangô da Pedra Preta
5 — Xangô da Pedra Branca
6 — Xangô Sete Cachoeiras
7 — Xangô Agodô.

Eis os nomes dos mais conhecidos caboclos que são GUIAS desta linha, como chefes de agrupamentos que são:

Caboclo Cachoeira, Caboclo Junco Verde, Caboclo Gira-Mundo, Caboclo Cachoeirinha, Caboclo Sumaré, Caboclo Alofin, Caboclo Rompe Ferro, Caboclo Rompe-Aço, Caboclo Rompe-Fogo, Caboclo Ventania, Caboclo do Vento, Caboclo Urucum, Caboclo Urucutango, Caboclo Embamba, Caboclo Japuruá, Caboclo Pedra Ruiva, Caboclo Rompe-Serra, Caboclo Nazaré.

Linha de Xangô tem como guardiões as entidades da legião de Xangô-Caô e para as demais seis linhas, as entidades intermediárias são:

Xangô 7 Montanhas — *Ogum.*
Xangô 7 Pedreiras — *Iemanjá.*
Xangô da Pedra Preta — *Iorimá.*
Xangô da Pedra Branca — *Orixalá.*
Xangô Sete Cachoeiras — *Oxoci.*

Xangô Agodô — *Iori.*

Xangô em alguns cultos é conhecido com o nome de Xangô-Djacutá (Deus dos Ráios), bem como Xangô Agodô é o nome dado a São João Batista, e Xangô Aganju a São José, etc.

Outro nome desta vibração original: Linha dos Ráios ou Linha da Tempestade.

IV — LINHA DE OGUM

OGUM tem os seguintes significados primitivos: o Fogo Sagrado, o fogo da Salvação, a invocação místìca. Seu chefe é o São Jorge da Igreja Católica, padroeiro da Inglaterra, santo guerreiro. É a linha das Demandas da fé, a divindade que, no sentido místico, protege os guerreiros e os lutadores. Corresponde na mitologia greco-romana ao deus Marte. Dia da semana: têrça-feira. Côr: alaranjada. Nota musical: FA. Vogal: U. Astro: Marte. Anjo mediador: Samuel, que traduz o esplendor de Deus.

Esta vibração também tem legiões, falanges, sub-falanges, agrupamentos e núcleos. Os nomes dos chefes de legiões, não incorporantes, são:

1 — Ogum de Lei.
2 — Ogum Iara.
3 — Ogum Megê.
4 — Ogum de Malê.
5 — Ogum Beira-Mar.
6 — Ogum Rompe Mato.
7 — Ogum Matinata.

Eis alguns caboclos mais conhecidos que são guias:

Caboclo Sete Espadas, Caboclo Sete Lanças, Caboclo Sete Escudos, Caboclo Timbiri, Caboclo Tira-Teima, Caboclo Humaitá, Caboclo Rompe-Mato, Caboclo Araguari, Caboclo Icaraí.

Nesta linha, as guardiãs são as entidades de Ogum da Lei, sendo as intermediárias para as respectivas linhas, como segue:

Ogum Iara — *Iemanjá.*
Ogum Megê — *Yori.*
Ogum de Malê — *Iorimá.*
Ogum Beira-Mar — *Xangô.*
Ogum Rompe Mato — *Oxoci.*
Ogum Matinata — *Orixalá.*

Ogum no culto nagô é São Sebastião, nos demais é São Jorge, sendo um dos raros pontos em que a concordância é geral. O culto de Ogum vem dos iorubanos, ou nação da Costa dos Escravos na África, onde significava uma fôrça ou poder oculto sobrenatural e ultra-sensível que as pessoas podem possuir ou transmitir a certos objetos, já por meios naturais, já pela transmissão mediante cerimonial apropriado.

Outros nomes desta Vibração original: Linha das Demandas, Linha do Karma, linha do Fogo da Salvação.

V — Linha de oxoci

oxoci tinha êstes significados primitivos: Ação envolvente dos seres vivos, ou seja, caçador de almas, o que atende à doutrina e promove a catequese. Corresponde no culto católico a São Sebastião e na mitologia greco-romana ao deus Pan (deus da mata). Seu dia: sexta-feira. Côr: azul. Nota musical: RE. Vogal: E. Astro: Venus. Anjo mediador: Ismael, ou princípio fluídico de Deus.

Vejamos agora os sete chefes de legiões cujas entidades são intermediárias para as respectivas linhas, colocadas entre parênteses:

1 — Caboclo Arranca-Tôco (*guardiães*).
2 — Cabocla Jurema (*Yori*).
3 — Caboclo Ararigbóia (*Xangô*).
4 — Caboclo Guiné (*Yorimá*).
5 — Caboclo Arruda (*Orixalá*).
6 — Caboclo Pena Branca (*Iemanjá*).
7 — Caboclo Cobra Coral (*Ogum*).

Vejamos agora alguns dos guias mais conhecidos. Para que não se estranhe se o número dos guias que apresentamos é maior do que os de outras linhas, expliquemos que esta linha é muito usada no Rio de Janeiro, grande centro umbandista, e que Oxoci foi identificado com São Sebastião, o padroeiro da cidade. Daí, a grande popularidade desta linha e os incontáveis centros, tendas ou terreiros colocados sob a égide dos protetores e guias enquadrados nas legiões de Oxoci.

Caboclo Pena Azul, Caboclo Pena Dourada, Caboclo Tupinambá, Caboclo Tabajaras, Caboclo Guaraná, Caboclo Sete Flechas, Caboclo Tupiara, Caboclo Tupiabo, Caboclo Turiaçu, Caboclo Ipojucan, Caboclo Mata Virgem, Caboclo Rei da Mata, Caboclo Rei do Oriente, Caboclo Pery, Caboclo Jundiaí, Caboclo Rompe-Fôlha, Caboclo Paraguaçu, Caboclo Três Penas Brancas, Caboclo Arerê, Caboclo Coqueiro, Caboclo Sete Palmeiras, Caboclo Pena Verde, Caboclo Juremá, Caboclo Corre-Campo, Caboclo Sete Coqueiros, Caboclo Fôlha Verde, Caboclo Três Estrêlas.

Esta linha, como as demais, também é conhecida por outros nomes. É a Linha dos Caboclos, ou primeira da Trilogia: Caboclos — Crianças — Pretos Velhos.

Oxoci é representado como um caboclo usando apenas uma tanga ou urupema branca, com arco e flecha (atributos do caçador) no meio da mata, geralmente com algum bicho de caça ao lado, e encostado ao tronco de uma árvore. Como São Sebastião é também representado com uma tanga e encostado a uma árvore, com flechas no peito a sangrar, esta representação material concorreu muito para o sincretismo aí efetivado.

VI — Linha de yori

YORI significava primitivamente o Santo Sacrifício. O Verbo de Deus, a Vitalidade saindo da luz

ou da energia, e tem sua correspondência, no culto católico, a São Cosme e Damião ou Santos Gêmeos; na mitologia greco-romana, corresponde a Castor e Pollux (filhos de Júpiter e de Leda). Esta linha gosa de grande popularidade, tendo recebido numerosas outras designações, como Ibeiji, linha dos Curumis, dos Candengos, do Oriente, etc.

Seu dia: quarta-feira. Côr: vermelha. Nota musical: DO. Vogal: I. Astro: Mercúrio. Anjo mediador: Iorel, que significa Potência Reinante de Deus.

As sete legiões de Yori, intermediárias para as demais linhas (citadas entre parêntesis) têm como chefes:

1 — Tupanzinho (*guardiãs*).
2 — Ori (*Iemanjá*).
3 — Yariri (*Oxalá*).
4 — Doum (*Xangô*).
5 — Yari (*Ogum*).
6 — Damião (*Oxoci*).
7 — Cosme (*Yorimá*).

Esta vibração original, como já vimos, tem numerosas outras denominações, entre as quais avulta a de LINHA DAS CRIANÇAS. Neste particular, tem como grande protetor o Menino Jesus.

VII — Linha de yorimá

YORIMÁ tem os seguintes significados primitivos ou ocultos: Potência da Palavra de Deus, Ordem iluminada da Lei, Palavra Reinante da Lei. Numa

palavra: A DOUTRINA. Esta linha é composta dos primeiros espíritos que foram ordenados para combater o mal em tôdas as suas manifestações, mòrmente de magia negra. São os orixás velhos, os verdadeiros magos, que velam suas formas kármicas e revestem-se de roupagem metapsíquica de pretos-velhos, distribuindo e ensinando as verdadeiras mirongas de Umbanda.

Na religião católica corresponde a São Cipriano, o santo mago africano, cabendo nela o culto aos grandes doutores de Igreja: São Tomás de Aquino, São Bernardo, Santo Afonso, Santo Hilário, São Leão Magno, São Gregório... É o Apolo dos mistérios greco-romanos, o deus da arte e da ciência, irmão das musas. Seu dia da semana: o sábado. Côr: Violeta. Nota musical: LA. Vogal: o Y ou o U dos franceses (vogal soprada ou aspirada). Seu astro: Saturno. Anjo mediador: Ramael.

Os nomes dos chefes de legiões, com as respectivas linhas a que suas entidades servem de intermediários, são:

1 — Pai Guiné (os dêste nome não são intermediários; guardiães da própria linha).
2 — Pai Tomé (*Orixalá*).
3 — Pai Arruda (*Iemanjá*).
4 — Pai Congo de Aruanda (*Yori*).
5 — Maria Conga (*Xangô*).
6 — Pai Benedito (*Ogum*).
7 — Pai Joaquim (*Oxoci*).

Vejamos agora alguns guias, ou chefes de agrupamentos:

Pai João de Angola, Pai João de Aruanda, Pai Jacó, Vovó Ana, Vovó Conga, Pai Simplício, Tia Chica de Angola, Pai Chico de Angola, Pai Miguel das Almas, Vovó Catarina, Pai Serapião, Pai Congo do Mar, Vovó Cambinda, Pai Mané, Pai Antônio de Angola, Pai Congo Monjolo, Pai Moçambique, Pai Zé da Costa, Pai Fabrício, Pai Jovino, Pai Tomás, Vovó Luiza, Vovó Cambinda de Guiné, Vovó do Pito.

Esta linha recebe muitos nomes, sendo a mais conhecida a de LINHA DOS PRETOS VELHOS. Com ela se encerra o grande triângulo doutrinário que é uma das mirongas de umbanda: Linha das Crianças — Linha dos Caboclos — Linha dos Pretos Velhos.

Há ainda quem a classifique como Linha dos Africanos, e até de Linha das Almas. O nome "Linha de São Cipriano" que ouvimos alhures é intuitivo.

EXUS

Existem na natureza seres inferiores, intermediários entre as grandes fôrças do Bem e do Mal, a que denominamos Exus.

Assim, há os Exus benéficos e os Exus maléficos.

O exu é um espírito imantado à terra; dêle se valem os Orixás, os guias e os protetores para servi-

ços metapsíquicos de ordem subalterna, bem como os espíritos do mal se valem dêles, abusando de sua fraqueza, para ocasionar perturbações. Quando os exus são assim aplicados para interferir nas práticas religiosas ou atrapalhar os atos de fazer o bem, são chamados *zombeteiros*. Correspondem ao *saci* da demonologia brasileira, ou aos anjos (bons ou maus) da teogonia judaico-cristã.

Os exus são incontáveis. Por meio de ritos, de preces, de banhos, etc., temos que evitar a sua influência maléfica e neutralizá-los na disseminação do mal, levando-os a praticarem boas ações ou a concorrer para elas.

Dentro do princípio ocultista do "Tudo o que existe na parte superior existe na parte inferior", embora em forma contraditória, ao antagonismo dos reinos da Luz e da Treva correspondem as legiões das sete linhas de umbanda e as legiões, falanges, sub-falanges e agrupamentos e núcleos do mal.

Pelo fato de se considerar superior a Deus, tendo querido erguer seu trono acima do de Jeová, Lucifer, ou deus supremo do mal, criou sua Trindade Maldita, ou seja, os seres Belzebu e Astarote, em que se desdobra. Trata-se de Exu Rei, Exu Tranca-Ruas e Exu das Sete Encruzilhadas.

Vem depois Exu dos Ventos, Exu Quebra-Galhos, Exu Pomba Gira, Exu das Sete Cachoeiras, Exu Tronqueira, Exu das Sete Poeiras, Exu Gira-Mundo, Exu das Matas, Exu das Sete Pedras, Exu

dos Cemitérios, Exu Morcego, Exu das Sete Portas, Exu das Sete Sombras, Exu Tranca-Tudo, Exu da Pedra Negra, Exu da Capa Preta, Exu Marabá...

São todos espíritos da magia negra e devemos evitá-los a todo transe. Ocasionam doenças, dificuldades financeiras, desarmonias com a família, brigas, traições, crimes, vícios. Contra êles, a nossa luta. Contra o ódio que espalham, o umbandista apõe o amor; à impertinência, a indulgência e tolerância; às dissensões, a harmonia; ao êrro o perdão; à arrogância, a humildade; ao vício, a pureza; ao egoísmo o altruísmo, a fraternidade, a bondade. Tais são as lições do Divino Mestre.

Vamos examinar ràpidamente os sete planos opostos da lei da Umbanda, ou quimbanda pròpriamente dita.

A QUIMBANDA nos meios umbandistas ou mesmo no seu próprio "habitat" é uma coisa confusa, disparatada, denotando ignorância e perversidade por parte de seus praticantes. Confunde-se modernamente em muitos pontos de vista com o moderno CANDOMBLÉ praticado na Bahia, ou com BATUQUE do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Recebe também o nome de MACUMBA.

De modo geral, admitem dentro dela uma LINHA DAS ALMAS (sic) composta de "UMULUNS", espíritos que dizem ter uma forma apavorante, peludos como ursos, usando cornos, bôca enorme e dentes aguçados, tendo como chefe um santo, o São Lázaro, não

se sabendo bem qual dos quatro santos ou bispos com o mesmo nome seja, ou se referem ao Lázaro dos Evangelhos, irmão de Marta e Maria, e que Cristo fêz erguer-se do túmulo quatro dias depois de estar sepultado.

Uma descrição genérica do Exu: possui na cabeça uma luz vermelha, como um archote; traz cáuda e chifres. Tem os pés e pernas de bode, havendo alguns que têm forma de morcego; usa capa preta de fundo vermelho e ostenta um tridente arredondado.

Na realidade, dizem os tratadistas mais sérios, o exu é bem diferente. Suas emanações vibratórias são pesadas, perturbadores seus aspectos fluídicos, suas irradiações magnéticas causam sensações mórbidas ou morbosas e pavor. Aliás o assunto é vasto e dará material para todo um alentado tomo, que talvez, se Oxalá nos permitir e Yemanjá nos amparar com sua fôrça e graça, ainda viremos a escrever.

Quais são os planos opostos ou vibrações negativas coordenadas por Exus?

São os que levam os nomes de seus supervisores, a saber:

1 — Exu Sete Encruzilhadas.
2 — Exu Pomba-Gira.
3 — Exu Tiriri.
4 — Exu Gira-Mundo.
5 — Exu Marabô.

6 — Exu Pinga-Fogo.

Cada um dêstes chefes coordenando de cada plano mais seis chefes, para formar sete chefes de legião. Aqui não se dá, como em Umbanda, a fixação em mais 7 de cada linha para chefiar as legiões.

EXU SETE ENCRUZILHADAS — Corresponde a vibração positiva de Orixalá. Supervisiona seis chefes de legiões a saber: Exu Sete Pembas, Exu Sete Ventanias, Exu Sete Poeiras, Exu Sete Chaves, Exu Sete Capas, Exu Sete Cruzes.

EXU POMBA GIRA — Corresponde com a vibração positiva de Yemanjá. Suas setes legiões subalternas: Exu do Mar, Exu Maré, Exu Maria Padilha, Exu Carangola, Exu Gererê, Exu Nanguê.

EXU TIRIRI — Corresponde à vibração de Yori. Comanda uma legião e as outras seis são assim chefiadas: Exu Mirim, Exu Toquinho, Exu Ganga, Exu Lalu, Exu Veludinho da Meia-Noite, Exu Manguinho.

EXU GIRA-MUNDO — Corresponde à vibração de Xangô. Seus subalternos: Exu Pedreira, Exu Corcunda, Exu Ventania, Exu Meia-Noite, Exu Mangueira, Exu Calunga.

EXU TRANCA-RUAS — Vibração de Ogum. Seus subalternos: Exu Tranca-Gira, Exu Tira-Toco, Exu Tira-Teimas, Exu Limpa-Trilhos, Exu Veludo, Exu Porteira.

EXU MARABÔ — Corresponde à vibração de Oxoci. Suas ligações: Exu das Matas, Exu Campina,

Exu Capa Preta, Exu Pemba, Exu Lonan, Exu Bauru.

EXU PINGA-FOGO — Corresponde à vibração de Yorimá. Subalternos: Exu Pinga-Fogo, Exu Brasa, Exu Come-Fogo, Exu Alebá, Exu Bara, Exu Lodo, Exu Caveira.

Para encerrar: os exus são espíritos na fase de Elementares, que no último ciclo de libertação podem ter várias encarnações, mas continuam necessitando precipitar cada vez mais o próprio Karma, na ânsia de criar as ações e os efeitos que facultam a experimentação e conseqüentes conhecimentos, imprescindíveis ao "verdadeiro despertar consciente do Ego"...

Os exus são tão necessários à Umbanda como os serviçais a seus patrões. Não são, como muita gente pensa, seres irresponsáveis quanto ao sentido que damos ao bem e ao mal. Para êles, êsse conceito faz parte de variações necessárias ao equilíbrio da lei karmânica. Na realidade, são obedientes ao Senhores do Karma, cujos dirigentes no astral superior, ou Reino de Aruanda são os Orixás.

A palavra EXU, segundo a maioria dos estudiosos do assunto, vem de YSHRU, palavra persa que há cinco mil anos foi designada para significar o espírito do mal ou da rebelião contra Deus. Outros a atribuem a EXUD, o rebelado, vocábulo êsse que de resto tira a sua origem do primeiro. Segundo Aloisio Fontenelli, EXUD quer dizer "Povo Traidor". De

passagem, êsse autor tem uma monografia de 243 páginas sob o título *Exu* que é um verdadeiro tratado do assunto. Afora a falta de sistemática na classificação das linhas e legiões dos exus, o trabalho é perfeito. Só não chega a esgotar o assunto porque êste, de tão vasto, se nos afigura inesgotável.

Recomendamos aos veros umbandistas que tomem conhecimento dêste assunto apenas para poder formular suas defesas. Nada de comércio com os exus! Nada de magia negra, ainda que como meio para fins louváveis. Para objetivos do bem, existem recursos do próprio bem. Ajudemos os exus na sua evolução e no seu trabalho de libertação do karma; entretanto, não estimulemos as suas inclinações para o mal, sob risco de sobrecarregarmos o nosso próprio karma e termos castigos terríveis. A lei do karma é implacável: ai de quem lhe transgride os preceitos de ferro!

Damos agora dois quadros: o das sete linhas ou vibrações originais com suas correspondentes no catolicismo e no paganismo, dia de semana, côr, nota musical, vogal, astro e anjo mediador. O segundo é quanto à correspondência das legiões com as linhas. Na vertical a linha a que pertence o chefe da legião, e na horizontal a linha a que suas entidades servem de intermediário. Onde estiver a palavra "guardiães", trata-se de entidades que não saem da própria linha não sendo portanto intermediárias para qualquer das outras.

LINHA ou Vibração original	*Correspondente católico*	*Paganismo*	*Dia da Semana*	*Côr*	*Nota*	*Vogal*	*Astro*	*Anjo*	*Outros nomes*
OXALÁ	Jesus	Júpiter	Domingo	Branco	MI	A	Sol	Gabriel	Linha do Fogo Divino ou Linha de Santo
IEMANJÁ	Maria Virgem	Juno ou Venus	Segunda	Amarelo	SI	Ã	Lua	Rafael	Linha das Águas
XANGÔ	São Jerônimo	Vulcano	Quinta	Verde	SOL	O	Júpiter	Miguel	Linha do Ráio
OGUM	São Jorge	Marte	Têrça	Laranja	FA	U	Marte	Samuel	Linha das Demandas Linha do Karma
OXOCI	São Sebastião	Mercúrio	Sexta	Azul	RE	E	Venus	Ismael	Linha dos Caboclos
YORI	Cosme e Damião	Castor e Pollux	Quarta	Vermelha	DO	I	Mercúrio	Iorel	Linha das Crianças
YORIMÁ	São Cipriano	Apollo	Sábado	Violeta	LA	Y ou ü	Saturno	Ramael	Linha dos Pretos Velhos

	OXALÁ	IEMANJÁ	XANGÔ	OGUM	OXOCI	YORI	YORIMÁ
OXALÁ (Linha do Fogo Divino)	Urubatão da Guia (guard.)	Ubirajara	Aimoré	Caboclo Guaraci	Caboclo Guarani	Caboclo Ubiratã	Caboclo Tupi
IEMANJÁ (Linha das Águas)	Cabocla Estrêla do Mar	Iara ou Mãe d'Água (guardiãs)	Cabocla Inhaçã	Cabocla Sereia do Mar	Cabocla Oxun	Cabocla Nanã Burucum	Cabocla Indaiá
XANGÔ (Linha do Ráio)	X. da Pedra Branca	X. Sete Pedreiras	Xangô-Caô (guardiães)	X. Sete Montanhas	X. Sete Cachoeiras	X. Agodô	X. da Pedra Preta
OGUM (Linha da Demanda)	Ogum Matinata	Ogum Iara	Ogum Beira-Mar	Ogum de Lei (guardiães)	Ogum Rompe-Mato	Ogum Megê	Ogum de Malé
OXOCI (Linha dos Caboclos)	Caboclo Arruda	Caboclo Pena Branca	Caboclo Araribóia	Caboclo Cobra Coral	Caboclo Arranca-Toco (guardiães)	Cabocla Jurema	Caboclo Guiné
YORI (Linha das Crianças)	Yariri	Ori	Doum	Yari	Damião	Tupanzinho (guardiães)	Cosme
YORIMÁ (Linha dos Pretos Velhos)	Pai Tomé	Pai Arruda	Maria Conga	Pai Benedito	Pai Joaquim	Pai Congo de Aruanda	Pai Guiné (guardiães)

CAPÍTULO II

PARTE LITÚRGICA

LITURGIA é uma palavra que vem do grego, significando "trabalho público". Antigamente, segundo lemos em Aristóteles, era uma obrigação de todo cidadão que tivesse renda de mais de três talentos (moeda de ouro) prestar serviço em benefício coletivo, isto é, do *bem social*. Pouco a pouco, passou a ser atributo de religião. Hoje, LITURGIA quer dizer o conjunto das cerimônias eclesiásticas, o ritual.

Tôdas as religiões tem a sua LITURGIA. Ela é que exteriorisa o CULTO. Por CULTO (do latim *cultus, collere* = cultivar, honrar) entendemos, no sentido mais amplo, a expressão do sentimento íntimo com que o homem reconhece a excelência de outro ser (um antepassado, um heroi, um santo, ou Deus). Pode-se mesmo dizer que é um ato de estima. A esta expressão fundamental de estima o culto, no sentido próprio acrescenta também o sentimento de inferioridade e da sujeição do homem perante o ser superior — outro homem ou uma divindade.

Existem várias espécies de cultos.

1 — LATRIA, ou adoração, que faz de Deus o seu objeto por excelência.

2 — HIPERDÚLIA — ou veneração superior. É a que a Igreja Católica dedica à Virgem Maria, portadora de uma santidade em maior escala. No nosso caso, é o culto a Yemanjá, ou às entidades da Linha das Águas, Nossa Senhora tem várias representações dentro da Umbanda: Como Oxum-maré, é Nossa Senhora Aparecida, padroeira nacional do nosso Brasil.

3 — DÚLIA, ou seja, o culto aos orixás e aos santos.

O culto pode ainda ser considerado ABSOLUTO OU RELATIVO.

Diz-se CULTO ABSOLUTO quando termina diretamente em Deus, ainda que por meio da dúlia e da hiperdúlia, isto é, quando em nossas preces ou ritos invocamos Yemanjá ou os orixás.

Diz-se que é RELATIVO, quando diante de uma representação: imagem, relíquia (bengê) ou medalha.

Ainda podemos classificar o CULTO em EXTERNO e INTERNO.

Culto externo é o público, em terreiros, igrejas, na práia, etc. Culto interno é o isolado no próprio quarto, nas camarinhas, etc. Há quem prefira dizer: CULTO PRIVADO e CULTO PÚBLICO, expressões que se explicam por si mesmas.

Como se originou o culto?

Vemos suas raizes em Israel, nos primeiros patriarcas, em Noé rendendo graças a Deus após o dilúvio, por tê-lo salvo e aos de sua família; e vemos o patriarca Abrão adorando a Deus sob a forma de uma pedra. Mas foi sòmente sob Moisés que o culto, e portanto a liturgia, se desenvolveu, até atingir formas adiantadíssimas, com música, incenso, preces.

Não cabe aqui, nos objetivos práticos dêste livro, um estudo sôbre culto e magia. Relembremos entretanto que a semelhança que se verifica em mais de um caso entre as cerimônias religiosas e algumas práticas mágicas, mòrmente nos cultos bantu, nagô e iorubano, não deve fazer concluir que haja identidade inicial de religião e magia. No caso da religião, o fiel se apresenta como ser inferior, suplicando à entidade superior que o atenda, se assim o houver por bem na sua vontade soberana. No caso da magia, o mago não pede: impõe, graças ao manejo das fôrças da natureza, certas leis aos acontecimentos, dirigindo êstes a seu bel-prazer. Assim, o crente que faz uma procissão para implorar a chuva, está fazendo religião; o pagé que faz práticas mágicas forçando, por meio de fórmulas recitadas ou de cerimonial conjurativo a precipitação das nuvens que estão passando no alto, está fazendo magia.

CULTO E SÍMBOLO

Os cerimoniais não têm um valor real e sim meramente são simbólicos — estabelecendo tais símbolos a relação entre a divindade e o adorador. Assim, por exemplo, um banho na cachoeira feito pelo médium não é feito pelo valor real do banho como elemento de limpesa corporal e sim como um símbolo da pureza que se deve ter no contacto com a divindade.

Relembremos agora que os elementos cultuais de uma religião são quatro:

1 — O LOCAL

Temos de cultuar a divindade em locais apropriados, escolhidos adrede, como os templos consagrados a êsse fim. Na África, a mata era o grande templo. Era à sombra dos troncos multisseculares, no silêncio das frondes, que os pais de santos ou sacerdotes negros iam invocar as entidades. Vindos para o Brasil como escravos, continuaram a tradição das clareiras nas pujantes florestas tropicais ou equatoriais. Hoje, fazemos nossos cultos nos "terreiros", que nem sempre são terreiros no sentido material, aproveitando-se para isso casas de moradias ou antigos barracões.

2 — As pessoas

O elemento humano do culto é dividido em duas partes — o sacerdotal e o dos fiéis. O primeiro é constituído pelos chefes de terreiro, babalaorixás, (pais de santo ou sacerdotes), ìàlorixás (mães de santo, madres), pejigãs (zeladores do altar ou peji), ogãs (padrinhos), iaquerequê (mãe pequena), Ianás ou babás (mães de santo, ebomins (filhas de santo), jibonãs (fiscais da cerimônia, cambonos (servidores do orixá), cavalos (ou médiuns), etc. O segundo é constituído pelos *arquirijebós* ou freqüentadores.

3 — O tempo

É o que determina o calendário religioso, as diversas festas do ano, os sistemas de presidência dos dias de semana segundo os orixás (ou as linhas).

4 — Os ritos

Numa linha geral aplicável a tôdas as religiões, se entende por rito a norma que guia o desenvolvimento de uma ação sacra. Esta norma é fixada pela tradição religiosa que de princípio experimentou a eficácia e exige que seja repetida fielmente a fim de que a comunicação entre um indivíduo ou um grupo e a divindade se atue com eficácia dos resultados.

Os ritos podem por sua vez ser divididos em vários tipos:

Ritos de Passagem

São os que presidem a passagem de um lugar, estado ou condição da vida para outro: batismo, casamento, cerimônia fúnebre (axexê). São os ritos que atendem aos sacramentos.

Ritos de Participação

Aquêles que são praticados coletivamente, de comunicação geral com a divindade, quer para agradecer benefícios recebidos, quer para solicitar novos benefícios. São os que habitualmente praticamos nos Terreiros e Tendas. Incluem as preces e os "pontos" (riscados e cantados).

Ritos de Propiciação

São os pedidos particulares, as orações, as promessas. São geralmente acompanhados de oferendas (Amalás, despachos, demandas, etc.).

A liturgia tem suas leis. Ela não é arbitrária, se bem que não seja imutável. Adata-se às circunstâncias de tempo e de lugar, mas não pode se afastar indefinidamente dos modelos que são transmitidos através do sacerdotado, de uma geração para outra.

Infelizmente, não há ainda no Brasil uma codificação da liturgia umbandista. Vamos tentar se-

guir as linhas mestras dos ritos observados pela maioria das tendas e terreiros, no Rio de Janeiro, na Bahia ou em São Paulo.

OS SETE SACRAMENTOS DE UMBANDA

Temos em Umbanda sete sacramentos, a saber:

1 — Batismo.
2 — Confirmação.
3 — Cruzamento.
4 — Ordenação.
5 — Abdatismo, ou abadessado.
6 — Casamento.
7 — Descruzamento ou Bênção da Desencarnação.

Falaremos detalhadamente sôbre cada um dêsses sacramentos, quando tratarmos das cerimônias ou ritos relativos a cada um dêles. São os RITOS DE PASSAGEM, a que acima aludimos.

OS OBJETOS DO CULTO

O culto necessita de objetos materiais para se exteriorisar. Vamos dar uma lista completa dos utensílios, instrumentos e materiais diversos empregados na liturgia umbandista.

Êsses materiais podem ser divididos em BÁSICOS e SECUNDÁRIOS.

Básicos

Pólvora.
Água.
Areia.
Atabaques.
Defumadores.
Banhos.
Giz (ou Pemba).
Contas (ou "Guias").
Imagens.
Leques.
Medalhas e amuletos.
Ponteiros (Espada, Punhal ou Faca).
Sineta e campainha.
Velas.
Sal.

A Pólvora

A PÓLVORA ou FUNDANGA é inseparável dos rituais de Umbanda. Ela tira sua origem do seguinte fato: a pólvora era muito escassa e raríssima, sendo por isso reputada a altos preços, no interior do continente africano. Era a sua fabricação, nos tempos primitivos, um privilégio exclusivo dos grãos-sacerdotes ou babalaorixás, que não confiavam o seu segrêdo a ninguém, sabedores da fôrça terrível que ela representa para o emprêgo do mal, como ocor-

reu com os brancos, que ao descobrirem-na, derivaram-na para as guerras, tornadas muito mais mortíferas e onde a bravura pessoal, o heroísmo perderam sua razão de ser. Assim, representava um supremo sacrifício a sua oferta e tal sacrifício era grato aos espíritos superiores. Dada a alta intenção que presidia à fabricação e queima da pólvora, o seu emprêgo dava em resultado mobilizar fôrças psíquicas de grande alcance e facilitar a comunicação entre o plano terreno e o plano astral. A explosão da pólvora simbolizava a síntese e harmonia de fôrças em contradição.

Já com a vinda dos escravos ao Brasil, onde a fabricação e a guarda da pólvora era confiada aos pretos escravos, êstes podiam obtê-la com relativa abundância. Tornaram-se mais comuns portanto os rituais até então reservadíssimos para ocasiões escolhidas, e pràticamente não havia culto em que não se consumisse a pólvora. Daí o ter ela entrado em definitivo na ritualística de umbanda.

No mundo em que vivemos, para se iniciar ou finalizar qualquer trabalho de magia, em que os elementos se achem em discórdia, faz-se mister a explosão, e esta só pode ser feita através da pólvora. Essa explosão representa um trabalho de limpesa ou de descarga.

Se num trabalho de terreiro aparecessem fôrças que tentem dominar o ambiente, provocando o desentendimento das falanges ou sub-falanges faz-

-se mister que os que estão na direção dêsses trabalhos busquem o que de mais poderoso possuirem, que é a PÓLVORA, mostrando, com sua explosão, que o chefe ou chefes que estão trabalhando se acham aptos e capacitados de sua fôrça, para manterem o ambiente calmo e com suas falanges unidas. É o caso do que dissemos acima, ao estabelecer a diferença entre magia e religião.

Se provierem entidades inferiores de outros terreiros, recebem uma recompensa — oferenda, despacho, etc. — para irem atuar em outros terreiros onde a sua presença não é bem vista, terá que haver simbòlicamente a queima da recompensa. Vale dizer, os espíritos intrusos terão que entrar limpos e dispostos a iniciar uma nova vida em novo ambiente mais elevado. Cabe então a queima da pólvora.

Água

A água, um dos quatro "elementos" dos antigos, fôrça primacial da natureza, bêrço de tôda a vida terrestre, é de uso múltiplo e indispensável em Umbanda. Já não queremos nos referir ao seu emprêgo sob a forma de banho purificador, quer nas cachoeiras, quer no mar, quer como veículo dos *amacis*.

A água é empregada nos cerimoniais e em numerosos trabalhos de magia branca. A água utili-

zada nos trabalhos deve ser a mais pura possível, não sendo recomendável a de reservatórios parados (brejos, lagoas, poças, etc.). Pode se recolher a água da chuva ou as águas correntes de todo tipo.

Água benta é a água acrescida de sal, que a Igreja Católica oferece aos fiéis, depois de devidamente benzida.

Água fluída ou *fluidificada,* também conhecida como *água dos orixás* é a água potável que recebeu vibrações dos guias, quer em terreiros, quer pela exposição ao sereno ou mesmo no *pegi* ou *gongá* a fim de que obtenha qualidades metapsíquicas não existentes na água comum. É interessante notar que depois da fluidificação, a água quase sempre fica adocicada, salôba, amarga ligeiramente ou até mesmo sem sabor algum. Cada modalidade destas é uma indicação diferente da entidade que fluidificou o líquido.

Para se deslocar fluidos pesados, larvas astrais, toxinas psíquicas, usa-se, quer como beberagem, quer como banho, a chamada *água gregoriana*. É uma água potável a que se acrescentou vinho e borralho (cinza) de determinadas madeiras ou ervas.

Água lustral é um poderoso agente terapêutico que se obtém com água potável pura em que se mergulha e se retira imediatamente um ferro incandescente. É além do mais, poderoso deslocador fluídico. Qualidades idênticas tem a *água quinada,*

água em que são triturados os carvões de determinadas madeiras.

Para se utilizar a água da chuva e aproveitar tôda a formidável energia mágica nela contida, não devemos aparar a que passou pelos telhados. A melhor é a que é recolhida em vasilhame de barro ou de vidro em lugar descampado, mòrmente a que vem da chuva forte acompanhada de trovões, relâmpagos e granizo.

Para trabalhos da mais alta magia emprega-se a *água de orvalho,* que é a orvalhada da manhã competentemente recolhida. O melhor processo que utilizamos em nossos trabalhos pessoais é êste: apanha-se uma camada fina e larga de algodão ou pano ralo — máxima limpeza! — que se estende num lugar isolado, ao cair da noite. Fazer uma prece a Yemanjá. No dia seguinte, antes de o sol nascer, apanhar êsse algodão ou pano e espremer em vasilha de barro ou de vidro.

Outro tipo específico de água utilizada nos trabalhos de Umbanda é a *água de Xangô*. Prepara-se deixando uma pedra de ráio (meteorito) ou de cachoeira, ou ainda de gruta (estalactite-estalagmite), de môlho, numa vasilha de pedra, de aço ou de vidro. (Não use vasilha esmaltada!) Expõe-se esta água durante uma noite ao sereno, depois de se cantar o ponto de Xangô ou do guia correspondente. Quem nas últimas vinte e quatro horas teve relações se-

xuais, ou a mulher menstruada, não deverá bebê-la sob graves riscos.

A cerimônia de mudança de água dos potes, copos, etc., que se faz nos terreiros chama-se *Água de Oxalá*. Essa água é recolhida pelas filhas de santo e também se denomina *purificação do terreiro*.

Há enfim um tipo de água empregada em cerimoniais individuais de umbanda: é a *água de barreira* ou *liquada*. Preparar-se-á enchendo uma lata de cinza, com furos ao fundo para a água escorrer. A lata é posta numa calha de zinco ou de madeira, casca de árvore, etc.; deita-se água por cima, e apara-se-a na ponta da calha. Dá um líquido de côr vinhosa, que se emprega para o fabrico de sabão. Êste líquido, depois de ritualmente preparado, serve para substituir os sabonetes, nos *amacis*.

Areia

Os GONGÁS (ou parte em que se realizam as sessões) podem ser instalados em casas de morada, em barracões, etc., como é muito comum hoje em dia. Não importa portanto que o chão seja de cimento ou soalhado ou ladrilhado. O que importa é que o princípio da Terra esteja presente e que haja contato direto com êsse grande reservatório de fôrças elétricas e psíquicas. Daí, a necessidade de que o chão do gongá seja coberto de areia. Se o terreiro

estiver na linha de Iemanjá, òbviamente essa areia tem que ser da praia. Se fôr de Orixalá, prefira-se areia de campo fértil ou terreno de lavoura. Se de Xangô, areia de construção ou de pedreira (cascalho fino). Se de Ogum, areia vermelha ou amarela, de piçarra moída. Se de Oxoci, prefira-se terra da mata ou da floresta. Se de Yori, areia fina de quintal. Se de Yorimá, areia de beira de rio.

Uma advertência: essa areia tem que ser recolhida em noite de luar, no dia de semana correspondente a cada chefe de linha. Assim, para Yemanjá, será na segunda-feira, para Ogum na terça, etc. (veja o quadro de correspondência que demos na pág. 44).

Atabaque

De tempos imemoriais vêm os ritos ao som de música. Vemos no *Gênese* que foi um descendente de Caim, de nome Tubalcaim, que inventou os primeiros instrumentos de música. E no *Êxodo* (XV. 20) aprendemos que Maria, irmã de Moisés, tomou nas mãos um pandeiro, depois da passagem do mar Vermelho, e cantou, sendo acompanhada em côro pelas demais mulheres, cada uma com seu adufe ou tamborim: "Cantemos ao Senhor, porque fêz precipitar sua glória, precipitou no mar o cavalo e o cavaleiro". Quanto aos salmos, estão cheios de re-

comendações de que se use instrumentos, mòrmente de percussão, para a glória do Senhor: "Vão adiante os cantores, atrás os tocadores de cítaras, no meio as donzelas tocam tímbales (LVII, 26)"; "Tocai o saltério e pulsai o tímbale (LXXX, 3); "cantai salmos ao Senhor com cítara, com címbales e com saltérios" (XCVII, 5); "Desperte a minha alma e despertem o saltério e cítara" (CVII, 3); "Louvai o Senhor ao som da trombeta, louvai-o com o saltério e a cítara; louvai-o com instrumentos de corda e com o órgão; louvai-o com címbalos sonoros, louvai-o com címbalos ressonantes" (CL, ou último Salmo, 3.5).

E os israelitas tinham um dia, determinado por Deus, que era o primeiro do sétimo mês, chamado "Dia do Som e das Trombetas". É o que lemos no livro *Números,* cap. XXIX. Quanto ao *Levítico,* que é considerado o livro do ritual de Moisés estabelece um sábado, pela bôca do Senhor, que será santo e será o da música (XXIII, 25).

O atabaque, geralmente em número de três, é um tambor de madeira com a cobertura de pele de animal, sua feitura devendo obedecer a determinados ritos ou cruzamentos. Conforme o tamanho, chama-se: RUN (atabaque grande); RUMPI, médio; LÉ, pequeno. O ILU é o atabaque encourado nas duas bôcas. O tocador de atabaque mais importante, ou o chefe dos tocadores, tem o nome de OGAN-NILU. Os demais chamam-se ALABÊ. Como porém geralmente o tocador de atabaque é um só, ou vários que se alternam, sendo um só o que toca de cada vez, o nome ALABÊ ficou para designar também o chefe dos tocadores, o maestro.

Quanto aos toques e ritmos, são conhecidos os seguintes:

ADARRUN — toque de ritmo apressado para chamar qualquer Orixá.

ALUJÁ — toque de ritmo para a dansa sagrada de Xangô.

OLUBAJÊ — Toque de ritmo para a dansa sagrada de Oxoci.

OPANIJÉ — toque de ritmo para a linha dos Pretos Velhos.

AGUERÉ — *ritmo lento, para Iemanjá.*

Defumadores

Outro material indispensável no rito de umbanda é o defumador. Ou melhor, são os DEFUMADORES, pois existem numerosas variedades, segundo os fins a que servem.

Na Bíblia, encontramos a cada passo referência a "cheiros agradáveis a Deus", como o "suave olor" do rito de Noé ao descer da arca (*Gênese* VIII, 21). Ao determinar o modo pelo qual deseja ser adorado, Deus determina a Arão que tôdas as manhãs queime no altar um incenso de suave fragância (Êxodo XXX, 7).

"E o Senhor disse a Moisés: Toma aromas, estoraque e onix, e gálbano de bom cheiro, e incenso lucidíssimo, tudo em pêso igual. E farás um perfume composto segundo a arte do perfumador, manipulado com cuidado, puro e digníssimo de ser oferecido. Êste perfume será para vós uma cousa santíssima. Não fareis composição semelhante para vossos usos, porque é coisa consagrada ao Senhor" (*Êxodo,* XXX, 34). E ao estabelecer a lei dos sacrifícios e das libações, no *Levítico,* o Senhor manda que se queime insenso e azeite, perante o ar, "em memória do cheiro suavíssimo para o Senhor" (VI, 14). E insistindo, nos *Números* diz: "êste é o holocausto perpétuo que vós oferecestes sôbre o monte Sinai, consumido pelo fogo em suavíssimo cheiro... (XXVIII, 6).

O perfume é definido como um agente material com repercussão nos planos Astral, Mental e Espiritual. Quanto à defumação, aceitamos esta definição:

ATO DE DEFENDER E PURIFICAR PESSOAS, OBJETOS E AMBIENTES POR MEIO DA FUMAÇA OBTIDA DA COMBUSTÃO DE UMA OU DIVERSAS PLANTAS CONTRA FORÇAS NEGATIVAS, FLUIDOS PESADOS, MIASMAS PSIQUICOS, LARVAS ASTRAIS E OUTRAS DANINHEZAS DOS ESPÍRITOS DO MAL, AO MESMO TEMPO QUE TONIFICAR O PSIQUISMO DAS PESSOAS ENVOLVIDAS, PARA ATRAIR FATORES POSITIVOS, TAIS COMO SORTE, SAÚDE, PROTEÇÃO, FARTURA, SIMPATIA.

Dentro dessa definição, compreende-se que ao queimarmos determinado ingrediente em nosso terreiro estamos chamando ou afastando tais ou quais entidades boas ou más. Assim, há tôda uma técnica

e arte da defumação que possìvelmente explicaremos em outra obra, por ser assunto extenso demais.

De maneira geral, bastará aqui sabermos que há defumações GENÉRICAS, isto é, que se pode usar sem ofensa ou dano tanto numa sessão pública quanto num axexê ou numa sessão de desenvolvimento mediúnico, e há defumações ESPECÍFICAS, isto é, para determinados orixás, ou para tal ou qual cerimônia.

Não se pode evocar os protetores ou guias que seguem a linha de Iemanjá com o mesmo defumador com que chamaríamos por exemplo a cabocla Jurema, da linha de Oxoci. A Cabocla Sete Ondas (que alguns chamam de Cabocla Ondina) prefere evidentemente um perfume mais suave, mais acorde com a sua condição feminina. Já o guia Caboclo Rompe-Mato, da linha das Demandas (vibração de Ogum), fogoso, impetuoso, combativo, preferirá um perfume mais forte.

DEFUMAÇÃO DA PRIMEIRA LINHA — Para a vibração de Oxalá, há um defumador especial. Antes de usá-la, queimar um pouco de incenso puro, pois o incenso está entre os objetos que foram oferecidos a Jesus Menino, pelos Reis Magos. Usar brasas diferentes.

Usa-se nos terreiros em que os trabalhos são abertos sob a proteção da entidade máxima.

DEFUMAÇÃO DA SEGUNDA LINHA — Para a vibração de Iemanjá, ou Linha das Águas, usa-se um

defumador de volutas mais suaves. É também o defumador de todos os momentos auspiciosos da existência: casamento, batisado, para as noivas, para as formaturas de moças, para as viagens de férias ou veraneio.

Queime-se mirra pura, em brasas diferentes, antes de usá-lo.

DEFUMAÇÃO DA TERCEIRA LINHA — Para a defumação de Xangô, usa-se um defumador de resinas fortes, com cheiro penetrante. Queimar antes alecrim.

DEFUMAÇÃO DA QUARTA LINHA — A linha de Ogum ou das Demandas é igualmente muito forte, requerendo defumadores à sua altura. Conjuntamente, queimar benjoim.

DEFUMAÇÃO DA QUINTA LINHA — Para a vibração de Oxoci, pode ser usado o chamado Incenso Oriental perfumado, em bastões.

DEFUMAÇÃO DA SEXTA LINHA — Para a linha das Crianças ou de Cosme e Damião, há mister de defumador fraco, mais suave ainda que o de Iemanjá.

DEFUMAÇÃO DA SÉTIMA LINHA — A linha dos Pretos Velhos comporta defumador forte, de plantas de origem africana, como a guiné, a arruda, etc.

Os ingredientes para a defumação deverão ser artigos legítimos, sem o que não produzirão o efeito necessário.

Demos agora alguns conselhos esparsos sôbre defumações:

1.º — Nunca faça defumação com fumo (tabaco).

2.º — Incenso é perfume sintético, podendo ser usado sòsinho.

3.º — Benjoim não pode ser queimado nunca sòsinho, devendo ter em sua companhia alfazema, alecrim, aniz estrelado ou herva doce.

4.º — Sempre que fizer uma defumação no Terreiro ou em casa ou em uma pessoa, faça-o sempre juntamente com uma prece ou um ponto cantado. Em casa, abrir tôdas as portas e gavetas dos móveis afim de que possam as vibrações benéficas da defumação penetrar em todo o ambiente.

5.º — Se não encontrar o defumador pronto, no comércio, feito por fabricante de confiança, faça-o em sua casa, utilizando as receitas que daremos em apêndice. Todo Chefe de Terreiro deve estudar com atenção e com auxílio dos guias, as propriedades das plantas, dos perfumes, suas correspondências com os diversos orixás, etc.

6.º — Depois dos perfumes de descarga forte, como arruda, guiné e quebra-tudo, é aconselhável para a abertura e encerramento dos trabalhos, usar apenas incenso com benjoim.

7.º — O maior respeito e acatamento deve acompanhar o umbandista durante a prática da defumação.

Banhos

Em tôdas as religiões, o banho tem sua missão preponderante. Moisés impôs aos hebreus os banhos perfumados com abluções litúrgicas. Cristo simbolizou o banho no batismo, a purificação da alma pela água do rio Jordão.

Na África, clima quente, os sacerdotes de Umbanda levaram a instituição do banho a uma importância de dogma. O mesmo ocorre no nosso país, onde os índios tinham grande cuidado com o asseio corporal, pois sabiam que tôda falta de higiene é uma transgressão da lei da natureza, ocasionando sérias conseqüências pessoais e coletivas, como doença, epidemia, etc. Daí, a importância primacial que há nos banhos, mòrmente os ritos de cachoeira ou do mar.

O BANHO ou AMASSI, também chamado BANHO DE DESCARGA é um banho de limpesa áurica, isto é, do psíquico. Alguns chamam de BANHO DE CHEIRO, por serem empregadas ervas aromáticas.

Sua utilidade é a de desembaraçar o psíquico de fluídos pesados. Há os banhos especiais para determinados trabalhos ou durante o desenvolvimento mediúnico, como também para trazer sorte, saúde, felicidade, fortuna. A composição de cada banho varia consideràvelmente, pois tem sua base na flora tropical, tão rica de essências e ervas aromáticas.

Os Pretos Velhos apreciam muito receitar tais banhos. Vamos ver alguma dessas receitas:

GERAL — Arruda, alecrim, manjericão, mangerona, malva branca, rosas brancas e vassourinhas. Outro, também com sete ervas como o precedente: alfavaca, capim-santo, mangirioba, fedegoso, erva cidreira, hortelã e alecrim.

Êsses banhos se preparam cosinhando-se em água e em lata ou caldeirão bem grande (vinte litros de capacidade), as ervas indicadas. Depois de um banho higiênico, de chuveiro ou de imersão, despejar pelo corpo, do pescoço para baixo, o banho de ervas. Não se enxuga o corpo e veste-se roupa bem limpa.

PARA CURA DE VÍCIOS — Se o paciente está sendo escravo de fortes vícios, como o tabagismo, a bebida, o jôgo, o certo é que está sendo perseguido por exus ou entidades malévolas. Há então a seguinte receita de Pai André (da linha dos Pretos Velhos, ou vibração de Yorimá).

Alho macho (raiz e fôlhas).
Um pedaço de fumo em rama.
Salsão.
Arruda.
Guiné.
Espada de São Jorge.
Erva doce.

Passados três dias, depois dêste banho, aplica-se ao paciente um *banho de proteção* (que mais adiante explicaremos).

PARA CRIANÇAS. Quando as crianças demonstram mal-estar, inquietação ou desassossêgo, tornando-se excessivamente traquinas, com tendência para a daninheza e a desobediência ou malcriação, deve consultar um bom guia. Entretanto, pode se dar o seguinte banho de descarga:

1 — Arruda macho e fêmea.
2 — Fôlhas de Laranjeiras.
3 — Um pouco de mel virgem.
4 — Hortelã.
5 — Uma pitada de erva-doce.
6 — Uma pitada de rosas brancas.
7 — Uma pitada de marcela.

Importante: Para adultos, caso se queira um efeito mais forte pode se acrescentar uma colher de sal grosso. Nunca, entretanto, se põe o sal no cozimento enquanto êste está no fogo. Sòmente depois de retirá-lo é que se adiciona o sal. Pode estar o cozimento quente ou morno, quando se puzer o sal.

No banho infantil não se põe sal, salvo se foi assim indicado pelo guia.

Outro assunto importante: a água servida do banho (a que escorreu pelo corpo do paciente) não deve ficar no chão em lugar que outro possa pisar. Deve-se pôr a água em esgôto de banheiro (na cidade) ou jogá-la em arroio ou riacho ou outra

corrente dágua, no campo. As ervas usadas no banho, depois de coada a água num pano, devem ser empacotadas e jogadas em lugar bem distante, em água corrente ou no mar.

Limpe-se e seque-se bem o lugar onde foi feito o banho de descarga.

BANHO DE PROTEÇÃO — O Banho de Proteção tem como finalidade chamar para perto o "filho da fé" o seu orixá ou protetor.

Logo que o chefe de terreiro ou preparador de médiuns ou ainda, Iniciador dos Filhos da Fé, verificar que o paciente ou candidato à iniciação está "descarregado" por meio do banho como o explicamos no parágrafo anterior, deve ministrar-lhe uma série de banhos de proteção. Outros chamam de ABLUÇÃO DE DEFESA, ou simplesmente ABLUÇÃO.

O melhor banho de proteção é aquêle que, sabendo-se o orixá do neófito, leva as ervas correspondentes ao dito orixá. É o banho harmônico por excelência.

(Ver Banhos e Defumações — págs. 19 a 23).

Giz ou Pemba

PEMBA é uma espécie de giz em forma cônico-arredondada, colorida em diversas côres: branco, vermelho, amarelo, rosa, rôxo, azul, verde e preto.

Serve para riscar pontos e outras determinações ordenadas pelos guias, sendo que, conforme a côr, se pode identificar a Linha a que pertence a entidade. Já conhecemos estas côres e suas correspondências com as vibrações originais ou linhas.

As Pembas legítimas são as importadas da Costa da África. Mas como tais importações infelizmente redundam em mistificações, o melhor é cada chefe de terreiro fabricar as suas próprias pembas, para o que eis a receita:

Toma-se um pouco de carbonato de cálcio (que se compra em farmácias), ou na sua falta, reduz-se a pó o giz escolar. Em separado faz-se uma mucilagem de goma arábica ou de goma alcatira (goma adragante) ou mesmo de caseina, que servirá como aglutinante (péga) ao pó de giz ou ao carbonato de cálcio. Mistura-se bem esta solução gomosa no carbonato de cálcio e a seguir, com a mão, dá-se a forma desejada à pemba, e deixa-se evaporar a água pelo processo natural.

Caso se queira colorida a pemba, é só adicionar na solução de goma a anilina ou tinta da côr desejada.

Como se vê, é uma fabricação que qualquer umbandista pode fazer, e com pouco dispêndio de dinheiro e de tempo, evitando assim cair nas mãos dos vigaristas. Caso seja de muita confiança a casa especializada em que fizer sua compra, ainda se pode admitir.

Como em todo trabalho de alta magia — e nela está incluída a Umbanda — só se usa o artificial em último recurso, devendo ser sempre que possível empregar-se o natural, damos a seguir uma lista de plantas com as quais se pode trabalhar quando houver necessidade de alguma tinta ou colorante. Evita-se assim o uso de anilinas e outros produtos sintéticos, com o que se utiliza o máximo possível de vibrações dessas côres.

ACARIUBA, tinta preta. ANIL, tinta azul. ACHAUÁ, vermelho-escuro. BASTÃO ROXO, roxo. CAIMBÉ, tinta escura. CARAJURU, vermelho. CRUZ DE MALTA, amarelo. CUMATÉ, preto brilhante. ARAÇÁ DOS CAMPOS, roxo. GENIPAPO, azul-escuro e violeta. LIMARANA, amarelo. MACUCO — a infusão das cascas é utilizada como mordente, isto é, fixadora de tinta de qualquer côr. MURICI, avermelhada. URUCUM, idem. Com as côres dadas, obtém-se qualquer outra côr ou tonalidade, bastando fazer as misturas adequadas.

A pemba legítima — a que é preparada com o pó extraido dos depósitos ou sedimentações calcáreas dos montes Calmons ou montes Brancos Kabanda, na África, deve possuir os seguintes requisitos:

1 — Deve ser bem lisa e macia.

2 — Deve ser leve e riscar fàcilmente sôbre qualquer superfície, menos envernizadas ou vidros.

3 — Deve ser frágil e friável, ou seja, fàcilmente quebradiça.

Segundo a lenda, a Pemba era uma linda princesinha, filha do soba Liutabe, que era poderoso e exercia a autoridade sóbre numerosas e aguerridas tribos.

Pemba devia se conservar virgem, para ser ofertada às divindades do reino; mas eis que um jovem estrangeiro penetrou audazmente nos recessos da mata em que vivia a princesa e se enamorou perdidamente por ela. Durante a noite, ambos se encontravam e à luz da lua africana, em plena magia do sertão, trocavam-se as mais ternas juras de amor. O soba descobriu o namoro e mandou degolar o estrangeiro, cujo corpo foi atirado no rio sagrado U-Sil, para que os crocodilos o devorassem. Pemba, em sinal de desespéro, ia chorar junto às pedreiras calcáreas dos montes Calmons ou Brancos, e todo o seu corpo ficava marcado com a branca poeira. A fim de que seu pai não soubesse das suas manifestações de pesar, ia ela se lavar no rio U-sil. Escravas invejosas assistiram ao banho e foram contar tudo ao soba; mas quando êste um dia tentou surpreender a filha, esta se elevou no espaço, deixando atrás de si um rastro branco, luminoso, em forma de tubo. O soba dêsse dia em diante modificou seu caráter sanguinário, passou a tratar com humanidade seus servos e guerreiros, e espalhou-se por tôda parte a notícia do milagre de Pemba. Com êste nome, o simbolismo atravessou gerações e gerações, chegando até nós.

A PEMBA é utilizada nos terreiros, em festas, reuniões e cerimónias. O pó de pemba, espalhado em casa, evita a entrada de elementos malfazejos. Misturado com o pó de arroz e pósto nas faces das moças, atrái simpatia e apressa os casamentos. Um pedido razoável escrito com pemba atrás da porta e formulado com o coração sincero é atendido, como a saúde de um ser da família, a volta de um ente querido, amparo nos estudos, em concursos, disposição para o trabalho, etc. NÃO USE A PEMBA PARA NENHUM DESEJO MALÉVOLO OU FRÍVOLO!

PONTOS RISCADOS E CANTADOS — Mas a pemba é usada principalmente para traçar o PONTO RISCADO.

PONTO RISCADO é o desenho alegórico de cada orixá ou ser espiritual. É como que a sua assinatura ou cartão de visita. Pelo ponto riscado é que as entidades se identificam e manifestam a sua fôrça espiritual. É através do PONTO RISCADO que as entidades se auxiliam mùtuamente e foi através de sua comparação que pudemos harmonizar os quadros das sete linhas ou vibrações originais, estabelecer suas concordâncias, os intermediários, etc.

Olurum ou Zambi (Espírito Supremo) manifestou sua aliança com o homem, depois do dilúvio, "riscando" um sinal no céu, ou seja o Arco-Iris: "Disse também Deus a Noé: Eis que vou fazer minha

aliança convosco e com a vossa posteridade depois de vós, e com todos os animais viventes que estão convosco, tanto aves como animais domésticos e selváticos que sairam da arca e com tôdas as bestas da terra;

"farei a minha aliança convosco e não tornará mais a perecer tôda a carne pelas águas do dilúvio, nem haverá mais para o futuro dilúvio que assole a terra;

"E Deus disse: eis o sinal da aliança que farei entre mim e vós, e com todos os animais viventes que estão convosco por tôdas as gerações futuras;

POREI O MEU ARCO NAS NUVENS E ÊLE SERÁ O SINAL DE ALIANÇA ENTRE MIM E A TERRA". (*Gênese*, Cap. IX, vv. 8-13).

No século IV, quando Constantino, imperador de Roma, deu combate a Maxêncio, foi um verdadeiro PONTO RISCADO o que apareceu no céu, em forma de cruz, e uma legenda assim: IN HOC SIGNO VINCES, com êste sinal vencerás. Não nos esqueçamos também do conhecido signo de Salomão, ou estrêla de seis pontas, verdadeiro ponto riscado da alta magia.

Os pontos riscados podem ser decompostos em três elementos: SINAL (ou FLECHA), CHAVE E RAIZ.

1.º — Chama-se SINAL ou FLECHA o símbolo básico, indicador da linha a que pertence o orixá ou entidade. São em número de sete, um para cada vibração.

2.º — CHAVE é um símbolo complementar para determinar a legião. Cada linha dispõe de 7, sendo portanto 49 ao todo.

3.º — RAIZ é o símbolo que controla e situa as afinidades entre os espíritos. Tem por seu turno três características, mediante as quais saberemos se o espírito que o riscou é chefe de falange, sub-falange ou agrupamento.

Para uma identificação total o espírito traça, conforme a finalidade que o orienta, outros sinais, formando um conjunto que é o PONTO em sua totalidade.

O estudo da Lei de Pemba ou dos Pontos Riscados é dos mais complexos. Êle é fundamental em Umbanda. Mas de RAIZ para a frente, só é ensinado do segundo grau em diante, na escala da INICIAÇÃO (que veremos mais adiante).

No entanto, êstes pontos riscados são sinais que a entidade traça "ao correr da mão", ràpidamente, sem dificuldade, e em muito melhores condições estéticas do que as de uma pessoa leiga que dispusesse de compasso, régua, esquadro, transferidor e borracha.

Todo ponto riscado tem que ser acompanhado pelo correspondente PONTO CANTADO. Assim, deve existir uma perfeita concordância, uma inseparável identidade, entre PONTO CANTADO e PÓNTO RISCADO.

PONTO CANTADO é, pois, o canto de invocação de cada Orixá ou ser espiritual. Corresponde, de

certa forma, ao *Salmo* dos hebreus, ao hino sacro dos gregos e romanos, ou às *antifonias, vésperas* e *aleluias* dos católicos.

O PONTO CANTADO é de suma importância no ritual de Umbanda. É uma evocação e uma invocação, uma fórmula de chamada ou de expulsão, podendo atrair um espírito benévolo ou servir para afastar um intruso ou zombeteiro.

O umbandista ao recitar um PONTO (ou CORIMBA, que é o nome iniciático) está a rezar cantando. Chama assim seus guias, as falanges protetoras que o devem assistir no ritual.

Muitos tratadistas ortodoxos são de opinião que o verdadeiro PONTO CANTADO só pode ser vasado em língua africana (nagô, principalmente, ou congo-angolês). Alegam que assim como os ritos católicos são vasados em latim, que é a língua litúrgica do culto romano, também em Umbanda devemos empregar a língua dos ritos originais.

Mas isto seria demasiado extremismo. Tanto mais que modernamente, já a Igreja permite que os rituais sejam falados nas diversas línguas nacionais. Se já se pode rezar a missa, ou a invocação do batismo, em português, por que haveria de a Umbanda ser mais intransigente?

O importante é que a LEI DA PEMBA seja estudada a fundo antes de ser utilizada. Quem quizer penetrar no segrêdo (ou MIRONGA) dos Pontos Riscados e Cantados, deverá estudar muito a origem

da escrita, os hieroglifos egípcios, a escrita cuneiforme dos assírios e babilônicos, as inscrições astecas, toltecas, maias e de outras civilizações ameríndias, o alfabeto hebráico; deverá enfim ter conhecimento dessa ciência que em conjunto se denomina EPIGRAFIA OU CRIPTOGRAFIA INICIÁTICA, e bem assim, munir-se de conhecimentos de astrologia, de heráldica, de geometria, numerologia e ritual de alta magia. Sem se esquecer dos indispensáveis conhecimentos de harmonia, melodia e contraponto, de Música.

E para concluir, alguns preceitos que devem ser obedecidos rigorosamente:

1 — Não risque ponto à vista de profano ou incréu.

2 — A cruz é o ponto riscado de Orixalá, Nosso Senhor Jesus Cristo, diante do qual todos se curvam.

3 — O umbandista jamais usará pemba negra.

4 — Nunca risque um ponto de trás para diante. A Cruz Swastica era um grande ponto riscado dos magos brancos do bramanismo, e no entanto usada invertida pelos mentores da Alemanha nazista, deu em guerra e desgraças de todo tipo. Riscar um ponto de trás para diante é inverter ou perverter a fôrça da magia. Não basta portanto ver um ponto num livro para riscá-lo sem mais aquela.

5 —Nenhum chefe de terreiro ou pessoa autorizada deverá se atrever a riscar um ponto sem autorização do seu dono.

6 — O mau uso do ponto riscado pode levar a conseqüências imprevisíveis, comparáveis às de um leigo em assuntos de eletricidade entrando numa casa de fôrça e pondo-se a manejar as chaves ou a baralhar os fios, com o que acabará por provocar curtos-circuitos, incêndios e eletrocuções em si ou nos outros. Ninguém se julgue catedrático no assunto. Os conhecimentos terrenos são limitados.

7 — Conforme o trabalho, a cerimônia, o dia da semana ou do mês, assim também o ponto deve ser riscado. Risque com pemba, com o ponteiro na areia, com lápis de côr (vermelho ou azul) no papel, ou com tinta azul. Só o trace com pólvora ou com marafo (bebida) com autorização superior!

Quanto ao ponto cantado ou CORIMBA, há também sete regras severas, que devem ser obedecidas ao pé da letra:

1 — O ponto deve ser cantado com música exata, fiel à letra e sem nenhuma adulteração do original. Lembrar-se de que cada letra é um fonema, com seu valor mágico próprio, ou, como o diria um gramático teosófico, com seu VALOR MANTRÂNICO equivalente.

2 — O ponto deve ser sempre cantado com respeito, atenção, sentimento e compreensão, com o

pensamento voltado para a entidade ou as entidades da respectiva linha, legião ou falange.

3 — Evite a intromissão de maus pensamentos, mòrmente os de caráter sexual ou interesseiro, pois as ondas mentais negativas assim produzidas podem provocar a vinda de entidades maléficas opostas às invocadas.

4 — O ponto não pode ser cantado pelo filho de fé fora das sessões, salvo em ocasiões excepcionais, devidamente autorizadas ou justificadas. Como ilustração, diremos que ninguém cantaria o Hino Nacional num baile carnavalesco, nem uma Ave-Maria numa festa de primavera, ou a Marcha Nupcial num entêrro.

5 — Os programas e rituais das sessões de terreiro devem ser organizados com muito cuidado, estudando-se minuciosamente a ordem e a ocasião em que devem ser cantados os pontos. Recomenda-se reuniões periódicas e prévias às sessões, reuniões essas conjuntas, em que tomem parte a diretoria, os babalaorixás e os cambonos, ogans, corimbas mais as mestras de côros femininos (onde os houver).

6 — Não esqueça nunca a identidade entre PONTO RISCADO E CANTADO. É preciso que ambos se complementem e se completem, um como expressão sônica, outro como expressão gráfica da mesma manifestação espiritual.

7 — Cuidado com o ritmo do ponto: deve ser ajustado às necessidades de cada linha, vigorando

os mesmos que já demos para o toque de atabaque, mas que vão repetidos, para melhor compreensão:

Alujá, apressado, para Xangô.

Olubajê, mais lento, para Oxoci.

Opanijê, para a linha dos Pretos Velhos (mais ruidosa).

Aguerê, lento, para Iemanjá.

Para a linha de Iori, o ritmo deve ser o de canções infantis — cantigas de ninar, ou de roda, etc., por ser a Linha das Crianças.

Enfim, para Oxalá, ora se aplica o ritmo apressado, ou *Adarrun* (geral), ora majestoso, lento de Iemanjá. ,

Para encerrar, vamos transcrever aqui as considerações mediúnicas ditadas pelo guia Yataman ao seu aparêlho, na Tenda de Agostinho, Rio de Janeiro:

"Os pontos cantados na Umbanda são a prece ou invocação das falanges, chamando-as ao convívio das suas reuniões que no momento se iniciam.

Tôdas as religiões têm seus cânticos. Assim, a Umbanda usa os seus PONTOS cantados, dos quais entretanto não se deve abusar, pois êles representam as fôrças falangistas que se aproximam dos Terreiros, ou Tendas, para os trabalhos, sejam êles de magia, descarga ou desenvolvimento dos médiuns. Mas prestem bem atenção. Não deturpem os pontos, com excesso de cantos, muitas vêzes impróprios para o momento, pois um ponto mal tirado, fora do seu

âmbito, não produzirá o efeito desejado, prejudicando a aproximação das falanges e até mesmo prejudicando o ambiente, pois essas falanges não estão sendo chamadas como deveriam ser. Cantem os seus pontos em harmonia, sem exageros, com cadência própria, porque a harmonia dos sons é uma das mais importantes partes da magia e dela depende dentro da umbanda, a vinda dos chefes para darem a luz necessária, na verdadeira construção dos trabalhos que se processarão dentro dos rituais, impostos pelas preces do canto, que formam uma das maiores fôrças mágicas da Umbanda." (*A Umbanda através da Magia,* livro mediúnico, pág. 160).

Contas ou "Guias"

CONTAS OU GUIAS são colares ou rosários feitos de conchas, contas naturais ou artificiais, aço, pedra, azeviche, louça, vidro, cristal, capiá, ôlho-de-cabra, favas e outros materiais adrede indicados pelo Orixá, guia ou protetor.

A GUIA é um objeto no qual os Orixás, Guias e Protetores imantam certas e determinadas fôrças para servirem de instrumento de proteção, defesa, atração de vibrações benéficas, etc.

A guia tem assim várias finalidades, quer servindo como defesa contra as vibrações negativas para os aparelhos obrigados a entrar em contato

com diferentes tipos de espíritos negativos ou inferiores, quer para a entidade que dêles se serve para trabalho de fixação e eliminação na magia apropriada.

Alguns tratadistas que defendem a pureza dos princípios de umbanda opinam que a matéria prima com que são confeccionadas as contas deve ser virgem de uso e originária das matas, dos mares e dos rios, ou sejam, vegetais ou minerais. Assim, desaprovam as missangas tiradas do comércio. Recomendam de preferência:

Capacete de ogum (espécie de fava de um a dois cm de tamanho); umas contas vegetais chamadas de capim rosário ou lágrimas de Nossa Senhora, uma que se chama fava divina, em forma ovalada; certas raízes de guiné-pipi, cipó caboclo, arruda, etc. Quanto a objetos de origem aquática, temos: corais, buzios, cavalos-marinhos, pedras de corvinas, estrêlas do mar.

Contudo, os objetos artificiais, embora não possuam a mesma fôrça mágica, podem ser usados como integrantes do ritual, desde que devidamente consagrados (ou cruzados).

Pelas côres com as quais se confecciona uma guia, pode se conhecer a que linha pertence a entidade que a usa. Para que possua valor mágico-espiritual, é preciso que seja cruzada, trabalhada e preparada pelo guia espiritual de seu portador ou portadora. Assim confeccionada, a guia passa a ter valor

mágico de excelente ponto de proteção e invulnerabilidade contra falanges espiritualmente atrasadas, negativas ou Exus.

A regra básica para a escolha de guias é esta:

> A PRÓPRIA ENTIDADE INTERESSADA ATRAVÉS DO PAI DE SANTO É QUEM DEVE INDICAR AS CÔRES E QUANTIDADE DAS CONTAS

Contudo, quanto à quantidade, convém que seja sempre um ímpar múltiplo de sete, isto é, produto de 7 por número ímpar, de preferência 3. Não sendo assim, é mister que seja múltiplo de 3, pelo menos, e ímpar em todos os casos. Eram dêste último tipo os TECHEBÁS, ou rosários de 99 contas, usados no antigo culto malê; tinham uma bola em vêz de cruz e mediam meio metro de comprimento.

Já quanto às côres, a maioria dos autores são concordantes com as que já demos correspondência com as Vibrações Originais, a saber:

Oxalá — Branco.
Iemanjá — Amarelo.
Xangô — Verde.
Ogum — Alaranjado.
Oxoci — Azul.
Yori — Vermelho.
Yorimá — Roxo ou Violeta.

As Contas, ou Guias também têm, na linguagem iniciática, o nome de QUELÊ.

Na parte em que falarmos do sacerdócio e dos que prestam serviços nos terreiros, daremos as ma-

neiras respectivas com que cada um deve usar as guias ou QUELÊS.

Quando usadas individualmente, principalmente por mulheres, têm na ponta um patuá ou benguê onde carregam seus AXÊS (sinais, números, símbolos, monogramas, etc. de identificação pessoal).

Imagens

Chamam-se IMAGENS as representações plásticas (pintura, desenho, escultura, relêvo...) antropomórficas (em forma humana) dos Orixás, guias e protetores.

É muito controvertida a questão do uso de imagens nos *gongás* (recinto do terreiro reservado ao culto) ou nos *Pegis* (altares). Conhecido autor diz numa de suas obras: "No meu ponto de vista deveria ser abolido o uso de imagens católicas, e os altares conteriam apenas uma simples cruz de madeira, que simboliza a fé e os pontos esotéricos e cabalísticos representativos das fôrças próprias de cada entidade."

Contudo, recordemos que o emprêgo de imagens é uma das mais fortes tradições de Umbanda — como de tôdas as religiões. Teve início ainda na África, no seio da "religião-mater". O pegi ou santuário sagrado da seita era localizado no fundo do terreiro, dando acesso a êste por uma porta baixa

(tudo tem o seu significado simbólico ou esotérico, nas religiões: a porta baixa era para obrigar o fiel a reverenciar a Deus pela curvatura que se era obrigado a fazer, vale dizer, em postura de humildade e submissão). Aí, no altar baixo, de três ordens, estavam os *manipanços* ou ídolos africanos, como Xangô, Ogum, Iemanjá, Oxum, etc.

Depois, deu-se a transplantação para o Brasil, e o gradual sincretismo que se foi formando. Êste sincretismo, católico-umbandista, foi em grande parte obra do próprio escravo. Raça dominada, conduzida ao Brasil pela violência nos navios negreiros, os africanos seguiram as leis históricas da sociologia que presidem as relações entre povos. Quando dois povos diferentes passam a viver conjuntamente, produz-se uma série de acomodações e adatações, tanto da parte do vencedor como do vencido. É o que se deu na antigüidade entre romanos (vencedores) e gregos (vencidos), ou entre bárbaros invasores do Império e os povos das regiões invadidas.

O africano não abandonou suas crenças religiosas. Simplesmente procurou acomodar a situação e o processo mais inteligente foi o de comparar as qualidades de seus orixás com os dos santos católicos. Tomaram por base o santo mais venerado no lugar: daí as alterações verificadas no sincretismo, e as divergências que notamos nos cultos carioca, baiano e paulista.

Os senhores achavam graça no sincretismo — diz um autor (Byron Torres de Freitas, *As mirongas de umbanda*, 3.ª edição, pág. 55) e, considerando os africanos ignorantes, consentiam na prática bem disfarçada dos seus cultos. E assim, graças à inteligência dos sacerdotes africanos, suas antiquíssimas e sábias idéias religiosas puderam sobreviver até hoje.

Assim os pegis no Brasil foram se atulhando de estampas e imagens dos santos cristãos. Hábeis santeiros negros, no recesso das matas ou no *quiriri* (noite tranqüila) das senzalas, esculpiam em madeira as figuras de orixás, entalhando-as a canivete. Para evitar eventuais reprimendas e castigos por parte dos incompreensivos e intolerantes amos católicos e beatos, davam-lhe a semelhança de santos brancos. Chegavam mesmo a levar tais imagens para serem consagradas — ou benzidas — pelo padre capelão da fazenda.

Haverá inconvenientes na representação material das entidades?

Pensamos que não. O culto das imagens vem autorizado e recomendado pela palavra de Deus no Grande Livro dos Livros, a *Bíblia Sagrada*.

Senão vejamos.

No Livro do *Êxodo* (Cap. XXV, 18) é o próprio Deus que ordena a Moisés: "Farás também dois querubins de ouro batido nas duas extremidades do oráculo; um querubim esteja de um lado o outro

do outro..." Esta ordem vem confirmada na narrativa de *Êxodo*, cap. XXXVII: "E Beseleel fêz a arca de pau... e o propiciatório... fêz também dois querubins de ouro...".

Vejamos agora o templo de Salomão.

"Fêz também na casa do Santo dos Santos duas estátuas de querubins e cobriu-as de ouro..." (II *Crônicas*, cap. III, v. 10). E assim o fêz por mandamento divino, conforme lemos no versículo 19 do capítulo XXVIII do citado livro II de *Crônicas*: "E para o altar em que se queima o incenso, o rei deu do ouro mais fino para que dêle se fizesse a figura de um carro de querubins que estendessem as asas... Tôdas estas coisas, disse o rei, foram ordenadas por escrito da mão do Senhor". Em III *Reis*, cap. IV, que descreve a construção do templo, vem tudo confirmado, mòrmente do versículo 23 em diante.

Agora, vejamos o Novo Testamento. "Pela fé, Jacó, estando para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e prostrou-se ante a extremidade do cetro dêle (isto é, da imagem ou símbolo de seu poder), diz São Paulo na *Epístola aos Hebreus*, cap. XI, v. 21.

E podemos ainda corroborar nossa opinião com a *Epístola de São Paulo aos Filipenses*, cap. II, v. 10: "que se dobre todo o joelho, no céu, na terra, no inferno, ante o símbolo onomástico de Jesus". Vá ainda o Salmo 98 no v. 5:

"Exaltai o Senhor e prostrai-vos ante o altar de seus pés: êle é santo".

O que a nosso ver deve existir, é unificação na ICONOGRAFIA (arte de representar por imagens a três dimensões ou escultura). Cada entidade deve sempre ser representada da mesma maneira, de modo a ser identificada fàcilmente pelo adepto em qualquer parte em que se encontre. E essa representação deve ser feita com austeridade e respeito, sem caricatura, com os atributos próprios de cada entidade. Vamos dar abaixo uma sugestão bem razoável para a representação, em imagem, de cada entidade. É uma sugestão realística, baseada nos costumes da maioria e consagrada pela tradição.

OXALÁ. — É o Cristo. Representado como um nazareno ainda jovem, de cabelos compridos e cacheados, olhos azuis e meigos, barba em ponta, vestindo túnica branca (côr de sua vibração), às vêzes com sobrepeliz azul, descalço, mão erguida no gesto de quem prega ou abençoa. Uma variante: de cabelos escorridos ou lisos, coroa de espinhos na cabeça, uma cana na mão, cingido por uma corda amarrada e fazendo pendente na frente da cintura, gotas de sangue saindo da testa e da cabeça (Senhor de Iguape, Senhor Bom Jesus do Bom Fim, Bom Jesus de Pirapora). Às vêzes, com túnica branca e manto azul, tem o coração visível, do lado de fora da túnica.

Ou então, o Crucifixo: Oxalá pregado na cruz, os pés traspassados por um único cravo, o rosto sofredor voltado para o céu.

Os chefes das legiões de Oxalá, ou linha do Fogo Divino, caboclos em sua totalidade, são representados como índios brasileiros, tendo na cabeça o cocar ou *agancatara*, ou *canitar*. Nota-se bem, cocar, e não penacho, capacete fechado de penas compridas, que é enfeite de índio norte-americano, "pele-vermelha" e não brasileiro: muita atenção a isto, para não se colocar no *gongá* uma imagem que além de denotar profunda ignorância do chefe do terreiro, é uma atrevida prova de anti-nacionalismo. Êsses caboclos trazem tanga, e uns usam flechas, outros tacape, outros têm o arco traçado às costas. Quanto à postura: de pé, ou ajoelhado num só joelho, o direito, com o esquerdo dobrado, para a frente, encostado a um tronco ou tôco de árvore, ou não.

Insígnias de Oxalá: uma cruz com argolas nas pontas. GUNGUM ou Fetiche: anel de ouro.

IEMANJÁ. — É representada como uma donzela branca, alta, cabelos compridos escorrendo pelas costas, vistosa, envolta em túnicas vaporosas, de côr amarela, caminhando sôbre as ondas do mar, nas quais flutuam rosas. Às vêzes tem uma lua crescente na cabeça, à guisa de coroneta. Seu gungum ou fetiche é a concha do mar, sua insígnia o leque branco (*abedê*).

As caboclas chefes de legião tem representações adequadas a seus nomes. Assim, Cabocla Iara é uma índia moça com cabelos verdes, tôda molhada, enfeites verdes no pescoço e nos tornozelos; e assim por diante.

Iemanjá também pode ser representada como Nossa Senhora, nas suas múltiplas invocações. As representações icinográficas da Virgem Mãe de Deus são demasiado conhecidas para que as repisemos aqui.

XANGÔ. — Representado geralmente como o São Jerônimo dos cristãos. Um frade velho, calvo, sentado, escrevendo num rôlo de pergaminho ou num livro, com uma enorme pena de ganso, um leão plàcidamente repousando sôbre as patas, ao seu lado.

No culto ortodoxo de Umbanda, Xangô é representado pela imagem de um gigante negro, de bôca imensa, pesado capacete de aço com duas pontas na cabeça, bôca imensa rasgada de orelha a orelha, saiote de couro ou de tiras de ferro entrelaçadas, cota de malhas, coturno de guerreiro, nas mãos um feixe de ráios.

Seus chefes de legião têm representações mais ou menos parecidas, com as variantes que vierem ao caso.

Fetiche ou gungum: meteorito. Insígnias: Lança e machadinha.

OGUM. — É, como sabemos, o São Jorge dos cristãos. Um guerreiro a cavalo, armado de comprida lança com que pica um dragão subjugado no solo. Nas estampas, faz-se fundo com um cenário medieval: um castelo, uma açafata ou castelã em trajes da época assistindo à singular contenda. Nas imagens, para poupar espaço, suprime-se o cavalo e o dragão, e São Jorge é apenas representado com uma espada e lança, em vestes de guerra.

Os chefes de legião são representados como guerreiros com as respectivas concordâncias: Ogum Iara é guerreiro do mar, Ogum Megê é guerreiro índio, Ogum de Malê é guerreiro africano, etc.

Fetiche ou gungum: espada cruzada e escudo. Insígnias: Espada e lança.

OXOCI. — Já falamos de sua representação e semelhança com São Sebastião, ao darmos as sete Vibrações Originais.

Seus chefes de legião são caboclos e como tal representados.

Fetiches ou gungum: arco e flecha, frigideira de barro. Insígnias: Flecha de estanho.

YORI. — Muito conhecida a representação católica de São Cosme e Damião. Dois meninos ou jovens imberbes, de saiote curto e sandálias.

Os chefes de legiões são representados como crianças: Tupanzinho é um *curumim,* ou índio menino; Ori é uma menina branca, ajoelhada em atitude de prece, como se estivesse para receber a pri-

meira comunhão e como tal vestida; Yariri é uma *cunhã* ou menina índia; Iari é uma donzelinha preta, Doum é um adolescente preto, fazendo lembrar o "Negrinho do Pastoreio" reverenciado no Rio Grande do Sul.

Fetiche ou gungum: um cachorrinho. Insígnia: a cruz sôbre a bola (do menino Jesus).

YORIMÃ. — A representação de São Cipriano é menos conhecida e empregada. Preferem os terreiros da Linha dos Pretos Velhos aproveitar a imagem de São Benedito, o santo negro, por ser mais comum e de obtenção mais fácil.

Quanto aos chefes de sub-falanges ou de agrupamentos, há tôda uma iconografia que já se firmou e adquiriu foros de ortodoxia, com canones bem determinados e estabelecidos:

Pai José, um prêto velho, imberbe, chapéu na cabeça, vestido de paletó e calças brancas, camisa de malha ou xadrez, com cachimbo e grossa bengala ou porrete.

Vovó do Pito, negra velha mina, magra, com a carapinha branca, os olhos acinzentados sem brilho, o pito entre os beiços grossos.

E assim por diante.

Os terreiros podem e devem estimular a iconografia umbandista.

Além de estarem preservando tradições das mais lindas nos quadros religiosos do nosso país, estarão dando poderoso incentivo às artes sacras populares e alentando o "comércio" dos santeiros, certamente dos mais típicos e benéficos. Um santeiro é um artista, portanto um criador e espalhador de belezas. Merece nosso respeito e nosso auxílio. Incentivemos por todos os meios ao nosso alcance a difusão das imagens religiosas. Tenhamo-las como bibelôs em nossos escritórios, em nossas residências, nos clubes, nos hospitais, nos estabelecimentos comerciais ou industriais, nas fazendas. Quem não acreditar nos efeitos mágicos e religiosos das imagens, acredite pelo menos no seu valor estético, de adôrno.

Leques

O LEQUE OU ABEDÊ é outro objeto do ritual indispensável num *gongá* bem organizado.

Sua origem se perde na noite dos tempos. No rito primitivo, no centro da tórrida África, empregava-se o *eruquerê* ou *Evenu,* espécie de espanador feito de cauda de vaca, que simbolizava o poder do Babalaorixá e era emblema do seu cargo sacerdotal. Correspondia ao báculo dos bispos ou quiçá à bagueta dos magos.

O leque é em si o grande símbolo, a insígnia de Yemanjá, a rainha de Aruanda. Como todo terreiro, pertença ou não à sua linha, deve prestar reverên-

cia à Mãe do Céu, segue-se que todos têm que possuir obrigatòriamente a insígnia hiperdúlica.

O abedê de Oxalá é de latão. O de Yemanjá é de varetas de bambu; é pintado de branco. O de Xangô é de aço; o de Oxoci é de estanho, como a flecha de sua insígnia; o de Ogum é de bronze, como convém a uma linha guerreira; o de Yori é de papel com varetas de madeira e tem o nome de *bambã*. O de Yorimá é de penas de aves, como as ventarolas dos sobas ou reis africanos.

Medalhas e Amuletos

O culto de Umbanda não prescinde de medalhas e de amuletos, que aliás constituem meros prolongamentos do sub-capítulo "Imagens".

Por AMULETO, BENGUÊ, GRIGRI ou AXÊ compreendemos pequenos objetos em forma de medalhas ou não, dotados de fôrça mágico-terapêutica e preventiva, que se usa tanto contra malefícios materiais e espirituais como defesa e proteção para um fim determinado. Entre os amuletos, a figa é o mais conhecido, e sôbre ela falaremos posteriormente.

Quando se trata de uma oração de fôrça mágica, ou ponto riscado, que se usa como bentinho ou escapulário no pescoço, tem o nome especial de BREVE ou PATUÁ.

O BENGUÊ ou AXÊ é um amuleto individual.

AXÊ é a fôrça mágica do terreiro, representada pelo segrêdo composto de vários objetos — entre os quais medalhas, etc. pertencentes às diversas linhas, falanges ou entidades.

Êsses objetos são enterrados debaixo de um mastro plantado no meio do terreiro e que ostenta no alto uma bandeira com os símbolos da entidade protetora, mastro êsse que tem o nome de IXÊ.

CAMBA ou CAMBIÁ é um amuleto de proteção coletiva, residencial, comercial, industrial, não sendo portanto considerado de uso pessoal. Êsse amuleto fica enterrado na entrada dos portões ou jardins das residências, ou pendurado atrás das portas, não sòmente das residências como dos estabelecimentos ou nas porteiras de fazendas, nos caminhos, nos veículos, etc. Tem que ser preparado com cerimonial mágico com vegetais, animais mortos e minerais.

O GRIGRI é uma relíquia, geralmente de origem humana: muito usada, a madeixa de cabelo de um ser querido, filho, noiva, etc. Na Igreja Católica, o uso de relíquias de santos — lascas de ossos, etc. — é também muito difundido.

As MEDALHAS podem ser de santos, de orixás, ou ter simplesmente gravados os pontos riscados dos orixás ou protetores. Pode-se usar à guisa de chaveiro, ou na carteira, ou como patuá. Recomenda-se que se adote para a sua feitura o metal correspon-

dente à linha ou vibração original: ouro para Oxalá, prata para Iemanjá, ferro (aço) para Xangô, bronze para Ogum, estanho para Oxoci, cobre para Yori, chumbo para Yorimá.

Ponteiros

PONTEIRO ou OBÊ é qualquer instrumento ponteagudo de aço — punhal, espada ou pequena lança — utilizado nas diversas práticas umbandistas. Pelo poder que tem o aço de captar as fôrças vivas da natureza, inclusive os fenômenos atmosféricos (pára-ráios), o ponteiro representa a atração das fôrças espirituais, tal como um ímã que se utiliza como fôrça criadora de energia elétrica.

De uma comunicação do guia Yataman ao seu CAVALO (médium) Raquel Nogueira de Gusmão, extraimos o que segue:

"Como a Umbanda vive sempre em contato com a natureza, os seus recintos de trabalhos são denominados *terreiros.* Para se cultuar essa parte de Umbanda, que trazida foi das matas, das florestas, pelos *índios* ou *caboclos,* e pretos escravos, para as reuniões na senzala ou em qualquer âmbito em que se reunissem sob o santo nome umbandista, era necessário que o Guia-Chefe espiritual fechasse, para a sua falange de postura, o *ponto* de fixação, ponto êsse que só podia ser fechado com uma fôrça superior às mentes reunidas, o que só poderia ser feito através do *ponteiro,* porque, sendo o ponteiro imantado, é na imantação que êle capta através do ímã, as fôrças necessárias para o fechamento de um ponto em âmbito de trabalhos mágicos.

E como nos primórdios dos séculos sempre se fazia o ponto para as grandes reuniões, se cingirem em tôrno dêle, com a evolução e a descoberta das ligas metálicas, fêz o homem a sua faca ou um instrumento semelhante, hoje *ponteiro,* e riscado o seu ponto, firmava-o com êsse instrumento, dando a êsse ponto um poder excepcional.

Passaram-se os séculos e na perfeição e evolução das religiões, adatou-se dentro da Umbanda, na formação de um terreiro, riscado o ponto pelo seu Guia-Chefe, o *ponteiro* como o início de junção de fôrças, que ligariam os entes humanos às entidades espirituais, que iriam trabalhar de acôrdo com as falanges do chefe, cujo ponto, firmado pelo *ponteiro-ferro,* tornar-se-ia fixo, só se destruindo uma vez terminado o trabalho, com a partida das entidades que houvessem trabalhado sob o domínio dêsse signo, feito pelo seu Chefe.

Umbandistas que sois, filhos de Deus um dia sereis. Usai o ferro e suas ligas de fôrça, pelo Bem e para o Bem de todos aquêles que vos procurem.

Usai essa poderosa arma que é o PONTEIRO, o chamado PONTEIRO DAS LINHAS TRAÇADAS, dentro da Umbanda, sòmente para traçar uma linha de

fôrça, dentro do âmbito do Bem e assim sereis um filho amado do vosso Guia, que vos outorgou usardes essa poderosa arma que nos pertence e que vo-la demos com todo o nosso coração, na mais pura e santa das verdades" (*A Umbanda através da magia,* Yataman, pág. 161).

O PONTEIRO pode ser também uma espada, um punhal ou uma faca virgem, isto é, que não chegou a ser usada para outra finalidade. Já vimos que o seu material certo é o ferro ou aço. Contudo, dado que se trata de metais nobres, consagrados respectivamente a Oxalá e a Yemanjá, o ouro e a prata podem ser empregados.

Sineta e Campainha

A SINETA MÁGICA OU GUNGA a ser usada nos cerimoniais de Umbanda deve ser fabricada com uma liga dos sete metais correspondentes ao sete dias da semana, aos sete planetas e às sete linhas, a saber:

Ouro — domingo — OXALÁ.
Prata — Segunda — YEMANJÁ.
Ferro — Terça — XANGÔ.
Mercúrio — Quarta — OGUM.
Estanho — Quinta — OXOCI.
Cobre — Sexta — YORI.
Chumbo — Sábado — YORIMÁ.

Deve se gravar nela o ponto riscado das sete linhas de Umbanda, e, querendo, do guia chefe do terreiro. Na parte superior, gravar um dos nomes de Deus: Adonai — Olurum — Zambi — Yaveh — Obatalá e na parte inferior o tetragrama. Terá que haver uma defumação por sete dias, depois do que é apresentada ao guia chefe do terreiro para a consagração final cujo cerimonial será por êle orientado.

CAMPAINHA ou AGOGÔ ou ainda ADJÁ é um objeto indispensável a tôda reunião de Umbanda. É o tipo dessas que todo presidente de qualquer reunião profana, cívica ou religiosa usa para abrir e fechar a sessão, chamar à ordem, advertir de que a presidência vai falar, para encerrar qualquer item da pauta dos trabalhos, etc.. Na Umbanda, o AGOGÔ é uma campainha conjugada de duas partes, que se faz soar com uma vareta de aço, de cobre ou de prata.

O AGOGÔ, para ser utilizado no ritual tem que ser antes consagrado (ou *cruzado*), como acontece com todos os objetos de uso permanente no *gongá.*

V e l a s

Desde os tempos imemoriais os homens utilizam morrões, círios, brandões, tochas ou velas para o culto à divindade. É um costume que tem sua origem na lendária *pirolatria* ou culto ao fogo.

Acender vela é um ato simbólico da mais alta significação. Vale pela intenção do filho da fé ou crente de espalhar a luz, que é o bem, que é o fluído divino.

No verdadeiro rito de Umbanda, a VELA ou INAN deve ser fabricada com a chamada CÊRA DOS TRÊS REINOS, isto é, cêra resultante da fusão em conjunto de:

— cêra de abelha (*animal*)
— carnaúba (*vegetal*)
— parafina (*mineral*).

Alguns tratadistas argumentam que a cêra de abelha é proveniente do reino vegetal (flôres), as abelhas sendo os meros fabricantes, e que a verdadeira cêra animal é o *cêbo* de qualquer animal ou óleo ou gordura de peixe.

A carnaúba pode ser substituída em não se a tendo à mão, pela cêra ou resina de qualquer outro vegetal. A parafina por sua vez pode ser substituída por ozoquerita ou por algum produto petrolífero.

Essas são as velas usadas pelos guias, médiuns ou chefes de terreiro conscientes de suas responsabilidades para com o culto.

O utensílio para se queimar as velas é o CASTIÇAL ou GUNA. Deve-se consagrar o GUNA também.

SECUNDÁRIOS

Os objetos e materiais secundários, que são usados em ritos acidentais, mas podendo o umbandista passar sem êles no seu culto público ou particular, são:

Alguidar (ababá) — Vaso de barro, onde se fazem as comidas dos orixás (ou amalás) e empregado com outras finalidades, inclusive a de recolher água benta ou fluídica.

Agulhas — de coser, empregadas para vários trabalhos, inclusive para oferendas a entidades femininas como Iemanjá, etc.

Anel — para bênção, para a cerimônia de casamento, para oferenda ao orixá, etc.

Bastão, bengala ou borduna — para marcar o compasso dos "pontos cantados" (como a varinha do maestro) e para significar comando.

Bracelete — para as "filhas de santo", devendo êsses braceletes terem gravados os signos ou "pontos" dos protetores do terreiro.

Bilha — vaso de barro para guardar água, benta ou não, fluídica ou não. Deve ser rigorosamente limpa afim de manter o líquido não contaminado, e consagrado a Iemanjá ao ser usada pela primeira vez.

Bodoque — em certos trabalhos da linha dos Caboclos (ou vibração de Oxoci).

Bola de Cristal — para leitura e interpretação, pelo médium vidente, das imagens e símbolos fluídicos que nela se refletem.

Bebidas (ou marafo) — Nos trabalhos de Umbanda, que é magia branca, são utilizadas estas ofe-

rendas: parati — cerveja branca — guaraná — capilé — vinho doce — vinho tinto. — Água com mel — Licor de palmeira (bengui) — Licor de milho (cauim). Mas ainda sob a forma de oferenda aos orixás, as bebidas alcoólicas devem ser evitadas. O primeiro dever do umbandista é combater os vícios e zelar pela saúde do seu corpo e dos demais; o álcool é SEMPRE um inimigo da saúde.

Canitar (*ou acambuacaba*) — capacete de penas usado pelos índios. É um paramento que se usa para revestir de maior realismo as cerimônias de incorporação de entidades caboclas, nas cerimônias públicas ou nas dramatizações em dias de festa do terreiro.

Chicote ou *chibata* — Era instrumento de tortura dos escravos. Simboliza o sofrimento, o mal, a opressão dos poderosos sôbre os humildes. Está presente em muitas cerimônias, mòrmente da linha dos Pretos Velhos (ou vibração original de Yorimá) para evocar o martírio dos escravos, nos dias do Brasil-colônia e Brasil Império.

Conchas (cauri) — *ou buzios* — Eram as conchas marinhas usadas como moedas entre as tribos africanas litorâneas. Têm valor mágico, desde que recebam a bênção adequada.(1)

(1) O principal uso litúrgico dos búzios era o de fazer vaticínios ou ler o futuro. ZAMBURAR OS BUZIOS é uma expressão que, como veremos mais adiante, significa arremessar os búzios de maneira que a disposição que êles se encontrem ao cair resulte em símbolos a serem devidamente interpretados. Neste particular, os búzios fazem papel idêntico ao do baralho, ou do Taro; de resto, na Umbanda esotérica, a tendência sincretista é a de substituir os búzios pelo Taro devinatório ou pela bola de cristal.

Cachimbos — Também têm valor simbólico, principalmente na linha dos Pretos Velhos, configurando-se como defumador de primeira qualidade.

Cavalo marinho — Peixe marítimo em forma de cavalo, usado como amuleto ou benguê contra mau olhado e gozando da propriedade de atrair fluídos benéficos para a casa ou pessoa que o possui.

Espêlho — amuleto ou benguê protetor, tendo a função de repelir e expulsar fluídos, fôrças nocivas e espíritos atrasados, porque não atravessam a sua face polida. Deve ser cruzado por um guia ou protetor para adquirir mais fôrça mágica. É também utilizado para vidência. Bolas de cristal, copos de água, olhos dágua, superfícies líquidas cristalinas em geral desempenham idêntico papel.

Flautas — geralmente as usadas no cerimonial umbandista são feitas de osso. À falta delas, usa-se o *afofiê*, ou flauta de taquara. Outro instrumento de sôpro usado nêsse cerimonial é o *fagote*.

Estrêla do mar — molusco marítimo que, mumificado, se usa como poderoso amuleto ou benguê. Também é empregado em banhos e defumações.

Figa — Amuleto ou patuá muito conhecido, tendo a forma de uma mão fechada onde o polegar

passa entre o indicador e o dedo médio. É fabricada de guiné, de arruda, azeviche, acácia, nogueira; ébano negro, de osso, de chifre, de aço, de prata; de ouro, tartaruga.

Lança — substitui a espada ou o punhal, na falta destas, para riscamento de "pontos". Pode ser de madeira, contanto que tenha ponta de aço, de prata ou de ouro.

Lâmpadas e lampeões — Sempre que se faça mister iluminação, e a eletricidade não seja possível (a luz elétrica é vibração de Xangô, portanto ideal nos trabalhos de Umbanda), o candieiro ou lampeão a ser utilizado terá que passar por processos rituais tendentes a consagrá-lo à entidade que preside o terreiro. Lampadários, quando empregados, devem ser de cristal e ter sete braços ou focos — não mais nem menos.

Moedas (xenxéns) — Em umbanda, emprega-se muito moedas para numerosos trabalhos. Servem também como oferendas aos orixás.

Ocarina — É um pequeno instrumento musical de sôpro, feito de barro e dando um som semelhante ao da flauta. Pode portanto substituir a flauta na falta absoluta dêsse instrumento.

Machado — Instrumento de trabalho do desbravamento de nossa pátria, ocupa, com a foice e o martelo, lugar de honra nos pegis (ou altares). O machado é especialmente consagrado a Xangô.

Perfumes — Muito usados como oferendas, mòrmente a Iemanjá e outras entidades femininas. A defumação é uma forma particular de perfume obtido pela combustão.

Pulseiras — Veja-se *bracelete*.

Sabonetes — Também muito usados em oferendas, simbolizam a purificação, a limpesa do corpo e da alma.

Setas ou flechas — Símbolo dos mais utilizados em umbanda. Podem ser usadas nas dramatisações ou para dar maior ênfase ao culto a entidades caboclas.

Urucungo — Instrumento africano de percussão, utilizado em muitos cerimoniais da linha dos Pretos Velhos (ou vibração de Iorimá).

Peles e dentes de animais — Muito usados na magia umbandista, como de resto noutras formas tradicionais de magia. Os dentes de animais silvestres depois de devidamente consagrados (cruzados) são utilizados como amuletos de grande efeito protetivo. Devem ser consagrados a Oxoci, o deus caçador. Os pêlos e peles de animais igualmente são dotados de grande poder absorvedor das vibrações maléficas, constituindo-se assim protetores de primeira qualidade. As peles de animais são de uso obrigatório nos instrumentos de repercussão do ritual.

OFERENDAS

A OFERENDA, SACRIFÍCIO ou EFÓ é uma oferta que se faz à divindade. Essa oferta é própria de tôdas as religiões, e pode ser *cruenta* ou *incruenta*, segundo há derramamento de sangue ou não.

Os antigos hebreus davam o nome de *Nedabah* a essa oferenda, que pode ser de dois tipos: *voluntária* ou *obrigatória*.

A voluntária e expontânea, é dada sem que nenhuma lei o estatua. A *obrigatória* ou *litúrgica* é prestabelecida. Exemplo: os dízimos da Igreja.

Já antes da lei mosáica, vemos estatuida a oferenda. Caim e Abel a fizeram ao Criador, segundo *Gênese*, IV, 3.4; e no mesmo livro, vemos a oferta de pão e vinho feita por Melquileque (XII, 8). Antes, vemos Noé saltando da arca após o dilúvio e oferecendo, num altar que ergueu ao Senhor, ao pé do monte Ararat, "todos os animais e aves puras" em holocausto sôbre êsse altar (*Gênese* VIII, cap. 20).

No deserto, houve oferendas do povo eleito para a construção do tabernáculo (*Êxodo* XXV, 5-9.21 XXXVI, 5-7). *Números* VII, 2.8.3). Oferendas análogas se reproduziram sob David, para a construção do templo, e nos dias de Esdras para a reconstrução.

A lei mosáica autoriza e encoraja as oferendas voluntárias a Jeová. A estas oferendas é que se dá o nome de *nedabah*, como dissemos acima, vindo a palavra do verbo *nadab*, agir espontâneamente.

Eram tantas as oferendas que o levita Coré foi proposto para guardião das que se faziam voluntàriamente. Vemos ainda Judite, a heroína que libertou o povo hebreu de seus opressores, oferecer ao Senhor os despojos de Holofernes, o general assírio que a mando de Nabucodonosor, conquistou a Ásia Menor:

"...mas Judite ofertou, em anátema de esquecimento, todos os instrumentos de guerra de Holofernes, que o povo lhe tinha dado e o cortinado que ela mesma tinha tirado do leito dêle (*Judite* XVI, 23).

No Novo Testamento, é bastante conhecida a oferta de ouro, mirra e incenso dos Três Reis Magos, ao Menino Redentor.

Escôpo primário da oferenda é o obséquio a Deus; escôpo secundário, a manutenção do culto e o sustento dos ministros para isso designados.

Quando a oferenda é feita em permuta de um favor obtido ou a obter da divindade, chama-se VOTO. E isto nos leva naturalmente ao exame da PROMESSA, cujo uso é tão espalhado em tôdas as religiões do mundo.

A PROMESSA e o VOTO pròpriamente dito diferem neste particular: o primeiro caso é o de obter-se primeiro o favor, depois dar-se a compensação. No segundo caso, paga-se adiantado, isto é, faz-se primeiro a oferenda, para se demonstrar confiança na divindade, e a seguir formula-se o pedido.

Dadas estas explicações, que são aceitas em todos os cultos, inclusive canônicamente na Igreja Católica Romana, examinemos agora a oferenda do ponto de vista de UMBANDA.

Hoje não mais existe, a não ser nos terreiros da mais pura ortodoxia, o ritual da matança de animais, ou SACRIFÍCIO CRUENTO.

Esta cerimônia, entretanto, muito empregada no rito judáico, é da mais alta importância na Lei Africana. Por isso, dentro do terreiro, havia uma pessoa especializada, o AXOGUN ou "MÃO DE FACA". Dêle dependia o êxito do sacrifício e a aceitação, por parte do Orixá, do animal sacrificado, ou a sua recusa pura e simples. Uma matança mal feita era rejeitada e muitas vêzes o Orixá a que se destinava punia o desmazêlo cobrando em dôbro ou em triplo o sacrifício. O matador de quadrúpedes era o OXOGUN pròpriamente dito e o matador de aves, ALÔ-OXOGUN.

As oferendas alimentícias podem ser de bebidas ou de comidas — ou ainda mixtas.

BEBIDAS, OU CURIADORES (MARAFO, se fôr aguardente de cana ou parati) são ofertas que se fazem às entidades que baixam nos terreiros. Essas bebidas variam de acôrdo com a exigência de cada entidade e têm também sua significação esotérica. Da mesma forma que Cristo, ao reunir os discípulos por ocasião da ceia, irmanou-se com êles, bebendo vinho, em confraternização de amizade, assim praticam as

entidades espirituais o uso dêsse costume, que se tornou tradicional.

"Assim, acreditam todos os que praticam a Umbanda, e mesmo aquêles que cultuam outras religiões, que o ato de beber, quando é feito no sentido de reunir pessoas amigas num mesmo círculo o "simpósio" dos gregos, de que "O Banquete" de Platão é a obra máxima, é um belo exemplo) traz alegrias e momentos de felicidade. Do mesmo modo, as entidades espirituais, atraídas pelo seu CURIADOR predileto, dadas como oferenda, trazem-nos boas irradiações espirituais, ao mesmo tempo que procuram satisfazer os nossos desejos e vontades" (*A Umbanda através dos séculos*, de Aloísio Fontenelle, pág. 246 da 2.ª edição).

Não se diga, respaldando os céticos ou mofadores, que o espírito não precisa em absoluto de comida ou bebida. Isso não servirá de pretexto para se abolir ou menosprezar um rito de tão venerável antigüidade como acabamos de ver. O fato é que Jeová não precisava das oferendas que se queimavam no seu altar, e quando os católicos fazem suas promessas de levar braços de cera ou velas ao santos, não quer dizer que êles precisem de tais objetos. A finalidade dessas oferendas é bem clara. DAR PARA RECEBER, tal é a base da LEI DO FAVOR, que é a que rege as comunicações entre o homem e a divindade, como ainda as inter-relações dos homens com os homens.

AMALÁ é o que se denomina na Umbanda a COMIDA DE SANTO. Representa um ritual todo especial, para o qual os umbandistas devem dispensar um carinho especial.

Os AMALÁS devem ser preparados por uma cosinheira especializada, a IABÁ ou ABACÊ — vocábulos oriundos do povo gegê.

Do excelente livro *Xangô-Djacutá*, de João de Freitas (Edições Afro-aborígenes, 2.ª edição, Rio), transcrevemos o que de melhor já se escreveu no Brasil sôbre o assunto:

"A arte de cosinhar exige métodos certos com aplicação de princípios e conhecimentos adequados. A habilidade e a tendência são as bases para a perícia dos manipuladores de condimentos.

O mestre de cosinha é tão grande quanto o pintor, impressionante como o músico e envolvente como o escritor. É um poeta, é um psicanalista, é um matemático e é um músico...

O nutrólogo estuda nos laboratórios o valor nutritivo dos alimentos e deita as regras científicas tal como o gramático impiedoso castiga a idéia e cerceia o pensamento dos poetas e escritores.

A cosinha empírica, porém, ainda é dominante porque o paladar é refratário à geometria.

A culinária afro-aborígene, desconhecendo a técnica dos laboratórios, segue a sua trajetória esplendente ao som harmonioso dos cânticos tropicais. Ela não procura tratados. Quem quiser conhecer,

venha ao seu encontro.

No ritual de Umbanda, a culinária tem o seu papel de destaque. As SAMBAS(*) aprendem a preparar os deliciosos acepipes e saborosíssimos doces inspirados nas melopéias contagiantes das duas raças eleitas pelo Criador.

O vatapá, originário da Bahia, é desconhecido em África como desconhecidos são inúmeros pratos baianos, genuìnamente nossos, embora criados pela imigração fecunda dos negros.

Do caldeamento de raças, do sincretismo religioso e da mescla com os nossos índios, há tudo para a pena do escritor, para o pincel do artista, para a lira do poeta e para a alma do músico. Há, para os mestres de cosinha e patisseiros, qualquer coisa que suplanta tudo isso, e que vai, em ondas sonoras, de um planeta a outro... É talvez aquilo a que chamam os vates de inspiração.

O vatapá é grito de angústia dos negros cativos, é a justa revolta do escravo faminto, é a voz do EMBANDA(**) que canta e que chora também!

(*) SAMBA, é a filha da fé, a neófita, a catecumena ainda não iniciada. Nos cultos antigos, era a dansarina sagrada, tendo o seu nome passado para a dansa e desta para a música. Essa a origem do samba, tão popularizado como expressão da música popular brasileira.

(**) EMBANDA é a Divindade, no sentido lato. No sentido restrito, mensageiro. Assim, Gabriel, Rafael e outros anjos intermediários de Deus são "embandas". Usa-se ainda o vocábulo para significar o orador de terreiro, ou o chefe de certa cerimônia bantu chamada "cabula".

Tangidos pela deficiência de uma alimentação compatível com o esfôrço e dispêndio de energias cotidianas, os cativos cosinhavam a mandioca, deitavam-lhe o azeite de dendê extraído da palmeira nativa formando grosso mingau temperado com combarim, condimento êste conhecido por pimentinha. A essa grosseira papa acompanhava o peixe cosido ou carne. Depois, com o correr dos tempos, o vatapá melhorou em virtude do acondicionamento de outros ingredientes tais como o leite de côco com amendoim torrado e moído, camarão sêco, cebolinha e salsa, para completar essa famosa iguaria nacional, ainda faz parte o bolo de farinha de milho branco ou fubá de arroz cosido com leite de côco e denominado ACASSÁ.

Tal como o vatapá, outros pratos se improvisaram, através dessas combinações espirituais afro-aborígenes, para conquistarem a posição de relêvo que desfrutam na arte culinária.

O SARAPATEL é outro prato cuja origem nada fica a dever ao vatapá. Das vísceras dos animais, reputados pelos homens brancos como elementos inaproveitáveis naquela época, fizeram os negros delicioso quitute que é um verdadeiro regalo. Do fígado e do coração, das tripas, do bofe e do sangue coagulado dos animais sacrificados, devidamente triturados e cosidos em môlho picante, o sarapatel tem como acompanhante a farinha de pau misturada com torresmo. No sarapatel não pode faltar a pimenta combarim.

No culto de Xangô Djacutá invariàvelmente é usado o cabrito, como o animal indicado para os amalás dos filhos de fé.

Logo após o cerimonial, do sacrifício sagrado, é retirado das partes orgânicas do cabrito o "breve" para firmar a cabeça do iniciado e denominado EXÊ. Em seguida o MÃO DE FACA encarregado dessa tarefa limpa o animal separando as partes que constituirão a comida litúrgica, isto é, o EFÔ do Orixá. Do restante, as SAMBAS preparam os deliciosos pratos cujo cardápio é escolhido pelo ofertante.

O cabrito ensopado com QUIMBOMBÔ, em geral, tem como acompanhante, o clássico acassá. O cabrito cosido, e depois frito no azeite de dendê, tem como complemento o amendoim inteiro bem cosido ou feijão branco. Outro prato também saboroso é o cabrito assado com bolo duro de milho verde ao môlho ralo de mandioca com leite de côco.

Como dissemos, na culinária ritualística, dêsse conjunto de culto de negros e de índios, denominado Umbanda, há muita coisa envolvente, invocativa e mística.

Para as festas os doces encantam e seduzem as criaturas indiferentes, aguçam-lhe o paladar embrutecido e lhe dão meios de se avisinharem da simplicidade, da singeleza e do natural.

À guisa de folclore transpondo fronteiras, di-

versos pratos e doces de culinária ritualística já figuram nos compêndios internacionais.

Os bolos e os manjares, as cocadas e os doces em calda ou em pastas, de frutas tropicais, manipulados pelos primitivos métodos caseiros, ainda constituem os marcos de ouro fincados nas nossas tradições.

A famosa papa de milho branco com leite de côco e amendoim torrado e moído, conhecida por CANJICA; o JIRIMUM ao côco ralado; o CUSCUS de tapioca ou de fubá de milho socado, tal como o MANAUÊ, delicioso bolo de milho verde com mel de abelhas, verdadeiros encantos da confeitaria afro-aborígene, são as guloseimas usadas nas festas ritualísticas dos cultos de Umbanda."

João de Freitas, no mesmo livro, se estende sôbre os curiadores, citando o CACHIRI, aguardente de milho com tingoassui-uba; o vinho de jurubeba, o licor de jenipapo, o pequiá e outras frutas silvestres em fusão.

Nos terreiros de qualquer culto de Umbanda não devia faltar nunca o gostosíssimo ALUÁ e a saborosa JUREMA. São refrigerantes aconselháveis para o nosso clima quente.

Há o CACHIRI, bebida predileta dos caboclos. E a TIQUIRA. Quanto ao famoso CAUIM, hoje não é mais uma bebida alcoólica. É feita de mandioca socada a que se deita água e se expõe ao sol e ao sereno, sendo depois coada em fina esteira de palha.

Sôbre o assunto, recomendamos um livro especializado, feito com critério religioso e folclórico, motivo pelo qual tanto é útil ao filho da fé como ao cético estudioso de etnografia e folclore. Êsse livro é *A Festa de Egun*, de José Lima, contendo como diz o sub-título "Rezas, meizinhas, mandingas e mandigueiros da Bahia" e se intitulando modestamente "Contribuição ao estudo do folclore baiano".

Há um capítulo chamado "Receitas da cosinha afro-baiana" que ensina a preparar abará, acarajé, môlho para acarajé, acassá (ou acaçá), caruru, efó, escaldado de peru, frigideiras, galinha de xinxim, moquecas, vatapás, cuscuses de diversos tipos, mingau de tapioca, canjica, feijão de leite, quiabada, munguzá.

W. W. da Matta e Silva, em *Umbanda de Todos nós* (2.ª edição, 1960, Livraria Freitas Bastos) dá a seguinte lista de curiadores para as diversas Linhas ou Vibrações Originais:

Orixalá — Vinho branco puro.
Iemanjá — Vinho com aniz.
Yori — Vinho com mate açucarado.
Xangô — Vinho com leite de côco.
Ogum — Vinho com chá preto.
Oxoci — Vinho com mel de abelhas.
Yorimá — Vinho com café.

A maioria dos autores está concorde em que o AMALÁ pôsto nas encruzilhadas, nas cachoeiras, na

praia ou em outros pontos, vulgarmente conhecido como DESPACHO, não é magia negra.

O DESPACHO difere entretanto da OFERENDA comum. Muito usado na MAGIA NEGRA, a propósito de tudo ou de nada, com seus ingredientes singulares (farofa, galo preto, sapo e todo tipo de substâncias nojentas), requer por isso grande discernimento por parte do umbandista. Cuidado, muito cuidado!

Não se atira um amalá em qualquer lugar, como também não se o oferece a uma entidade sem que esteja em perfeitas condições de concordância litúrgica.

O despacho, "pacote que se larga na encruzilhada ou em qualquer lugar determinado" contém geralmente as más cargas psíquicas do filho da fé ou de santo que se limpou. Daí o motivo pelo qual dizemos que não deve ser confundido com OFERENDA. É mais empregado no ritual do BATUQUE ou seja, uma seita africana hoje desvirtuada e levada para o setor da MAGIA NEGRA.

Resumindo:

OFERENDA é o presente que se faz ao Orixá, preto velho, caboclo ou criança, quer no mar, quer no monte, quer na mata, quer na encruzilhada, quer no próprio pegi ou gongá.

PROMESSA é a oferta que se faz, de um objeto, de uma ação ou de um gesto expiatório, em troca de um benefício a ser concedido pela entidade.

A promessa, quanto ao objeto, se divide em *pessoal* (se representa uma ação: ir à Bahia na festa de Yemanjá, assistir a sete sessões dedicadas a Ogum, etc.) ou *real,* se há uma coisa, um ente material na promessa (oferenda, dinheiro, esmola, etc.), ou *mista* quando há ação e objeto.

Segundo a duração, pode ser *temporário e perpétuo* o voto. Temporário, se termina com o pagamento. Perpétuo, se envolve a duração da vida (consagração ao sacerdócio, etc.).

O voto pode ainda ser absoluto, condicionado, ou expiatório (um castigo, uma pena: ir a pé, descalço, com um grão de areia no sapato; cortar o cabelo para jogar ao mar como oferenda a Yemanjá, etc.).

PARAMENTOS

Como em tôdas as religiões, o culto requer vestimentas especiais em Umbanda, não só para os que exerçam qualquer função sacerdotal, como para os próprios filhos da fé. Quanto a êstes, recomenda-se que freqüentem os terreiros trajando as côres concordantes com as vibrações originais, ou as ostentando em peças isoladas, como a gravata, cinta, etc.

Ao tratarmos da parte sacerdotal, indicaremos, juntamente com a maneira de usar as guias, da importante questão do vestuário.

As toalhas representam papel importante. Devem ser feitas de pano virgem (cretone, morim ou

linho, mas sem rendas ou quaisquer enfeites), de 100 x 70 cm, para as toalhas de batismo ou para o altar. Servem estas toalhas para as variadas cerimônias, inclusive para fixação de sinais riscados, ou para receber utensílios, vasilhame, etc.

Servem também e principalmente para a iniciação.

Uma recomendação importante:

A indumentária, ou seja, a roupa, é, numa organização perfeita de Umbanda, fator de mais alta importância. Todos os médiuns deveriam obedecer a um único padrão, para o que foi proposto êste:

Uniforme branco: calça e blusão para homens; balandrau e calça para as mulheres.

Balandrau, expliquemos, é uma espécie de avental. Pode ter ou não, o ponto riscado da entidade protetora, dependendo da autorisação do chefe do terreiro.

Êste seria o uniforme para as sessões comuns; para as grandes solenidades, assim como nas fôrças armadas há os uniformes de gala e nas grandes religiões os paramentos festivos, também em Umbanda deve haver as vestimentas solenes.

Quanto ao calçado, o preferível é o tenis ou "quedes" branco, com sola isolante, de borracha. Mas o que se deve ter em conta é a comodidade do filho da fé, para que êle trabalhe sem perturbações de qualquer espécie e sem preocupações secundárias como a de um calo ou sapato apertado.

CAPÍTULO III

SACERDOTADO, CERIMONIAL E SACRAMENTOS

Recordemos agora o que dissemos a propósito do culto, cujos quatro elementos primordiais são: *o local, as pessoas, o tempo, os ritos.*

LOCAL

Já vimos que o local do culto por excelência é o *terreiro,* ou *gongá,* já definido.

Os ritos variarão segundo os diversos locais em que podem ser executados, a saber: o recesso das matas, as cachoeiras, o mar, a montanha, as grutas, ou o nosso lar. Para cada um dêsses locais há um ritual apropriado, que a seu tempo ensinaremos.

AS PESSOAS — INICIAÇÃO

O *Babalaorixá* ou PAI DE SANTO é o chefe do terreiro e o seu diretor espiritual. Êle é que determina os dias e horários de sessões, o programa dos trabalhos ou obrigações, supervisiona os médiuns, traça os deveres para os CAMBONOS (ou auxiliares),

executa os RITOS DE PASSAGEM (ou sacramentos), etc.

É em suma um INICIADO, conhecedor das MIRONGAS de Umbanda e portanto, um sacerdote sagrado na escala da INICIAÇÃO.

Que é INICIAÇÃO?

O *Dicionário de Ciências Ocultas* (Edição "O Pensamento", 1946) define:

"Espécie de educação gradual, na qual o discípulo, instruído, primeiramente nas suas possibilidades por meio de uma exposição dogmática e ainda hipotética, desenvolve em si, por seus próprios esforços, faculdades transcendentes, das quais não possui agora senão o germe."

Existem entretanto duas espécies de iniciação: a dos MISTÉRIOS MENORES e dos MISTÉRIOS MAIORES.

A primeira destas iniciações não comporta senão um apanhado sintético das ciências elementares, dos princípios gerais, pouco definidos, do ocultismo.

A iniciação dos Mistérios Maiores, a grande Iniciação ou simplesmente A INICIAÇÃO, abrangia a metafísica das ciências no seu grande desenvolvimento, assim como a prática da arte sagrada ou Ocultismo.

"A arte sagrada era ensinada nos templos por professores hierárquicos que faziam o neófito passar pelos diversos graus da iniciação. A grande iniciação era idêntica em todos os santuários ocultos."

No mesmo dicionário vemos esta definição de INICIADO:

"O Iniciado é o que tem conhecimento dos mistérios, isto é, o que conhece a ciência oculta, a arte sagrada. Tal é o verdadeiro Iniciado.

O Iniciado de grau elevado é o que tem o poder de mandar sôbre os espíritos elementais, e em conseqüência, o de impor silêncio ao ráio, domar as ondas e a tempestade. Pode também restabelecer no corpo humano o equilíbrio perdido; regenerar os órgãos e fazer voltar a saúde. E tudo isso se realiza pelo exercício de sua própria vontade que põe em movimento o fluído magnético".

OBRIGAÇÃO DE CABEÇA é o nome que se dá aos preceitos para a ordenação ou consagração.

Sabemos que a mediunidade de uma pessoa se manifesta de várias formas, cabendo ao chefe de terreiro ou Babalaorixá consultado identificá-la. Ao ser observada a mediunidade, o sacerdote que vai se encarregar de FAZER O SANTO do médium, deverá obedecer a certas regras, preceitos e rituais próprios ao Orixá a ser feito, de modo a poder obter um bom resultado da OBRIGAÇÃO DE CABEÇA que vai firmar. São preceitos indispensáveis e sérios. O Babalaorixá deve conhecê-los com segurança para não vir a prejudicar o futuro daquêle que nele confiou.

Ninguém pense outrossim que pode se tornar um Babalaorixá de um dia para outro, sem antes haver passado por todos os preceitos obrigatórios.

Sem receber seu PAI DE SANTO ou sua MÃE DE SANTO, os ensinamentos sôbre tudo o que terá de, por sua vez, empregar mais tarde, não poderá vir a ser, êle também, um sacerdote consciente dos seus deveres e obrigações, concedendo a outros o que de seus PAIS recebeu. São tôdas essas regras originárias da África, tendo descendência direta das mais antigas religiões iniciáticas que se desenvolveram à margem do Mediterrâneo, no norte do continente, e na embocadura ou delta do rio Nilo, enquadrada na mais antiga civilização de que se tem notícia — o Egito dos faraós.

De um modo geral, o processo de FAZER *a* CABEÇA segue esta marcha de 24 degraus: (1)

1.º — Antes de mais nada, o Babalaorixá vai JOGAR OS BÚZIOS (ou conchas) em consulta aos Orixás. Os BÚZIOS se constituem uma das MIRONGAS de Umbanda e porisso não encontramos o assunto explicado nos livros de umbanda. Os búzios são consultados como os cartomantes consultam as cartas do baralho ou o Taro advinhatório. Conforme as

(1) Note-se que damos estas explicações apenas a título de informação histórica. No moderno ritual não mais se usa tão demorado e complexo processo.

Aconselhamos que as práticas de camarinha sejam substituídas por aquelas que forem indicadas pelo próprio guia espiritual. Êste é que poderá dar as instruções adequadas para cada caso, ajustando as necessidades de feitura de cabeça e exercício do sacerdócio umbandista com as características do candidato, o seu grau de educação leiga, o seu vigor físico, etc.

configurações tomadas pelas conchas — normalmente há doze búzios, cada um batizado com o nome de um Orixá (os sete das linhas ou vibrações originais e mais os de guias e protetores). Obtida a confirmação, o neófito é informado do nome do seu Orixá de cabeça: se Orixalá, se Yemanjá, etc.

2.º — O neófito cuidará de providenciar a compra de suas vestes sacerdotais de acôrdo com o Orixá indicado, bem como as demais roupas necessárias, além dos objetos e ingredientes indispensáveis à cerimônia.

3.º — Terminada a FEITURA DO SANTO, o neófito ainda permanecerá determinado número de dias ou mêses residindo no terreiro, tempo êsse que varia de acôrdo com o ritual, com o Orixá com a linha em que foi feito.

4.º — Logo ao chegar ao terreiro, é preparado o AMACI. O banho sagrado é tomado ao ar livre, às três horas da madrugada, sob a direção do babalorixá ou da babá, conforme o sexo do neófito. Logo em seguida, após o amaci, usa-se umas folhas próprias para limpar o corpo, de acôrdo com o Orixá do neófito, sendo mudada tôda a roupa anteriormente usada por outra já do preceito.

5.º — O neófito regressa ao terreiro, já pronto para iniciar seu noviciado. Ficará aí residindo e durante êsse período irá aprendendo o que lhe é absolutamente indispensável para conhecer a nova vida sacerdotal, ou seja:

a) cantar os diversos pontos riscados;

b) conhecer os toques especiais dedicados aos orixás, bem como tocar os atabaques e demais instrumentos sagrados; conhecer os toques diversos, como o VUMBE, matança, arriar obrigação, receber sacerdote, etc.;

c) jogar os búzios;

d) ter rudimentos da língua nagô e de outros idiomas africanos;

e) fazer a matança (mão-de-faca);

f) colher e conhecer as ervas (MÃO DE OFÁ);

g) preparar os AMALÁS e curiadores dos Orixás;

h) realizar tôdas as cerimônias do culto.

6.º — Decorridos 15 a 30 dias são cantados os pontos do Orixá até que êste se manifeste no neófito.

7.º — Nêsse momento, é êle recolhido à CAMARINHA, já com o nome de IYAÔ (iniciado).

8.º — É então submetido à raspagem da cabeça, que é em seguida lavada com ÁGUA DOS AXÊS, sendo no momento feito o sacrifício dos animais. O sangue é deixado escorrer sôbre a cabeça do noviço de modo a escorrer até aos pés. Êsse sacrifício é feito com várias espécies de animais, aves e quadrúpedes, desde o pombo até o cabrito.

9.º — Decorridas algumas horas, é mudada tôda a roupa do iniciado, sendo êle lavado com água das bilhas dos orixás. Seu corpo deverá ser bem enxuto, e será então pintado. Essa pintura é feita

no busto, rosto, braços: Simbolisa hoje os antigos cortes profundos usados na África, como distintivo de cada tribo.

10.º — O iniciado deverá então permanecer na CAMARINHA, que é a cela sagrada, pelo espaço de 15 a 30 dias, isto conforme tiver sido determinada no jôgo de búzios. Isto é determinado pelo Orixá, para que o noviço possa aprender tudo o que deve, completando seu aprendizado — e às vêzes o prazo ainda pode ser prorrogado, indo a 120 dias — e não sáia inabilitado, cometendo falhas que comprometeriam o babalaorixá iniciador.

11.º — Enquanto estiver na CAMARINHA, ficará proibido de falar a quem quer que seja, de sair à rua, de apanhar chuva, sereno, sol ou vento na cabeça. Observará resguardo (ou QUIZÍLIA) de certos alimentos, bem como ficará rigorosamente interditado de relações sexuais. Tomará banho de madrugada na fonte mais próxima, ou com água das bilhas de Orixás.

12.º — Durante todo êsse período da CAMARINHA, não receberá visita de ninguém. Caso deseje alguma coisa, baterá palmas três vêzes (chama-se a isto PAÓ) e fará o pedido por mímicas, sem falar.

13.º — Finalmente, terminado o prazo estabelecido, o BABALAORIXÁ escolhe o dia para a festa em que o Orixá deve dar o nome ou escolher o Protetor.

14.º — O orixá se apresentará, com características diferentes para cada pessoa, dependendo da Linha, do grau de mediunidade, etc.

15.º — Durante a festa do "Dia de dar o nome", tôdas as despesas correm por conta do noviço, que as paga de seu bôlso.

16.º — Após a festa, pela madrugada, a roupa suja do noviço — já consagrado — é conduzida até à fonte mais próxima — ou poço, ou chafariz — para ser purificada. A partir dêsse momento já pode gosar de certa liberdade, podendo sair do terreiro para ir tomar a bênção das pessoas mais velhas de seu terreiro ou dos terreiros visinhos.

17.º — No domingo imediato ao "dia de dar o nome", organiza-se a FESTA DA COMPRA E QUITANDA DO IYAUÔ. Essa compra é uma espécie de leilão, que o Babalaorixá faz, para restituir, mediante compra, a pessoa do Iyauô. Está bem entendido que compra e leilão são simbólicos, pois o comprador já está de antemão determinado. Entretanto, vários filhos de fé se adiantam e dão lances. O lance aceito é o do comprador escolhido, que receberá o Iyauô das mãos do babalaorixá sob vibrantes aplausos dos presentes e ao som do toque dos atabaques e das ibás.

18.º — É então iniciada a "quitanda da Iyauô". No chão do terreiro são alinhadas panelas contendo os mais diversos amalás e garrafas com os curiadores, frutas, doces, etc..

O neófito ou a neófita, ainda de cabeça raspada, é o vendedor ou vendedora dos quitutes. Nessa ocasião fica de guarda aos quitutes com um pedaço de cipó, com os quais castiga os que tentam roubar. Tudo é muito caro, motivo pelo qual há as tentativas de roubo.

19.º — Finda a festa, o neófito volta para a camarinha. Na primeira sexta-feira irá a uma igreja católica, em romaria juntamente com o babalaorixá e demais membros do terreiro. De volta, é entregue em sua casa. A partir dessa data pode se considerar de CABEÇA FEITA.

20.º — Sua subordinação contudo deve prosseguir por mais três mêses, durante o que usará a GUIA (ou quelê) no pescoço, em sinal de sujeição. Findo êsse prazo, o babalaorixá retira o quelê de seu pescoço, depositando-o aos pés do Orixá, seu dono, e restituindo-lhe a liberdade.

21.º — Ainda assim, terá a obrigação de zelar e de tratar do seu Orixá, estando sempre presente no terreiro onde foi preparado, ajudando nas cerimônias e em tudo o que se fizer necessário para o seu auxílio.

22.º — Na data de aniversário da sua OBRIGAÇÃO DE CABEÇA, deverá cumprir seus preceitos, dando uma festa.

23.º — Após sete anos de FEITA, a pessoa passa a ser EBOMIM. Começa então a subir de pôsto den-

tro do terreiro. É costume oferecer-se nessa ocasião uma grande festa.

24.º — Os demais filhos de santos e filhas de santos começam a tomar-lhe a bênção e tratá-lo pelo seu título.

Êsse cerimonial nós o tiramos, em seus mínimos detalhes, do bem feito estudo de José Ribeiro "*Candomblé no Brasil*. O autor narra que foi criado no meio das grandes figuras da religião africana na Bahia, sendo que aos 14 anos foi iniciado como "filho de santo" de Mãe Menininha, no Gantois, na Bahia. É fundador da Federação dos Cultos Afro-Brasileiros de Recife.

No livro *As mirongas da Umbanda*, Byron Torres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto fazem uma descrição que não foge muito à marcha acima descrita, dos processos de iniciação. Na página 92 vem a epígrafe 12. A VISÃO DA CAMARINHA: primeiro, verificar o grau de mediunidade; o babalorixá vai ZAMBURAR OS BÚZIOS (jogar os búzios); faz-se uma cerimônia iniciática para livrar o neófito das más influências, visíveis ou invisíveis; e depois de outras provas, dá-se o ingresso na camarinha. Esta deve estar inteiramente às escuras. O neófito deverá repousar numa esteira nova, debaixo do ALÁ (ou toalha grande com os pontos riscados do orixá).

CONSAGRAÇÃO DE MÉDIUNS

Paulo Gomes de Oliveira, no livro *Umbanda Sagrada e Divina*, propõe um cerimonial simplificado, austero, mais concorde com os tempos modernos em que vivemos, e que por nossa vez propomos aos umbandistas desejosos da unificação ritual, mòrmente aos terreiros de São Paulo e do Rio de Janeiro onde reina a maior balbúrdia possível nêsse particular.

Sendo a mediunidade um mandato divino outorgado ao homem, para que êle pratique o bem e a caridade, considera-se ato de relevante importância aquêle que determina a entrada de um médium no recinto dos trabalhos espirituais.

O candidato deverá em primeiro lugar ser consagrado pelo guia encarregado da formação das ordens mediúnicas (o que corresponde à zamburação dos búzios, que fica assim dispensada) e considerado pronto para integrar-se na corrente que lhe corresponde aos dons que possui. Será então recebido no seio da Fraternidade, pelo Presidente da Casa, que prosseguirá nos trabalhos da seguinte maneira:

1.º — Fará em primeiro lugar a leitura do texto evangélico que se encontra na *I Epístola de Paulo aos Coríntios*, cap. 14, que transcrevemos em apêndice neste livro.

2.º — Terminada a leitura, mandará proceder à corrente de fraternidade, formando um círculo com

todos os médiuns. Após alguns instantes de silêncio, mandará cantar o ponto do Guia Responsável.

3.º — Ao terminar, virando-se para o novo médium lhe dirá:

"Que o Senhor Oxalá te abençoe, em tuas sagradas mãos confio a fôrça mediúnica dêste candidato à carreira da Fé (pronunciará o seu nome). Irmãos, recebei no vosso convívio mais um companheiro da Ordem Umbandista, a serviço de Zambi, de Yemanjá e de Oxalá."

Rogará a presença do Guia do novo médium e depois abraçará fraternalmente o novo elo da corrente, sendo imitado por todos os presentes, um de cada vez, enquanto se faz ouvir música apropriada (ponto riscado).

Para esta, como para tôdas as demais cerimônias, o recinto deverá estar ornamentado de flôres, revestindo-se de um ambiente festivo. Não deve, nessa sessão, haver outra espécie de trabalho.

CONSAGRAÇÃO DE CAMBONES

O presidente abrirá os trabalhos na forma do ritual mandando cantar logo em seguida sete pontos correspondentes a cada uma das linhas de Umbanda. Em seguida, determinará a formação da corrente mediúnica, e colocará ao centro do círculo que será formado por todos os elementos das mesas e do terreiro, o candidato ou candidatos.

Todos os guias deverão trazer a palavra de saudação ou de apreciação, cabendo ao guia responsável celebrar a cerimónia da consagração, segundo a ordem a que pertencer o candidato ou candidatos. Terminada esta parte, o presidente dará instruções aos membros da casa para que ocupem seus lugares, e fará, mandando vir à sua presença de novo o candidato ou candidatos, uma breve oração. Comentará a seguir o capítulo IX do *Evangelho de Lucas*: "O Maior no reino dos céus". O diretor do terreiro fará a prece dos espíritos e a seguir, o presidente dará por empossado ou empossados os novos trabalhadores da Seara de Oxalá.

O SACERDOTADO DE UMBANDA

A questão do sacerdotado de Umbanda vem tratada com muita acuidade por Nelson Mesquita de Cavalcanti, da Tenda Espírita de Umbanda "Irmã Elza", no Rio de Janeiro, e um dos colaboradores da antologia *Umbanda, Religião do Brasil*. Primeiramente estuda êle a resistência que é oposta em muitos terreiros, contra as modificações que de meio século para cá vão sendo introduzidas no ritual e liturgia de Umbanda, modificações essas que implicam na simplificação de determinados atos ontem julgados necessários, mas hoje até inúteis ou contraproducentes.

Por outro lado, o misterioso crescimento da lei de Umbanda vem irritando, e com certa razão, os profissionais da religião em todo o Brasil. É que a lei de Umbanda, no seu caminhar evolutivo, rumo à simplificação da doutrina e dos ritos, considera, para se julgar inteiramente realizada e adatada aos dias que correm, ou seja, como um dos pontos fundamentais de sua plena realização doutrinária, A SUPRESSÃO DA CASTA SACERDOTAL.

Essa casta é, nos tempos modernos, coisa anacrônica, inútil e até mesmo nociva a qualquer religião.

A Umbanda parte do pressuposto de que a crença é uma atitude mental e ainda que, nada nem ninguém pode pagar as culpas alheias, sendo o próprio indivíduo quem, através de seus atos, (lei do Karma) se quita e se ilumina. Por isso, a êle compete, com os recursos de suas crenças, tornar-se o sacerdote de si próprio e dos seus dependentes.

Tôdas as sutilezas litúrgicas ou ritualísticas das religiões, não mais constituem segrêdo. Rasgou-se o véu de Isis. Os motivos que levavam à conservação dos Mistérios e mirongas, nos tempos antigos, vão desaparecendo. O rádio, a imprensa, a televisão, divulgam em seus mínimos pormenores as cerimônias, as palavras rituais, as palavras de ordem, as diretrizes dos mais variados grupos religiosos. Livros de todo tipo — e êste mesmo que o leitor tem em

mãos é uma prova disso — vão deixando patente ao estudioso os segredos da religião revelada.

Efetivamente. Os mistérios se justificavam nos tempos que lá ficaram nas noites africanas de milênios atrás, quando o aprendizado era doloroso, demorado, dispendioso, todo feito por via oral e com pura base mnemônica. A iniciação era o que acima dissemos, uma educação lenta, com as muitas provas servindo de degraus.

O conteúdo filosófico das doutrinas, inclusive as mais discutíveis e as mais condenáveis, como por exemplo, a MACUMBA, ou magia negra, está hoje ao alcance de quem quer que saiba ler, vale dizer, de milhões e milhões de pessoas. Isso não ocorria nas senzalas do Brasil-colônia e Império, quando o culto devia ser transmitido a iniciandos analfabetos, e além do mais, a religião humilde tinha de esconder seus mistérios e rodear-se de espessa camada de segrêdo, para poder sobreviver.

Sendo assim, os caminhos da salvação estão ao alcance de todos e de cada um em particular.

Somos dos que sustentam, dentro da Umbanda teórica, que quando uma religião sente necessidade de constituir uma *casta* sacerdotal, fora e acima do seio generoso e simples do povo, então essa religião começa a repudiar e a trair os seus próprios princípios, isto é, se afasta do domínios da espiritualidade, para cair na política material dos interêsses humanos. Lemos em Elifas Levi que a política, princi-

palmente a que cheira a religião, é "a velhacaria mais hábil ou brutalidade do mais forte".

Uma religião que para difundir princípios divinos de que se diz depositária tem de recorrer à mentira, ao crime, à difamação, à trama vil dos bastidores governamentais, não quererá pròpriamente difundir princípios divinos e sim defender riquezas e interêsses de uma oligarquia (govêrno de uns poucos).

A Lei de Umbanda é a prova certa de quem fala em nome do Grande Pai não pode nem deve temer nada de ninguém. Tem sido ela perseguida pelos poderosos, pelos governos, pelas más autoridades policiais, pelos sacerdotes de quase tôdas as religiões, pela imprensa. A Umbanda não dispõe de "caixinhas" nem de prestígio, nem de vozes nos parlamentos, nem de imprensa, nem de rádio. No entanto, só no Estado de Guanabara (antigo Distrito Federal) e adjacências, há mais de 10.000 organizações em pleno funcionamento; em São Paulo, mais de 4.000 na capital e cêrca de 2.000 no Interior. E êsse número aumentará.

Outro ponto importante do programa umbandista é o da desaparição dos templos, em conseqüencia da supressão do sacerdotado profissional. Sim, com os tempos, todo fiel sagrará o seu terreiro no recesso do próprio lar, onde erguerá seu pegi ou gongá privado. Muitos povos de organização social superior já adotam. Os povos de maioria protestantes primam pela simplicidade, quase nudez, dos seus templos; preferem praticar seu culto em casa, em família, e os melhores ritos que encontram são o do bom comportamento social e o da prática da caridade cotidiana.

O templo tem sido, para encararmos a questão de um ponto de vista histórico, um mero balcão para a mercantilização dos preceitos divinos. É a quitanda da religião.

Todavia, ainda está algo longe o dia em que gerações vindouras extinguirão totalmente êsses focos de contaminação da Lei Divina. Para chegarmos até lá, devemos agir por sufocação, isto é, criar tantos sacerdotes, que cada fiel sendo pràticamente um dêles, a casta desapareça.

Cada criatura será um ente cuidoso de seus deveres espirituais, prescindindo de outros preceptores que os Guias do astral. Não haverá mister de muletas terrenas para quem tem as do estudo conscienciosо e pertinaz. Gaste-se no estudo e na meditação as horas que se soi gastar nos botequins ou nos *tunguetes*, ou ainda — para as mulheres — nas "barrafundas", ou sejam as tertúlias de lavadeiras, em que se sói descaridosamente falar mal do próximo, pôr com impiedade ao sol as deficiências do próximo e criar assim cargas pesadas, oriundas das vibrações negativas, para o karma das línguas maledicentes. Que cada um reconheça o seu caminho cármico rumo à Aruanda, e o trilhe com confiança,

entoando cânticos a Zambi e espalhando o bem à esquerda e à direita. E então, um sacerdote não precisará nem poderá ensinar ninguém, visto que todos terão o hábito salutar de ser bons.

Enquanto isso, vamos formando os nossos quadros sacerdotais com desvêlo. Cada *filho da fé* se dedique à aprendizagem, que deve ser barata, simples, acessível, podendo em tempo relativamente curto, assumir a responsabilidade de dirigir um terreiro.

Deverá obter o grau sem nada pagar — "dai de graça o que de graça recebestes" — e sem sacrifício das ocupações do cotidiano. Em vez dos métodos antigos de longo recesso por mêses e mêses na camarinha, duas horas por noite; em vez de complicados cerimoniais, apenas a sombria vestimenta ritualística, a prece, a meditação.

Estudem. Para isso, demos a lista do que é essencial a um médium ou um chefe de terreiro saber. Indicamos os livros, todos em português, fàcilmente encontradiços. Escolhemos os melhores, para com êles tentar um sistema a um tempo eclético e simplificado. Sistematizamos os variados e por vêzes contraditórios materiais que a Umbanda foi recolhendo no seu caminhar pelos séculos ,até chegar a nossos dias.

O resto, é fácil. Lembremo-nos de que MEDIUNIDADE não é privilégio de um grupo predeterminado de mortais. Deus a concede a todos. Todos a possuem em estado latente. O que é mister é desenvolver. E isto está ao alcance de quem o queira.

O BATISMO

Vamos agora examinar os diversos ritos de passagem, a começar pelo mais importante dêles, que é o batismo.

O recinto deverá estar preparado com simplicidade e adornado de flôres. Uma mesa deverá estar coberta com uma toalha branca, tendo por adôrno, flôres. O chefe de terreiro tomará lugar à mesa e levará consigo um pequeno recipiente contendo óleo de oliveira. Abrindo os trabalhos com uma prece, chamará à sua presença o candidato ao batismo e seus pais (se vivos e se se trata de criança; se adulto, os padrinhos) e dirá:

"E traziam-lhe também meninos para que tocasse; e os discípulos vendo isso, repreendiam-nos. Mas Jesus chamando-os para si, disse: Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus. Em verdade, em verdade vos digo que qualquer um que não receber o reino de Deus como um menino, não entrará nêle (*Lucas* 18).

Em se tratando de adulto, lerá *S. João*, cap. I, vv. de 1 a 24.

Cruzada a fronte (chamada em Umbanda a CHACRA frontal) com o óleo de oliveira, salpicando algumas gotas de água sôbre a cabeça da criança,

gotas tiradas com as pontas dos dedos da mão direita, de uma taça virgem colocada sôbre a mesa (se o preferir, um coité, ou vasilha do ritual tradicional; mas se houver dificuldade em se a obter, será dispensável). Essa taça ou coité deverá ser partida depois do ritual, para não ser nunca mais utilizada em qualquer outro uso. Ou então, é dada ao pai com a recomendação expressa de jamais utilizá-la para outra coisa mais do que como lembrança ou relíquia. Declarará em seguida:

"Fulano, eu te consagro em nome do Guia (dirá o nome do guia responsável pelos trabalhos) para que diante de Oxalá faças a tua jornada terrena. Sôbre ti, invoco a bênção de Zambi, o Altíssimo, e a proteção dos falangeiros e legionários de Umbanda."

É tirado ponto cantado festivo. Se fôr criança o batisando, deverá também ser cantado o ponto de trabalho de Yori (Cosme e Damião).

Outro ritual

A toalha e a mesa, com altar iluminado. Uma bacia branca, um copo com água pura, um pires com chá que se há de banhar a cabeça do batisando, um pires com mel de abelhas puro, um pires com óleo de oliveira, uma porção de incenso puro para defumar só o batisando. O sacerdote e o cambono vestirão uniforme branco. Se houver outros assistentes também vestirão de branco.

O chefe do terreiro oficiará, rezando:

— Na qualidade de levita de nossa Lei de Umbanda, abro esta sessão em nome de Deus, de nosso grande Pai Oxalá e de nossa grande mãe Iemanjá, para administrar o sacramento de batismo a esta criança, Fulana, filha de... e de... e que terá como padrinhos fulano e fulana."

Explicado assim o motivo do ato, com palavras respeitosas para com as entidades superiores, o chefe de terreiro manda cantar ou canta o ponto da entidade, que é a seguir riscado. O cambono começa então a defumar o recinto, com a defumação correspondente.

A seguir:

1 — Toma a vela e dá aos padrinhos e acende, já nas mãos dêstes.

2 — Toca o polegar DIREITO sêco, no sal moído e passa na pálpebras da criança, passando logo algodão para evitar que haja resíduos de sal nos olhos ao primeiro movimento da criança.

3 — Molha o polegar direito no óleo de oliveira e toca as duas orelhas da criança, dizendo: em nome de Xangô, o senhor do som, toco os teus ouvidos com o óleo para que se conservem bem abertos às lições da sabedoria.

4 — Molha o polegar DIREITO no mel e toca os lábios da criança, dizendo: Em nome de Oxum, a senhora do Paladar, toco os teus lábios com mel para que tenhas amor à verdade, só fales para cons-

truir e só haja doçuras na tua bôca mesmo para com teus inimigos.

5 — Passa o polegar DIREITO no incenso e leva-o ao nariz no batisando, dizendo: Em nome de Yori, protetor do olfato, para que tenhas sempre presentes as emanações do bem.

6 — Passa a água nas mãos da criança dizendo: Em nome de Oxoci, para que estas mãos sempre espalhem o bem e trabalhem nas obras construtivas.

7 — Toma o cosimento (chá) que está no pires. É o banho de cabeça ou AMASSI, correspondente ao signo da criança, a toalha no braço esquerdo, o cambono dispõe a bacia para aparar o conteúdo. Enxuga a cabeça e diz: Em nome de Ibeji (Cosme e Damião), banhei tua cabeça com o banho do teu signo; tua cabeça será a sede dos princípios superiores do teu Ego, que ela te conserve forte e lúcido e seja o instrumento do teu guia.

Assim foram consagrados os teus cinco sentidos e a tua mente; vamos agora consagrar o teu coração, morada do teu Ego, a porção divina que mora em ti".

8 — Toma a vela das mãos dos padrinhos e com a mão ESQUERDA apoia no peito o cabo, dizendo: "Esta vela acesa é o símbolo do fogo criador. Ponho sôbre o teu coração que é o santuário de Oxalá, senhor da luz sideral que ilumina o mundo. Em nome de Oxalá te considero batisado e ponho-te o nome de... pelo qual responderás no Tribunal Divino.

CRUZAMENTO

Chama-se CRUZAMENTO um ato de iniciação elementar, voluntário, de livre escolha, do adulto que se dispôs filiar-se à religião. É uma inovação em Umbanda, não existindo no antigo rito africano.

Para se cruzar uma pessoa, manda-se cantar o ponto da entidade, e tomando a pemba e a espada de São Jorge (ou ponteiro), risca-se o ponto conforme o rito.

O cruzamento, nos dias que correm, é uma cerimônia simples, realizada em pleno terreiro, à vista de todos, durante uma sessão e não oferecendo nada de esotérico. Nem se pensa hoje em Umbanda no valor do ritual antigo, e tampouco se pensa em preparar o filho da fé para o seu orixá, pois hoje, quando muito, cuida-se de harmonizar-se o filho da fé com o seu caboclo ou o seu preto velho. Cruzamento equivale a bênção, e neste sentido se aplica tanto a pessoas como objetos. Todos os objetos que citamos e que devem ser utilizados no cerimonial necessitam antes de mais nada serem cruzados, isto é, consagrados.

UM CERIMONIAL COMPLETO. — Um dos tratadistas de umbanda apresenta o seguinte desenvolvimento do cerimonial:

No dia do cruzamento do candidato, o Terreiro assume aspecto festivo. Geralmente êste cerimonial é assistido por todos os filhos e filhas de santo, que

nele costumam trabalhar. Tanto os homens como as mulheres cruzadas nas várias linhas de Umbanda participam do cerimonial vestidos com a indumentária simbólica das linhas a que pertencem.

Os filhos de santo ficam enfileirados durante todo o cerimonial à direita, enquanto que as filhas de santo permanecem à esquerda do PEGI ou altar, onde em lugar de honra está colocada a imagem ou efígie do Orixá protetor do terreiro.

Os OGÃS (ou assistentes do Babalaorixá), os CAMBONES (auxiliares dos Guias) ficam no início da cerimônia ao lado do pegi, até o momento da incorporação dos Guias ou Chefes de linha. De frente para o altar, assentam-se os músicos, com seus instrumentos, que são: os atabaques (já descritos), a campainha, agajôs, etc..

Os assistentes são colocados atrás e ladeando o pegi em fileiras por detrás dos filhos e filhas de santo.

Quando tôda a assistência está a postos, o chefe do terreiro (cacique ou babalaorixá) cruza o terreiro, para descarregá-lo de tôda e qualquer má influência, enquanto o Ogã puxa o ponto cantado de cruzamento, que tem êste estribilho: "Encruza, encruza na fé de Orixalá, encruza..."

Depois de terminada a cerimônia do cruzamento — que equivale à bênção — o chefe do terreiro pede ao Ogã que puxe o ponto para segurar a Gira.

Não recomendamos em absoluto que se misture qualquer toque de magia negra, com invocações ao Exu, a pretexto de o neutralizar. O melhor, em umbanda, é definitivamente não mexer com o exu. Êle próprio verificará, pela seriedade do terreiro e pelo critério com que estão sendo feitos os trabalhos, que ali não é o seu lugar, e, sabendo-se "oferecido sem ser querido", preferirá ir a outros terreiros, onde o chamem e o festejem... Assim, suprimos neste cerimonial o ponto cantado de Exu.

Quando a entidade baixar, os músicos advertem a assistência com batidas cadenciadas do tambor. O candidato, a esta altura está jocô (sentado) ao lado do pegi e sente as correntes emanadas pelos pontos cantados. Mas só poderá se incorporar com ordem do chefe do terreiro.

Agora então é a própria entidade incorporada no babalaorixá que pede ao Ogã para puxar o ponto do anjo da guarda do candidato. O Ogã inicia o ponto cantado também por tôda a assistência. A entidade presente no terreiro chama o candidato, o qual se atira ao chão em prova de humildade, e bate com a testa três vêzes no solo, em saudação à entidade presente. Enquanto o candidato está nesta posição, a entidade inicia o seu cruzamento pelas costas. Êste cruzamento consiste no seguinte gesto: o ogã empunhando uma espada de aço, ou o ponteiro mágico (já descrito) traça nas costas do candidato uma cruz.

Logo a seguir, a entidade, com a palma da mão esquerda, levanta o candidato do solo e cruza com a espada o seu corpo de baixo para cima. Após êste cruzamento, saúda o novo membro, batendo na sua testa três vêzes. Dá-lhe em seguida um abraço de ombro a ombro, que é a saudação dos Orixás.

Nesta altura a entidade ordena ao Ogã que cante o ponto do Orixá, a cuja linha pertença o novo cruzado. Durante o cântico o neófito é imediatamente investido pelas entidades da falange a que pertence, ou seja, é TOMADO. Depois de MEDIUNIZADO o novo membro, os filhos e filhas de santo podem receber os guias que estiverem a seu lado durante todo o desenrolar da cerimônia.

Êste ritual, muito interessante, é o cruzamento de um pai de santo no culto bantu.

CASAMENTO

Com pequenas variantes, que nada tiram da solenidade do ato, nem o invalidam, eis uma cerimônia de casamento na Umbanda. Inicialmente, é mister que os nubentes já estejam casados civilmente, isto é, hajam passado pelo cartório e recebido a consagração das mãos do juiz de paz. Sendo o ato do matrimônio o primeiro passo a organização social da grande família humana, deve assim inspirar-se na moral. É mister que os nubentes tenham sempre

presentes as responsabilidades que assumem perante Deus e perante os homens. No Brasil não há o divórcio; o casamento é, por ora, indissolúvel. Sendo assim, preciso é que o noivo e a noiva tenham meditado muito no passo que vão dar. Levemos em conta que, na rigorosa acepção do termo, UMBANDA NÃO CASA NINGUÉM. Mas para aquêles que já se uniram segundo as prescrições da vida civil, ela invocará para o novo lar as bênçãos da côrte de Aruanda, protegerá contra as infiltrações das vibrações maléficas e fortalecerá a crença na felicidade conjugal.

Todos entram no gongá ao som da marcha nupcial de Mendelson. O ambiente deverá estar ornamentado de flôres, mas, sem ostentação. A mesa, deverá ter uma toalha branca, estando também ornamentada de flôres. O chefe do terreiro tomará lugar à mesa e chamando diante de si os nubentes, mandará que todos permaneçam de pé — noivos, convidados, auxiliares e de pé êle próprio lerá o trecho da Epístola do Apóstolo Paulo referente ao casamento: "O marido pague a sua mulher a devida benevolência e da mesma sorte a mulher ao marido, etc."

Feita a leitura, fechará o livro vagarosamente, e depois de uma pausa, dirá:

"Se estais dispostos, meus irmãos, diante desta assembléia de fiéis a tomar sôbre vossos ombros o apostolado da família e pautardes vossos caminhos

à luz da Moral de Oxalá; se sabeis que a função do matrimônio é um traço de união entre o homem visível e o homem invisível; se estais dispostos a seguir a lei dos espíritos puros (pausa; sinal de assentimento, com a cabeça, dos nubentes) — diante de Zambi, e em memória da Família Sagrada eu vos coloco estas alianças no dedo."

Recomeça a marcha nupcial, que é como que um "ponto cantado" próprio para a ocasião, o presidente faz a prece do seu protetor, e cumprimenta os recem-casados, recomendando-os à simpatia e preces de todos os presentes. Assim são encerrados os trabalhos.

Outro ritual

O chefe do terreiro e cambone e filhas de santo, todos em uniforme branco. Noivos de pé. Ao lado, os padrinhos segurando velas acesas.

O chefe do terreiro traça o ponto da entidade e manda cantar o próprio ponto. Depois do canto, diz:

"Em nome do grande Pai Zambi e em nome da grande Mãe Yemanjá, vamos proceder ao ato sacramental da união do senhor... e da senhorita... na nossa Lei de Umbanda.

(Olha os noivos firmemente e interroga-os).

Já cumpristes o que manda a lei civil?

Vosso compromisso é livre, amorável e espontâneo?

Sabeis que vos recebendo mùtuamente como marido e mulher, é para todo o sempre, e que ireis partilhar de um karma comum?

(Volta para a assistência e interroga-a):

— Há alguém que tenha alguma objeção válida contra esta união?

As respostas sendo tôdas normais, tendo reinado silêncio na assistência, o chefe do terreiro apanha as mãos dos nubentes, coloca-as em cruz uma na outra e diz:

Visto que o rito de Umbanda é um sacramento com fôrça moral ao de qualquer outra religião, em nome das fôrças de Aruanda imploro para vós a proteção de tôdas as fôrças vivas da natureza, encarnadas nas sete vibrações originais. Que estas vibrações vigiem perpètuamente pela vossa felicidade e pela dos filhos com que Yemanjá, símbolo do princípio procriador, tiver de abençoar a vossa união. Lembrai-vos do que diz a Escritura: não é bom que o homem esteja só. Assim, unidos por um laço que deveis considerar inquebrantável perante as leis de Deus e dos homens, deveis um ao outro: fidelidade, amparo, amor, respeito e proteção.

A seguir, toca-se o disco da marcha nupcial ou, na sua falta, a AVE-MARIA. Os noivos ajoelham-se, o chefe de terreiro coloca nos dedos as alianças respectivas. "Declaro-vos marido e mulher, casados na lei de Umbanda e sob a proteção de nossos Orixás Supremos".

O chefe do terreiro semeia pétalas de rosas, que tirou de uma bandeja trazida no momento por uma jovem solteira. A seguir, manda que os noivos se levantem e os cumprimenta consoante o grau de intimidade, com um abraço ou com um simples apêrto de mão.

DESCRUZAMENTO

O descruzamento é a encomendação. Para esta cerimônia, não seria próprio cantar pontos ou riscá-los, porque haveria o perigo de provocar emoções ou até baixa de entidades, o que criaria constrangimento para a família do morto e os que tivessem vindo velar. O ato fúnebre deve ser sempre sóbrio e respeitável. Importa não conturbar o morto. Por isso o ato de encomendação deverá ser muito simples — ou na casa do morto ou no terreiro de escolha da família. Seria até falta de respeito cercar êsse ato de complicações de ritual.

O cambono precede o chefe do terreiro defumando o recinto. O sacerdote uniformizado risca discretamente ao pé de si o ponto da linha a que pertence (só o da linha, o que impedirá incorporações), colhe de uma bandeja fôlhas verdes, miúdas, e pétalas de flôres que espalha sôbre o caixão e diz: "Vamos praticar o ato sagrado da encomendação em nome da nossa lei de Umbanda. É do nosso destino

nascer, viver e ir-se embora. O homem é mero viajante, um estrangeiro na face da terra."

Nosso irmão Fulano nos precedeu na jornada, neste caminho que todos teremos de percorrer, rumo ao infinito, para o seio de Deus onde no fim do nosso karma chegaremos enfim. Que tôdas as fôrças da natureza lhes sejam propícias e acolhedoras no seu trajeto. Suplicamos a todos os poderes do Universo, que facilitem o seu progresso espiritual.

Neste sentir místico, voltamos nosso pensamento para a luminosa côrte de Aruanda, fazendo um Pai Nosso, a grande oração universal ensinada por Jesus (Todos rezam alto. Pode se acrescentar outra oração dos defuntos, bem como um salmo adequado). No final, o babalaorixá ou chefe de terreiro que está oficiando como sacerdote volta a esparzir fôlhas e flôres, e diz: "Nosso grande pai Oxalá e nossa grande mãe Iemanjá te recebam em paz. Ajuda-nos com tuas preces lá no reino de luz para onde caminhas".

O AXEXÊ

Na Umbanda tradicional, chama-se AXEXÊ à cerimônia fúnebre. É aplicada mais particularmente ao rito realizado no sétimo dia após o falecimento. A título de curiosidade, damos êsse rito, que vem dos tempos coloniais, tendo sido transplantado da África.

No sétimo dia, varre-se os passos do morto dentro do terreiro, a fim de que não perturbe os que ficaram caso teime em permanecer apegado ao lugar.

O cerimonial é feito em tôrno do IXÊ, que, como já explicamos, é mastro central do terreiro e sob o qual estão enterrados os axês que dão a fôrça espiritual do local.

Os atabaques soam por sete dias seguidos, e para encerrar, faz-se o AXEXÊ. São cantados pontos próprios. Nessa ocasião, despacha-se o VUMBE (cerimônia que visa "despachar" a alma do morto) e tôdas as suas roupas e objetos são transportados para um rio, onde são largados. A crença é de que o rio levá-los-á ao mar e êste à África.

Nessa ocasião serve-se o "mingau das almas" (eguns) — o prato preferido do morto, preparado tal como êle gostava de comê-lo em vida. Essa cerimônia deverá ser presidida por um BABALAORIXÁ ou uma YALORIXÁ, geralmente convidada especialmente para isso.

COMO USAR OS QUELÊS OU GUIAS

Na Umbanda tradicional, cada guia ou quelê, de acôrdo com as suas côres e disposição das contas, indica o orixá ou um cargo religioso hierárquico. Na própria forma de colocá-las há uma ordem a ser observada. Assim:

Homens (com orixá masculino) — guias usadas a tiracolo.

Mulheres (com orixá feminino — guias usadas em tôrno do pescoço.

Mulheres (com orixá masculino) — a guia de Orixá a tiracolo e as dos demais no pescoço.

Homens (com orixá feminino) — a guia do orixá no pescoço e dos demais a tiracolo.

Os cargos religiosos, vindos dos diversos cultos africanos e conservados na Umbanda tradicional são êstes:

BABALAOREXÁ, ou Cacique, ou Chefe do Terreiro, ou Pai de Santo, ou ainda, Diretor Espiritual. É a maior autoridade teológica no terreiro.

BABALAUÔ — Pai de santo que consulta Ifá pelo zamburamento dos búzios, ou pelo Taro Divinatório.

IALORIXÁ, ou mãe de santo. É o BABALAORIXÁ feminino.

PEJIGÃ — Zelador do peji ou gongá.

OGÃ — Padrinho.

OGÃ-NILU — Chefe dos tocadores de ilu ou atabaques.

OXOGUN, ou mão-de-faca, sacrificador de animais de quatro pés.

ATÔ OXOGUM, sacrificador de animais de dois pés (aves).

ALABÊ, chefe dos tocadores de campainha.

IAQUERERÊ, Mãe pequena, Mãe de santo ainda em fase de iniciação.

IANLÁ, mãe grande, iniciada de grau superior.

ABACÊ, cosinheira. Encarregada de cosinhar para os orixás, preparar os amalás.

CAMBONE, auxiliar do babalaorixá.

CAVALO, médium, o que incorpora as entidades.

SAMBA, Neófita, Auxiliar do culto, no coral, etc

COMPARAÇÃO DOS DIVERSOS CULTOS

Já sabemos o que é sincretismo. É o fenômeno de reunião de elementos de duas ou mais doutrinas, tendo ficado especialmente para designar o fenômeno religioso.

Na religião afro-brasileira entraram os seguintes elementos: gegê-nagô, bantu, muçulmi (haussás e malês, negros mulçumanos), católico, fetichismo caboclo (religião dos índios), espírita, teosófico. Já começa a haver influência do evangelismo ou protestantismo, pelo manuseio cada vez mais acentuado da Bíblia nos terreiros e tendas.

Os cultos nagô-gegê e bantu, que forneceram a maior parte dos elementos componentes da Umbanda moderna, oferecem êstes pontos de comparação:

1.º — O culto nagô, proveniente da cultura ioruba, é o mais elevado e o que conservou no Brasil a doutrina secreta dos iniciados; por isso, o nagô pôde dominar os demais, pela pureza de suas tradições.

2.º — O culto gegê vem a seguir, muito aproximado, e por isso com êle se confundiu.

3.º — O culto nagô-gegê possuia uma teogonia nacional, ao passo que o culto bantu tinha semi-deuses particulares conforme cada região e até mesmo cada terreiro.

4.º — O culto nagô-gegê tem hierarquia sacerdotal, ao passo que o Bantu não tem organização sacerdotal.

5.º — Os crentes do culto nagô-gegê trabalham com os Orixás, com os espíritos celestes, com os elementais da natureza, e com os exus, mas não invocam espíritos dos desencarnados (eguns); os bantus e bantus-ameríndios entretanto trabalham também com os eguns.

6.º — Foram os bantus que incorporaram a seus cultos os orixás nagôs e os santos católicos, visto que não dispunham dos conhecimentos espirituais dos nagôs-gegês.

Dessa amálgama de cultos, surgiram as seguintes variedades:

PAJELANÇA — praticada no nordeste principalmente. É o espiritismo caboclo em sua mais acentuada feição étnica, pois predomina o elemento religio-

so amerindio. Mas entram também o espiritismo, catolicismo e outras.

CATIMBÓ, onde não há hierarquia sacerdotal, sendo o seu ritual semelhante ao espiritismo comum. Baixam espíritos de mestres falecidos, de índios e de pretos velhos.

XANGÔS, no Nordeste, agremiações religiosas fortemente marfadas pelos rituais dos candomblés da Bahia.

CANDOMBLÉS, hoje degenerados francamente para a prática da magia negra, conservando a sua pureza primitiva apenas na Bahia, e ainda assim em alguns dêles.

QUIMBANDA. Outra forma nos dias de hoje degenerada da Umbanda. A palavra caminhou semânticamente para o significado de terreiro onde se pratica magia negra. Embora alguns autores tenham esboçado a defesa da Quimbanda, alegando que foi uma precipitação do autor Lourenço Braga ao atribuir-lhe o significado de "banda do mal", o fato é que hoje Quimbanda, CANGERÊ e MACUMBA se confundem, formando um sentido só. Não há mais porque tentar defender o significado da palavra: cientìficamente, não formaria sentido e seria inócuo.

CAPÍTULO IV

COMO ORGANIZAR UM TERREIRO

A primeira coisa a se desejar para a abertura de um terreiro, é a existência de fiéis ou filhos de fé. Êstes fiéis deverão se cotisar para as despesas da organização. Poderão fazer uma reunião preliminar para assentar o nome da entidade, geralmente tirada de um Orixá ou de um guia.

Tenha-se presente que a organização de um terreiro é garantida pela liberdade de culto, segundo consta na Constituição, artigo 141, item 7.º. Tôdas as religiões são permitidas e é livre o culto, desde que não fira os maus costumes. As entidades religiosas terão de adquirir personalidade civil, jurídica, nos têrmos da lei.

Nem sempre foi assim. Já vimos como a Umbanda surgiu dos ritos secretos, praticados altas horas da noite, no recesso das matas. Havia no Brasil-Colônia uma religião oficial, que asfixiava e perseguia tôdas as demais. O advento da Revolução Francesa, em 1789, permitiu a liberdade dos cultos entre as liberdades mais acariciadas pelo homem. Na monarquia brasileira, após a independência, con-

tinuou a haver uma religião oficial, mas os demais cultos eram tolerados.

A Umbanda contudo, pobre religião de escravos, não ousou surgir à luz do dia. Foi só na República que, com a carta de 1891, outorgando a separação da Igreja e o Estado e pondo todos os cultos em pé de igualdade perante a lei, é que a Umbanda começou a se mostrar tìmidamente à luz do dia. Ainda assim, um obsoleto, anacrônico dispositivo do Código Penal cominava castigos aos que praticassem o espiritismo. Êsse estúpido e anti-democrático dispositivo caiu, graças à grande celeuma que fizeram os interessados na sua revogação.

Hoje, exceto em se tratando de algumas autoridades truculentas, fanáticas e pouco ciosas do respeito à lei, e da guerra impiedosa que lhe move certo clero poderoso, chegando a exorbitar e a influir nas autoridades para que cometam arbitrariedades inconstitucionais, a UMBANDA É UMA RELIGIÃO LIVRE. Pode funcionar livremente, à sombra e ao amparo das nossas leis, pode estabelecer seus rituais, aperfeiçoá-los, simplificá-los, dentro das rígidas normas da evolução religiosa e histórica.

Há apenas a ressalva dos costumes públicos. Evidentemente que não seria lícito tentar revivescer certos cultos orgíacos do paganismo, certos mistérios dionisíacos, ou venusinos, em que havia dansarinas nuas e excessos de libações, tudo terminando em dissoluções sexuais, em libertinagem desenfreada.

Não é permitido, sob pretexto de liberdade de culto, reproduzir tais licenciosidades.

Assim, desde que a finalidade de Umbanda é adorar a Deus com maior ou menor pompa de liturgia, e praticar a caridade, ajudando os seres desencarnados e apressar a sua evolução cármica, ela é inteiramente livre. Não deve satisfações à polícia, que por sinal não é o órgão público incumbido de impedir ou permitir os seus trabalhos. A polícia poderá quando muito intervir em suspeitando da existência de abusos (charlatanismo, curandeirismo, ou exercício ilegal da medicina, extorsão, abuso da boa-fé e crendice alheia, etc.), para formular o inquérito diante do qual o magistério público (promotoria) apresentará a denúncia, e o juiz ordenará o processo, que pode resultar em prisão dos contraventores, ou pelo menos em destituição da diretoria da entidade.

Agora, uma recomendação. Quem tiver a intenção de abrir um terreiro com fitos mercantis, com a esperança de enriquecer-se, não o faça. Estará sujeito ao desencadeamento de fôrças psíquicas que o irão prejudicar muito, ao mesmo tempo que sobrecarregará o seu Karma com essa transgressão da lei de Umbanda. Não se negocia com as coisas sagradas; não se faz da manifestação dos orixás um motivo de comércio. Não é essa uma maneira lícita, nem prudente, de ganhar dinheiro.

Pôsto isto, e na suposição de que êste livro está sendo escrito para os bem intencionados, para os que procuram na umbanda um caminho mais curto de evolução espiritual, vamos dar os pormenores de como se organiza e se constitui uma entidade civil de umbanda.

Feita a escolha do nome, será nomeada uma comissão a fim de redigir os Estatutos.(*) No estatuto deverá constar obrigatòriamente nome e endereço da nova entidade; o foro que escolhe (e que é sempre o da comarca onde fôr registrado o terreiro); cargos de diretoria (no mínimo três — presidente, secretário e tesoureiro, mas sendo aconselhável um quarto, o de Diretor Espiritual), maneira de se a eleger, condições em que se dissolverá a entidade (quando ficar reduzido a um mínimo de sócios) e destino que deve ter o patrimônio em caso de extinção.

A relação dos diretores, com idade, nacionalidade, residência; mais um extrato dos estatutos que deve ser publicada no Diário Oficial, mais a ata da constituição da entidade, o que deve constar em livro próprio, serão apresentados ao Cartório de Registro de Títulos e Documentos. Daremos a seguir o texto da lei que rege o assunto.

(*) A Livraria Espiritualista prepara e redige estatutos. Tem um departamento especial para informar e orientar os interessados. Caixa Postal 1625 — São Paulo.

Feito o que, está a entidade apta a funcionar. Sugere-se que um Terreiro seja pôsto nos subúrbios, em bairros distantes, para evitar as restrições urbanas (ruídos depois das 22 horas, etc.) que poderiam influir no ritual, como também por motivos de economia, pois ali os alugueres são mais baratos e há sempre maior espaço. O ideal é que não haja escolas nem visinhos num ráio de muitos metros, o que possibilitará em dias de festa as reuniões se prolongarem até mais tarde sem que haja reclamações.

Uma vez feito o registro, o tesoureiro deve providenciar os impressos: talões de recibos para as mensalidades, anuidades e donativos esparsos e espontâneos; fichas de sócio, cadernetas sociais; papel e envelope com o timbre da entidade, etc. O ideal para mensalidades, serão as cédulas de cartolina, que irão figurar na caderneta e darão comprovante de que o associado está quites.

Uma cópia autenticada — ou fotocópia — da certidão do registro em cartório deverá ser emoldurada e colocada na parede, em lugar bem visível e accessível à exibição a autoridades ou visitantes. Para a obtenção dêsse registro, como vimos, foi mister recorrer ao Cartório de Registro de Títulos e Documentos (na capital, há cartórios especializados; no Interior, geralmente outros cartórios acumulam também essa função), no cumprimento do Decreto n. 4.857 de 9 de novembro de 1939, com as atualizações decorrentes da legislação complemen-

tar e que cuida dos registros públicos. Êstes registros são: o registro civil das pessoas naturais; o registro civil das pessoas jurídicas.

Diz o artigo 122, Título III dessa lei:

"No Registro Civil das pessoas jurídicas serão inseridos:

I — Os contratos, os atos constitutivos, os estatutos ou compromissos das sociedades civis, RELIGIOSAS, pias, morais, científicas ou literárias, e os das associações de utilidade pública e das fundações.

O artigo 128 diz de que consiste êsse registro:

"O registro das sociedades consistirá na declaração, feita no livro, pelo oficial, do número de ordem da data da apresentação e da espécie do ato constitutivo, com as seguintes indicações:

I — a denominação, o fundo social, quando houver, os fins e a sede da associação ou fundação, bem como o tempo de sua duração;

II — o modo porque se administra e representa a sociedade, ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente;

III — se os estatutos, o contrato ou o compromisso são reformáveis no tocante à administração, e de que modo;

IV — se os membros respondem, ou não, subsidiàriamente, pelas obrigações sociais;

V — as condições de extinção da pessoa jurídica e o destino do seu patrimônio, nêsse caso.

VI — os nomes dos fundadores ou instituidores, e os membros da diretoria, provisória ou definitiva, com indicação da nacionalidade, estado e profissão de cada um, bem como o nome e residência do apresentante dos exemplares.

Art. 129 — Para o registro serão apresentados dois exemplares do jornal oficial em que houverem sido publicados os estatutos, compromissos ou contratos, além de um exemplar dêste quando a publicação não fôr integral. Por aquêles se fará a inscrição, mediante petição com a firma reconhecida do representante legal da sociedade, lançando o oficial nos dois exemplares a competente certidão de registro, com o respectivo número de ordem, livros e folha, um dos quais será entregue ao apresentante e outro arquivado em cartório, rubricando o oficial e selando as folhas que estiver impresso o contrato, compromisso ou estatuto".

Uma vez legalizado o terreiro, estabelecida a sua secretaria, terá que haver um livro de atas e um "livro tombo", para registro dos batizados, casamentos e encomendações que forem sendo feitos.

TRONQUEIRAS OU DEFESAS

Organizada, pois, essa parte civil, que como vimos, é muito simples, passamos à parte esotérica ou mágica.

É preciso organizar a defesa do terreiro. Evitar a entrada de vibrações maléficas ou de entidades indesejáveis, intrusas, que apreciam aparecer onde não são chamadas para perturbar os trabalhos. Muitos terreiros costumam fazer concessões a Exu, ter uma casinha com a sua imagem na entrada. É um êrro. Nada de oferendas, de agrados com bicho tão confiado, que aproveita o mínimo descuido para se infiltrar e se instalar, e que não é amigo de ninguém, não se deixando comprar por agrados! Já é tempo de na Umbanda pura, modernizada e arejada, separarmos o joio do trigo.

A defesa chama-se TRONQUEIRA, por sua simitude simbólica com um amontoado de troncos, ou "tronqueira", ou abatizes, que certas tribos africanas costumavam pôr diante de suas aldeias, para impedir a invasão de inimigos.

Não faça nunca uma tronqueira empregando material da magia negra, como caveiras, animais empalhados, fetos humanos, serpentes enterradas vivas e quejandas! A tronqueira se faz com quatro hastes de aço puro, ponteiros, devidamente cruzados, enterrados verticalmente nos quatro cantos, depois de prévia defumação de todo o imóvel onde vai funcionar o terreiro. Cantar-se-ão os pontos da entidade que irá presidir o terreiro. O mesmo trabalho se fará, mais adstritamente, no gongá, ou recinto sacro.

SESSÃO DE ABERTURA PRÉVIA

Haverá uma primeira sessão de abertura, para a qual damos o competente ritual, diferente da SESSÃO INAUGURAL, que deverá ser pública e de carater festivo, mas podendo ser feita até um ano depois do início do funcionamento, em data adequada (um domingo, um feriado, um dos dias festivos de Umbanda, etc.).

A vestimenta, como dissemos atrás, deve ser branca e assim também o calçado, o qual deve ser privativo da cerimônia, para evitar as impurezas das ruas, etc. A assistência deverá sentar-se nos bancos e conversar em voz baixa antes de iniciados os trabalhos. Não se deve cruzar os braços nem as pernas, pois essa postura perturba sèriamente condensação das vibrações que irão se derramar sôbre o recinto.

Em dado momento, previsto que foi o atrazo inevitável dos retardatários, o chefe do terreiro manda o cambone soar a campainha para o início dos trabalhos.

O cambone ou uma mãe pequena encaminha-se para o gongá e começa pelo pegi a defumação. Defuma-se o altar em todos os sentidos sempre em cruz, ou seja, do alto para baixo e da direita para a esquerda. Depois, passa-se a defumar o ambiente em geral, primeiro a parte privativa dos trabalhos, depois a destinada à assistência.

Durante o ato da defumação, faz-se uma prece.

O presidente ou chefe do terreiro convida então os médiuns a formarem a corrente do trabalho, quando, de mãos dadas todos êles saudam o altar. Esta saudação consiste em bater por três vêzes com a cabeça na base do altar, tendo as mãos levemente apoiadas nas extremidades laterais do pegi.

Depois da saudação — que será organizada de modo a evitar atropelos — entram os médiuns em formação conforme o sistema da tenda: simples ou cruzada. Formação *simples* é quando ficam homens de um lado e mulheres de outro. Formação *cruzada* é quando se colocam alternadamente um homem e uma mulher. Finda a saudação e formada a corrente de trabalho, ultima-se a defumação do corpo mediúnico, para o que se observam as seguintes regras:

1 — O chefe do terreiro se coloca diante do altar.

2 — Os ogãs ficarão entre as extremidades da corrente que se formará lateralmente ao altar.

3 — Cambones, colocam-se do lado esquerdo do pegi e fora da corrente.

Recebendo do cambone o defumador, o chefe do terreiro saúda com êste o altar, defumando-o em forma de X. Reverencia o defumador ou antes, saúda-o com a batida de cabeça regulamentar, e isto deve ser feito antes de se iniciar a defumação dos médiuns e ao terminá-la.

Durante o ato defumatório, a assistência entoa o cântico adequado a êsse ato.

Então o dirigente se colocará diante do altar, elevando os braços lateralmente, e profere a prece de abertura, enquanto a corrente, os Ogãs e o Cambone permanecerão firmes em seus postos e em recolhimento espiritual. Finda a prece, entoa-se o ponto de abertura. Só então é que se faz a saudação aos orixás, devendo ser primeiramente cantado o ponto de Oxalá, para cujo ato há um ritual apropriado.

O dirigente deita-se diante do altar elevando os braços acima da cabeça. Os demais componentes do corpo mediúnico permanecerão ajoelhados. Terminada a saudação a Oxalá, voltam todos à posição anterior e passa-se a saudar os demais Orixás. Concluida a saudação à Hierarquia de Umbanda (as sete vibrações originais ou linhas, as legiões, as falanges, as sub-falanges, os agrupamentos), é feita pela corrente uma prece de confirmação de abertura. Procede-se então à chamada dos Guias Espirituais e protetores do Terreiro, iniciando-se pelo Guia-Chefe e isto através de pontos cantados.

Com a incorporação do mentor, o ritual passará a obedecer a sua orientação até a desincorporação geral, quando novamente o chefe do terreiro volta a orientar os trabalhos, e procede à cerimônia de encerramento.

Convidamos todos os umbandistas sinceros a trabalharem pela unificação adotando êste ritual de

abertura, que poderá ser depois repetido nas sessões habituais. Trata-se, como se vê, de um ritual de linhas simples e severas, ao mesmo tempo que dentro dos mais altos preceitos do esoterismo umbandista.

Sessões particulares

As sessões públicas devem ser efetuadas uma vez por semana, em dia escolhido pelo protetor. Muitas tendas da Capital, contudo, fazem sessões duas vêzes por semana; outras, três vêzes mesmo. O horário padrão é das 20 às 22 horas; algumas que fazem trabalhos aos domingos, preferem o horário das 15 às 19 horas.

Nessas sessões se procede às incorporações, isto é, manifestações dos espíritos de desencarnados ou de entidades através de aparelhos humanos — os médiuns ou CAVALOS.

Notou-se que nos terreiros de umbanda as entidades que estão mais prontas a descer e a se manifestar são os pretos-velhos. Aparecem em legiões, aos magotes, falando atrapalhado, num linguajar próprio dos antigos escravos africanos. Há em Umbanda duas teorias. Uma, de que se trata efetivamente de pretos sofredores, que já se desembaraçaram de seu karma e estão em plena evolução para a luz, e caridosamente descem em visita a seus irmãos de carne e sangue, para auxiliá-los e orientá-

-los no cumprimento do karma respectivo. Diz um estudioso do assunto que "o espiritismo na Umbanda é algo mais sério do que se supõe. As entidades que se apresentam nos terreiros como pretos velhos ou caboclos são espíritos portadores de missões as mais diversas e que escapam às possibilidades interpretativas de qualquer elemento terreno".

Outros, asseveram que se trata de espíritos superiores, jamais encarnados, que para dar uma lição de humildade, aparecem travestidos de pretos velhos, assumindo formas de escravos anônimos.

Contra esta teoria, lemos o seguinte: "Alegar que espíritos superiores se manifestam por humildade sob a forma de pretos velhos ou de caboclos é dar prova de desconhecimento dos fatos do mundo espiritual. A simples descida do espírito adiantado, caboclo, preto ou branco num terreiro, já é prova suficiente de humildade, de desprendimento, de caridade. Não há pois, necessidade de disfarce. Que espécie de humildade seria essa que teria de ser praticada sob disfarce, sob a máscara de um espírito diferente?"

São duas teorias que se contradizem, ambas igualmente respeitáveis e com seus campeões lúcidos e por vêzes intransigentes. Mas ainda que abracemos um ponto ou outro, o fato mestre permanece de pé: há espíritos superiores que velam por nós e que saem-se de seus cuidados para atender os nossos chamados. Somos como crianças indefesas e igno-

rantes que nada sabemos dos adultos que acorrem em nosso auxílio, a cada vez que nos sentimos desamparados. Um menino que se perdesse na multidão, desgarrado de seus pais, em dia de festa, e súbito visse aparecer um guarda civil ou uma policial feminina, explícito, a agarrá-lo pela mão e encorajá-lo: Não se assuste, mocinho, vamos anunciar no alto-falante e daqui a pouco sua mãe estará no coreto para apanhá-lo" não iria perder tempo em considerar se o guarda-civil é um anjo disfarçado ou é guarda-civil mesmo. Teria o mesmo valor a discussão, altamente acadêmica, de se saber se os pretos velhos são pretos velhos mesmo, ou doutores de Igreja que se divertem em nos ditar verdades e ensinamentos em linguajar de africano...

Mas além das sessões comuns, podemos também distinguir as SESSÕES PRIVATIVAS.

Nestas é que se fazem os chamados TRABALHOS PRÁTICOS.

TRABALHOS PRÁTICOS são aquêles, com fito de caridade secular, que têm por fim o tratamento das moléstias e anular os efeitos de DESPACHOS da magia negra, auxiliar alguém nas suas dificuldades profissionais ou financeiras e outros atos que beneficiem uma pessoa, uma família, um grupo de pessoas.

Podemos fazer trabalhos práticos em benefício da paz, para afastar os perigos de uma guerra, ou

de uma epidemia, e aí estão exemplos de trabalhos de resultados coletivos.

As sessões em que se executam tais trabalhos não devem ser presenciadas ou freqüentadas pelo público em geral. Qualquer atitude de incredibilidade, indiferentismo ou zombaria pode dar resultados contraproducentes, por vir a perturbar a corrente psíquica que é mister formar-se.

A tais sessões, pois, só devem comparecer médiuns capacitados a atrair entidades do bem, mais o interessado ou interessados, e os estranhos que pela sua conduta possam, a juízo do chefe do terreiro, oferecer garantias de bom comportamento psíquico.

Os trabalhos se iniciam como se fôra uma sessão comum.

Canta-se uma saudação ao Orixá cuja falange se deseja venha baixar no terreiro. Enquanto estão cantando, o presidente ou chefe do terreiro dirige-se à porta principal do recinto dos trabalhos e risca o ponto de segurança. Utiliza-se da pemba branca e risca um ponto de Ogum. Atrás dêsse ponto, risca um signo de Salomão, colocando sôbre êste um copo contendo sal grosso. Isto deve ser feito com a maior concentração possível.

O presidente dirige a seguir uma prece à entidade protetora pedindo proteção contra cargas fluídicas de terreiros, contra a invasão dos maus espíritos negativos, etc. Nisso deve estar acompanhado de mais duas pessoas.

Depois de proferida a prece de abertura, a pessoa ou pessoas em favor de quem se vão fazer os trabalhos colocam-se no centro do terreiro, de pé, se não houver nenhum impedimento físico.

Antes de se riscarem quaisquer outros pontos para a chamada de falanges, o babalaorixá ou chefe do terreiro, tendo incorporado o seu guia, risca um ponto correspondente à linha a que pertence. Incorporado o guia do chefe de terreiro, êste denuncia o trabalho feito e a linha de magia negra que operou nêsse sentido. Depois disso, o chefe de terreiro, se fôr o caso de desfazer um trabalho de quimbanda ou de magia negra, traça com a pemba branca na frente, afastados da pessoa (ou das pessoas) uns dois metros, um ponto formado dos oito ângulos unidos pelo vértice. Colocará fundanga (pólvora) no meio e sôbre tôdas as linhas. Enquanto o chefe do terreiro está riscando o ponto, faz-se a chamada das Linhas especializadas no trabalho que se vai executar. Baixada a falange ou falanges, o chefe do terreiro passa a purificar, mediante passos, a água necessária à limpesa da aura da pessoa ou das pessoas, utilizando-se de tantos copos quantos são as pessoas. É bom advertir que não se deve fazer trabalhos semelhantes para mais de três pessoas, a menos que seja grande o número de médiuns presentes. Isto porque a carga fluídica dos espíritos que baixam é muito grande, e seria mister, para mais de três pessoas, muitos

médiuns que suportassem tal carga, uma vez repartida por todos êles.

Enquanto o chefe de terreiro está purificando a água dos copos, puxa-se um ponto de Yemanjá.

Puxa-se o ponto de queimar fogo, e o chefe do terreiro, com um isqueiro ou uma palha acesa ateia fogo no centro do ponto da pólvora. Enquanto isso, um cambone deita um pouco de sal em cada copo (uma pitada apenas; sal grosso).

Depois, os médiuns se curvam, encostando as mãos com as pontas dos dedos cruzados no chão; o chefe do terreiro pede licença e joga a água do copo ou de cada copo sôbre o ponto de fogo. Deve haver forte concentração no momento de se queimar a pólvora.

Puxa-se mais um ponto, adequado ao trabalho, e o chefe do terreiro ou os médiuns que êle designar, procedem a passes na pessoa ou pessoas a serem beneficiadas. Dados os passes, os espíritos incorporados darão à pessoa as instruções para complemento do trabalho executado, como sejam, banhos de descarga e oferendas, estas no caso de trabalhos executados pelas falanges de Exu.

Conhecida a linha que operou o malefício, procede-se a um trabalho de exorcismo, que consiste em riscar um ponto chamado *tesoura*. Consiste no desenho de uma tesoura aberta. Nêsse ponto se lança fundanga e se queima.

Tal é o ritual na sua forma geral para os trabalhos destinados a desmanchar malefícios, a atrair boas vibrações sôbre o trabalho profissional ou os estudos ou o noivado do paciente, etc.

Outras recomendações

Sejam contudo quais forem os rituais adotados, ou as variantes que se quiserem introduzir — nêste caso, sempre de acôrdo com as instruções do guia espiritual — o essencial, numa reunião de Umbanda, é que todos, neófitos ou iniciados, simples assistentes profanos ou babalaorixás, estejam compenetrados dos trabalhos que vão ser realizados e firmemente convictos da sua seriedade e importância. Todos deverão estar dotados de sentimentos puros, desinteressados, dominados por uma idéia única, a da regeneração e purificação do karma. Só assim serão obtidos os maravilhosos resultados que se tem em mira e que a Umbanda bem praticada pode oferecer.

Entre médiuns, cambones, auxiliares e simples assistentes deve existir franca amizade, harmonia e afetuosa camaradagem. Quando se verificar qualquer desarmonia, o chefe de terreiro deverá impedir que os desarmoniosos trabalhem, sob pena de trazerem prejuízos consideráveis à marcha dos trabalhos. Pessoas desavindas dentro de um mesmo terreiro acarretam vibrações maléficas e negativas que por sua vez atrairão entidades maléficas e negativas.

Cinco minutos antes da hora do início dos trabalhos os médiuns deverão estar prontos aguardando o toque de chamada.

Os trabalhos comuns são chamados SESSÕES DE CARIDADE. As sessões de caridade não oferecem margem para grandes pompas litúrgicas, devendo mesmo o seu ritual ser simples. Constituirá tal ritual de três partes: abertura, incorporação, encerramento.

Há quem prefira colocar uma parte doutrinária, preliminar, no início dos trabalhos, outros no fim. De uma forma ou de outra, é sempre recomendável essa pregação ou catequese, com a observação de que não vá além de vinte minutos. Deve ser uma explanação singela, em linguagem despida de termos esotéricos, sôbre um princípio de Umbanda, ou sôbre a prática da caridade. Fazer o bem, sempre o bem, eis a grande tecla em que o umbandista deve bater com persistência.

Preparado o ambiente com o defumador, com o ponto cantado e riscado, chegam as entidades, que passam a manifestar-se. É preciso muita firmeza por parte do chefe do terreiro para evitar os intrusos, sempre dispostos a anarquisar os trabalhos.

Após a desincorporação, dá-se o encerramento com uma prece. Damos aqui uma, de grande poder mágico:

"Graças vos damos, ó grande Zambi, por haverdes consentido que pudéssemos hoje trabalhar na vossa santa vinha, amparados por tão boa assistência. Permiti que as lições aqui recebidas sejam também proveitosas aos espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos, que assistiram a esta reunião, e para os quais solicitamos vossa infinita misericórdia.

Agradecemos aos bons guias espirituais que se prestaram a vir comunicar conosco e lhes rogamos nos auxiliem a por em prática as instruções recebidas, bem como a fazer com que, ao sair daqui, cada um de nós se sinta fortificado na prática do bem e do amor ao próximo. Assim seja."

Cantado o ponto de encerramento, sauda-se tôdas as linhas de Umbanda e em nome de Zambi encerra os trabalhos.

O cambone apagará os pontos riscados na abertura dos trabalhos ou no seu decorrer, levará tôda sua sobra de material e água para jogar em pia ou água corrente.

Sessões de desenvolvimento

Além das sessões já tratadas: a inaugural dos trabalhos, a de caridade, a dos trabalhos práticos, há em Umbanda as sessões de desenvolvimento.

SESSÃO DE DESENVOLVIMENTO, como seu próprio nome diz, é uma sessão de aperfeiçoamento mediúnico. Só poderão participar dela os médiuns desenvolvidos e os que estão em desenvolvimento, e pessoas conhecedoras da doutrina.

Todos os componentes destas sessões deverão tomar nêsse dia seu BANHO DE DESCARGA, conforme já foi explicado no respectivo capítulo, de preferência às 18 horas dêsse dia, para beneficiar o desenvolvimento.

A sessão é aberta como as precedentes. Mas como se trata de uma sessão de ensinamento, verdadeira aula mediúnica, deve se proceder à leitura de alguma obra, de um trecho da Bíblia, trabalho de algum irmão, ou dissertação sôbre o ato que se vai realizar. A seguir, reza-se uma prece de abertura, risca-se o ponto de segurança, canta-se o ponto da entidade protetora e espera-se a incorporação do guia.

Sessão de descarga

Há ainda em Umbanda um tipo de sessão, altamente esotérico e que se chama SESSÃO DE DESCARGA.

No intuito de concorrer para a unificação do ritual, vamos dar a seguir um ritual que é a síntese da consulta feita a diversos tratadistas de Umbanda.

A SESSÃO DE DESCARGA é uma das modalidades mais perigosas de trabalho umbandista.

O perigo está em que ela trata dos elementos mais baixos do astral, e por isso o chefe do terrei-

ro deverá ter muito cuidado na sua execução. Se tudo não ocorrer com a máxima correção e ordem; haverá grandes prejuízos materiais e espirituais para os componentes da sessão.

Deverão participar dela apenas o corpo mediúnico e os irmãos escalados pelo chefe do terreiro que irão receber a caridade.

O uso de fundanga nestas sessões é muito comum, mas isto deverá ser autorizado e executado sòmente pelo Guia Espiritual do terreiro, visto que nêste momento se trava no Astral uma terrível luta e sòmente êstes guias é que podem dirigir as falanges.

Os pontos de segurança devem ser riscados com o maior cuidado nas portas de entrada. A seguir, haverá uma prece de abertura, adequada a êste trabalho.

Sessões festivas

São numerosas as festas relembradas pelos umbandistas. A Nova Umbanda, dentro do espírito do sincretismo e de adatação universal, enquadrou na sua liturgia a maioria das festas cristãs. Assim, a primeira delas é o 25 de dezembro, Natal de Oxalá-Guiam.

Nêsse dia não se deve fazer sessões esotéricas. O natal deve ser celebrado na intimidade dos lares com simplicidade e respeito. De véspera ter-se-á

feito nas tendas a distribuição de brinquedos, roupas e guloseimas às crianças órfãs e necessitadas.

Já nos dias consagrados a Ogum, Oxoci, Oxum, Yemanjá, aos Pretos Velhos, Xangô, Cosme e Damião, têm cabimento sessões festivas.

O terreiro estará nêsse dia alegremente adornado, com bandeirinhas de papel e com flôres, mastros de bambu, etc..

A passagem do Ano — que pode ser o do ano civil, a 1.º de janeiro, ou do ano esotérico, a 27 de junho — pode e deve ser comemorada festivamente. Neste caso, fora do terreiro: à beira de uma lagôa, rio, cachoeira ou práia. Deve se levar flôres brancas, e os fiéis de preferência deverão vestir-se de branco.

Já o Dia da Elegia Universal — Finados — poderá ser objeto de uma reunião especial, que não cabe na classificação de "festiva". Profundamente espiritualista, a Umbanda não celebra mortos, mas os que sairam das trevas para a luz. Os trabalhos não terão cunho esotérico, não havendo incorporação. O chefe do terreiro abrirá a sessão, dando a palavra a um orador que faça uma palestra sôbre a data. Poderá haver números de música sacra, mas não pontos cantados. Admitir-se-á também declamações de obras de poetas que escreveram sôbre o tema filosófico da morte, como Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Antonio Nobre, Olavo Bilac (na parte final de sua obra, chamada "Tarde"), Alphon-

sus Guimarães, Cruz e Souza, Victor Hugo e outros assim.

Na Semana Santa, a tenda ou terreiro deverá estar preparada com simplicidade. Todos entram em silêncio respeitoso e cristão. A cerimônia também será essencialmente litúrgica, não esotérica, sendo cantado um ponto em surdina, adequado à mágua que cobre o mundo.

Na quinta-feira, o chefe do terreiro abrirá os trabalhos e fará — ou dará a palavra a outrem para que o faça — uma explanação sôbre o sentido do sacrifício de Jesus e sôbre a evolução do karma da humanidade. Um dos membros da comunidade erguerá a prece de encerramento.

Convocação de Xangô

A Umbanda de nossos dias deixou para trás definitivamente os rituais gegê-nagôs de celebração da festa denominada "Convocação de Xangô" de maneira a comemorá-la um tanto diferentemente.

É uma solenidade altamente esotérica e teúrgica, e para ela devemos atentar com cuidado. Esta é uma época em que tôdas as atividades da organização umbandista serão balanceadas. No dia 25 de setembro, todos os trabalhos de magia e espiritismo serão suspensos e desde a madrugada do dia 25 o umbandista levanta-se às quatro horas para tomar

seu banho. Em seguida, toma o banho de descarga na forma do ritual e passa nos cabelos óleo de essências de rosas vermelhas.

Tomada a primeira refeição, que deverá ser leve, às seis horas em ponto vibra o ponto cantado e fará a oferenda do seu coração ao pai Zambi. A seguir, cuida dos seus deveres cotidianos, mas não poderia de modo algum cuidar de magia ou trabalhos mediúnicos. Nos dias que se seguem fará o mesmo. E enfim, quando no dia 30, irá ao seu Terreiro, onde participará da ceia de Xangô. Para a cerimônia da ceia deverá ser empregada uma toalha branca, ainda não servida, devendo servir-se pão e peixe, afora os amalás da preferência dos guias. Vinho em pequena quantidade. Nada de marafo. Ao fim da ceia será cantado um ponto e o guia virá para falar sôbre a forma em que decorreram os trabalhos durante o ano, anotando as falhas e deficiências; exortará à prática da caridade e dará instruções para o ano que será iniciado. Todo o ambiente deverá estar impregnado do aroma da oferta queimada, ou seja, a defumação.

CAPÍTULO V

TRABALHOS FORA DO TERREIRO

Os trabalhos mais importantes de Umbanda, aquêles que são por assim dizer obrigatórios, se processam no TERREIRO ou TENDA. Mas Umbanda é uma religião essencialmente panteísta, isto é, cultua Deus através das fôrças vivas da natureza. Os deuses do panteão africano — como de todos os povos primitivos — representam fôrças da natureza. Assim foi com os gregos, com os babilônios, com os egípcios adoradores do sol, com os índios brasileiros, cuja entidade suprema é Tupã e o deus do trovão Caramuru.

Cheios do mais puro encanto, cada qual com a sua lenda, os deuses da mitologia africana unem-se ao plano material através do domínio de um setor natural, e assim é que vemos Iemanjá como deusa das águas; Oxoci como deus das matas; Xangô Djacutá, deus das pedreiras e do granito, portanto, das montanhas...

Os umbandistas são arraigadamente panteístas. E até mesmo os reformistas que lideram o movimento renovador de Umbanda, que querem a todo transe a simplificação da liturgia e extinção do ritual africano, são concordes em que se mantenha o culto simbólico à natureza.

Somos do número dêstes. Aspiramos a uma Umbanda simplificada, modernizada, estilizada, com os ritos reduzidos ao mínimo necessário de simbologia, e com uma perfeita separação das fôrças do bem e do mal — vale dizer, uma Umbanda sem exu, sem reverências maliciosas ao rei das Trevas, seja lá a que pretexto fôr, sem invocações diabólicas, que não cabem numa sessão de caridade ou de magia branca. Mas somos intransigentemente pela conservação do culto à natureza, o sadio panteísmo que inspirou um São Francisco de Assis e que ressalta a cada passo da Bíblia, mòrmente nos Salmos.

Assim, os grandes templos da UMBANDA NATURISTA são, principalmente, as MATAS, OS RIOS E CACHOEIRAS, AS MONTANHAS, AS PRAIAS.

NAS MATAS

A mata é antes de mais nada o grande reservatório da medicina e da magia umbandista.

Dela é que provém os mais puros materiais para as defumações — as plantas aromáticas que devem ser colhidas por elemento especializado, o MÃO DE IFÓ. O MÃO DE IFÓ é um médium desenvolvido, com conhecimentos de botânica ou seja, fitografia, ciência da catalogação e descrição das plantas) e de

farmacopéia indígenas e africana. Êstes conhecimentos outrora eram MIRONGA, se transmitiam de mestre para discípulo, e constituiam grau de alta iniciação. Hoje, tais conhecimentos estão ao alcance de qualquer pessoa de boa vontade, que se disponha a estudar e a ler os muitos livros que tratam do assunto de maneira didática e amena. Os manuais de como curar com as plantas, ou fitoterapia, criteriosamente escritos por entendidos estão ao alcance de qualquer bôlsa em qualquer livraria.

Nas matas seculares da Gália viviam os druidas, e ali praticavam seus misteriosos cultos, por estarem convictos de que as árvores frondosas da Europa Central eram paragens propícias aos espíritos mais puros. Assim também nós, que fomos privilegiados com as mais ricas matas do mundo, levemos em conta que os espíritos mais adiantados apreciam a majestade e tranqüilidade das frondes, e o silêncio impressionante das florestas, apenas interrompidas de manhã, na festa de renovação diária, quando nasce o sol, fonte de vida, e quando o passaredo rende graças ao Criador por meio de seus gorgeios, trinados, pipilos e modulações.

A mata é saúde. A mata é oxigênio puro. A mata é cura. A mata é bênção de Deus.

O trabalho na mata pode ser PESSOAL ou COLETIVO.

Pessoal, pode ser de dois tipos: o MÁGICO pròpriamente dito (colheita de ervas para fins teúrgicos ou terapêuticos) e o RITUAL, ou de oferenda.

O TRABALHO MÁGICO é, como já dissemos, executado pelo MÃO DE IFÓ. Deve de preferência ser executado de madrugada, ao romper da alva. O praticante deverá antes de mais nada tomar seu banho de descarga e fazer uma prece adequada. Pessoalmente, adotamos a leitura do seguinte trecho do Velho Testamento, tirado do Capítulo III, vv. 1 a 8 do *Eclesiastes*, e que é de grande oportunidade:

"Tôdas as coisas têm seu tempo e tôdas elas passam debaixo do céu segundo o tempo que a cada uma foi prescrita. Há tempo de nascer e tempo de morrer. Há tempo de plantar e tempo de colher. Há tempo de curar e tempo de matar. Há tempo de destruir e tempo de edificar. Há tempo de chorar e tempo de rir. Há tempo de afligir-se e tempo de dansar. Há tempo de espalhar pedras e tempo de as ajuntar. Há tempo de dar abraços e tempo de fugir dêles. Há tempo de adquirir e tempo de perder. Há tempo de guardar e tempo de lançar fora. Há tempo de rasgar e tempo de coser. Há tempo de calar e há tempo de falar. Há tempo de amor e tempo de ódio. Há tempo de guerra e tempo de paz".

A seguir, como "há tempo de colhêr", é preciso se saber qual o tempo certo de se colhêr as ervas. Esta é uma parte esotérica, de resto acessível, ha-

vendo hoje tabelas próprias com os dias de lua em que se devem fazer as colheitas de ervas.

Ninguém ignora a influência que a Lua exerce sôbre as matas, ou seja, sôbre todo o reino vegetal, ativando a seiva das plantas nas fases de ascensão até a cheia. E quando esta atinge a sua plenitude, novamente, sob a ação do Minguante, volta à terra para continuar seus ciclos sucessivos. Realiza assim na vida da natureza os mais surpreendentes trabalhos de magia. Isso explica porque as falanges dos Caboclos das Matas, com a irradiação dos fluidos lunares, realizam seus trabalhos de magia na mais completa harmonia com essas vibrações cósmicas. Daí é que, com essa harmonização perfeita, podem os iniciados nos segredos curativos das plantas, entrar em entendimento com os caboclos que assistem nas matas, para buscar os elementos de acôrdo com as épocas lunares.

Assim, de acôrdo com a lua, feita a purificação do banho de descarga, o MÃO-DE-IFÓ penetra na mata ciente da sua missão, consciente da sua responsabilidade e compenetrado do que vai fazer.

Não se recomenda o emprêgo de fundanga para êste tipo de trabalho. Os espíritos do mal jamais se imiscuem em tarefa de tão alto significado caritativo, não ousam tanto, porque seriam duramente castigados pelos caboclos das matas.

Onde houver cobras e outros bichos peçonhentos, seria quebra da lei o descuido, e apanhar-se desprevenido uma falta que redundaria em castigo certo — o castigo de ser picado. Tenha cuidado, portanto. Aconselha-se que se amarre um saquinho de sublimado corrosivo ao tornoselo, ou que se use botas ou polainas de couro como protetor das pernas. Unta-se o rosto com azeite para evitar as picadas de mosquitos e pernilongos; ou usa-se uma máscara de arame; e ainda, luvas de couro. A colheita deve ser feita com compenetração e o pensamento voltado para coisas nobres.

OFERENDAS

Já tivemos ensejo de explicar detalhadamente o que são oferendas, e sua finalidade. Como as oferendas não devem constituir motivo de acanhamento e vergonha para o fiel umbandista, é recomendável que ela se faça longe das vistas profanas e em lugares de pouco ou nenhum movimento. Neste caso, a outras vantagens da mata como local de culto, acrescente-se esta, a de não haver nada que possa causar um clima de constrangimento.

Aquêles que sem terem recebido nenhuma instrução especial dos seus guias e protetores, desejarem, POR LIVRE E ESPONTÂNEA VONTADE, realizar ato de oferenda, deverão observar primeiramente as seguintes horas apropriadas:

Das 5 horas às 7 horas.
Das 12 horas às 13 horas.
Das 15 horas às 18 horas.

No último período, deve-se observar ainda o ocaso do sol. Êste deve estar em evidência ao ser feita a oferenda, e nunca abaixo da linha do horizonte, o que vale dizer, no ocaso.

Nos campos, nos prados, nos descampados com vegetação rasteira, se faz oferenda a OXALÁ.

Nos rios, nas lagoas e no mar, a YEMANJÁ.

Nas pedreiras, nas montanhas, nos itatãs, a XANGÔ.

Na mata, ao pé de árvore copada, nos carrascais onde haja tais árvores, nos pomares, a OXOCI.

Na entrada das matas, nas encruzilhadas, a OGUM.

Nos jardins, nas hortas, a YORI.

E finalmente, nos cantos das encruzilhadas, nos aceiros, nos espigões, nos cafèzais, nos canaviais, a Yorimã ou PRETOS VELHOS.

Estão aí os sete locais que são templos naturais a cada uma das sete vibrações.

Com referência aos locais, é certo, existem inúmeras variações, sendo de se levar em conta a VIBRAÇÃO LUNAR. É verdade que esta deve ser levada com maior rigor em se tratando de determinação espiritual ou obrigação, e não quando realizada espontâneamente. Vá portanto aqui um lembrete: no período da Lua Minguante, não se deve fazer oferenda sem autorização expressa de um guia espiritual.

Assim, depois de preparado o corpo físico do ofertante, através do banho de descarga e o espiritual por meio da prece, com o que estará o ofertante em condições de entrar em vibração uníssona com o mundo espiritual, invocará o Orixá ou Guia para que receba o oferecimento que lhe será feito com respeito e devoção.

Após o preparo do material, na forma em que deverá ser oferecido, tiram-se as marcas e selos, rótulos e etiquetas, etc., faz-se uma prece rogando a divina proteção e pedindo o que se deseja obter. Caminha-se em silêncio até o local adequado. Deposita-se a oferenda, repete-se a prece (que pode ser cantada), sauda-se o orixá ou protetor, e retorna-se sempre com o mesmo pensamento.

Vejamos agora uma lista de oferendas apropriadas.

A Oxalá

Três lírios, sendo cada um amarrado com laços de fita branca e dispostos sôbre uma fôlha de papel de seda (ou celofane) enrolado em forma cônica e amarrado por duas fitas em laçada, de côres branca e rôxa.

Outra oferenda: flôres de côr branca (3, 7, 21 ou 49) amarradas em laçada, por fita branca; mel e uma fôlha de papel de seda branca. Depositadas as flôres, acende-se as velas dispostas em forma de triângulo. Com o papel envolve-se as flôres e com o mel cerca-se a oferenda.

O g u m

Na entrada da mata e nas encruzilhadas. Uma bela oferenda, grata ao Orixá Superior que no sincretismo afro-católico deu São Jorge, é esta: 7 cravos vermelhos, 7 cravos brancos, uma vela de tamanho médio, cerveja branca, copo, papel de sêda branco e vermelho.

Outro seria um amalá adequado, com o respectivo curiador.

Caboclos

São variadíssimas as oferendas que podem ser feitas aos caboclos da linha de Oxoci. E estas são tìpicamente as entidades da mata. Elas incluem os caboclos Tupinambá, Tupimirim, Pena Azul, Pena Dourada, Guaraná, e demais que já citamos ao estudar a vibração em tela. Essas oferendas podem constar dos amalás, cachimbos de barro, charutos. Para as entidades femininas (Cabocla Iracema, Cabocla Jurema, Cabocla Jandira, Cabocla Jupira, Cabocla Bartira, Cabocla Rodacira...) a oferenda deve constar de flôres e mel ou melado e refrigerantes. Nada de fumo! Nada de fumo, nada de bebidas alcoólicas para elas! Seria descortezia que acabaria dando resultado contraproducente. Estas oferendas, como já dissemos, têm que ser feitas ao pé de árvores frondosas, quanto mais velhas melhores, se o tronco fôr escavado, far-se-á o depósito da oferenda no seu ôco.

NOS JARDINS

É nos jardins e nas floriculturas que se faz a oferenda às entidades pertencentes à linha de Yori, Ibeji ou Cosme e Damião (Linha das Crianças). A melhor hora é a da manhã, no primeiro dos três horários acima indicados. A oferenda deve se constituir de balas e bombocados, em bandeja forrada de papel branco (bandeja nova). Em se tratando de jardim público, deixar-se em canto geralmente freqüentado pelas crianças, em cima de um banco ou num canteiro, etc. A primeira vez que assim se fizer, pode se deixar um aviso escrito autorizando a criança que encontrar a comer sem susto; pois as mães poderão interpretar erradamente e proibir que se toque, por imaginar se tratar de "despacho" ou coisa de macumba.

Outra oferenda apropriada: um pacote com balas, uma garrafa de guaraná e alguns doces (cocada, pé-de-moleque, etc.). A garrafa pode ser aberta e retampada, de maneira a facilitar a sua abertura por parte da criança que a encontrar.

Atenção: jamais oferecer bebida alcoólica ou fumo!

Outra linda oferenda, muito apreciada pelas entidades femininas: no dia de Santa Rosa, ou num dos dias do ano litúrgico cristão que é consagrado a Nossa Senhora, plantar uma muda de roseira, no quintal, no jardim, ou em jardim público. Vigiar o seu crescimento, cuidando que não falte terra adubada, água de rega, etc. bem como impedindo a invasão de insetos, eliminando as folhas mortas ou doentes, carregadas de ovos de bichinhos.

Com referência ainda a Cosme e Damião, costuma-se fazer presentes às crianças pobres, de brinquedos, roupas e doces. Estas ofertas devem ser feitas em nome dos queridos benfeitores.

Outra oferenda grata às entidades desta vibração: o chamado enxoval do bebê, que é ofertado a uma criança no sétimo dia do nascimento em honra aos santos meninos. E há ainda a "Mesa dos inocentes" oferecida às crianças menores de 7 anos, em pagamento de graças alcançadas por intermédio de Cosme e Damião.

NAS CAPELAS

No sertão, é muito comum se fazer oferendas nas portas de capelas agrestes. Pensamos que a matéria deve ser disciplinada, e não se permitir que haja oferendas ou "despachos" de magia negra. As capelinhas, pela sua simplicidade e pela pureza de

intenção dos que as construiram, são sempre verdadeiros condensadores de fluídos benéficos, pontos de referência das fôrças brancas da natureza. Daí, que as oferendas ali depositadas o sejam sempre para Oxalá. Muita atenção: não se façam oferendas dêste tipo na Semana Santa!

Mas a melhor oferta a Oxalá continua sendo a esmola. Dái esmola sempre que puderdes, a propósito de tudo ou a propósito de nada; a quem o necessite ou a quem aparentemente dela não necessite. Todos nós precisamos da caridade do próximo, de um modo ou de outro. Infelizes os que, impelidos por uma série de circunstâncias várias, se vêm na contingência de estender a mão à caridade pública, ainda que pudessem procurar outro meio de vida, e assim exploram a bondade alheia! Êsses merecem duplamente a nossa esmola material e a esmola espiritual da oração.

Assim, deixe-se moedas ou notas no poial das capelas, as notas com uma pedrinha em cima para o vento não carregar, à disposição do primeiro caminhante que por ali passar. Uma boa palavra nunca é demais; assim, pode se deixar juntamente um bilhetinho, em letras bem legíveis (preferìvelmente de forma) com dizeres assim, por exemplo: "É seu, irmão. Oxalá o guie no seu caminho". Ou "É seu. Reze um Pai Nosso por mim e pela minha família".

O principal em tudo isso é que se trabalhe com pureza, o espírito afastado de maus pensamentos e

das intenções malévolas. Não nos esqueçamos nunca das palavras do Mestre: "Pedi, e dar-se-vos-á; batei, e abrir-se-vos-á". Mas é preciso saber pedir. Peçamos tudo o que acharmos que é para o bem: saúde para nós e os nossos, boa disposição para o trabalho abençoado de cada dia, firmeza para cumprir a lei divina, ânimo para vencer o orgulho diabólico e perdoar os inimigos, e pagar o mal com o bem, humildade para reconhecer nossos erros e pedir perdão aos que prejudicamos com nossos desatinos ou irreflexões. Peçamos mesmo bem-estar material para nós e os que estão sob a nossa égide; é justo que um pai de família deseje só coisas boas para seus filhos ou a espôsa. Mas não peçamos sorte no jôgo, que é vício, ou proteção das entidades de Aruanda para enriquecimento ilícito, para atividades de exploração do próximo, ou doenças, perturbações na vida do próximo. Estas coisas têm um nome certo: magia negra; e enderêço igualmente certo: Exu. Pode se obter, é certo; a inveja e o despeito costumam descer ao ódio cego e prejudicar conscientemente o próximo; é certo. Mas ai de quem assim procede! A magia negra é uma faca de dois cortes, e o choque de retôrno é uma lei irremessível. Todo o mal voltará dobrado, para sobrecarregar o karma do seu fautor.

Peçamos sempre o bem. Para nós e para os outros. O bem, simplesmente. Peçamos para as entidades do alto nos auxiliarem em nosso trabalho construtivo, que é o ganha-pão nosso e dos nossos; nos nossos estudos, quer profissionais, quer religiosos; na nossa saúde, cuja conservação inclui boa alimentação, moradia higiênica, divertimentos sadios, roupa limpa e agradável ao uso. E as entidades ficarão satisfeitas em nos beneficiar. Elas existem para essa missão gloriosa de SERVIR O BEM.

NAS CACHOEIRAS

Já vimos ao estudar a segunda vibração original, ou linha de Yemanjá, que a sexta legião tem como chefe a cabocla Inhaçã.

Inhaçã era, no antigo ritual africano, a deusa da Cachoeira. Era por seu turno cultuada pelos índios como a Suprema Mãe das Florestas. Assim, o negro e o índio cultuaram com um altar sagrado as cachoeiras, pois nelas é que se encontra a maior fonte de purificação dos corpos dos médiuns, na pureza de suas águas batidas e desprendidas de detritos.

Inhaçã, Senhora das Águas, deu a cachoeira como ponto de fixação dos trabalhos do mais alto significado teúrgico.

No culto de umbanda, nenhum médium pode trabalhar sem primeiramente fazer seu ritual de cachoeira, ou seja, o banho completo para a limpeza psíquica, a fim de poder, após êsse ritual, que é a lavagem do corpo ou pelo menos da cabeça, entrar

livre, sem as peias terrenas, para o culto a que vai se entregar, através de seus guias. O banho da cachoeira é o que dá início aos demais preceitos que todo médium tem o dever de adotar, para que, após o término dêsses trabalhos iniciáticos, em junção com a Lua, possa entrar definitivamente no sacerdotado de Umbanda e pertencer para todo o sempre a esta religião.

Sendo a cachoeira com suas águas o ponto máximo da vida, não só da mata como dos iniciados, é preciso que os médiuns já preparados cruzados nas respectivas Linhas, com suas obrigações já feitas, tirem em cada mês um dia lunar para o banho ritual da cachoeira. Êste banho tem a finalidade de libertar o iniciado de cargas hauridas nos seus trabalhos mediùnicos, descarregando-se nessas águas com a fôrça mágica de Inhaçã, a Deusa das Cachoeiras.

OFERENDAS — Para as simples oferendas espontâneas, Inhaçã fica muito satisfeita com os seus fiéis que lhe levem um ramalhete de flôres sortidas e de várias côres, amarradas com laço de fita branco e laranja. Deposita-se o ramalhete na água da cachoeira e no lugar de sua queda, ao mesmo tempo que se pronuncia uma prece.

NA PRAIA

A Festa de Yemanjá tem sido descrita numerosas vêzes, por adeptos e profanos. Todos os que estudaram a cultura negra no Brasil e o fenômeno de aculturação, ou seja, a adaptação do negro ao novo habitat se comprazem nas suas obras em descrever a OBRIGAÇÃO (esta) a YEMANJÁ. Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro, Gonçalves Fernandes e — mais profundamente que os demais — Manuel Querino deixaram primorosas descrições, que até hoje servem de orientação a eruditos ou a simples curiosos. Talvez por êsse motivo seja um dos raros cultos de Umbanda que manteve sua pureza primitiva, apresentando-se nos dias de hoje como há duzentos ou trezentos anos, quando o ritual foi introduzido no Brasil.

Assim, no dia de Yemanjá — 2 de fevereiro, que corresponde no calendário cristão ao de Nossa Senhora dos Navegantes — os fiéis, envergando trajes típicos, se dirigem em procissão, cantando, para o mar. Em chegando à praia, embarcam nos botes e saveiros e se encaminham para o lado do alto mar. Nêsse momento, joga-se às ondas as oferendas, constituidas de rosas brancas em profusão. O mar fica forrado, quilômetros e quilômetros adentro, de brancas pétalas, dado que ao vai-vém das maretas, as flôres vão se desfolhando...

Mas nem só de rosas brancas, sem espinhos, constam as oferendas a Yemanjá. Costuma-se também oferecer-lhe leques (que é o seu atributo), sabonetes, caixas de pó de arroz, fitas, rendas e outras tafulices de garridice feminina.

Vamos dar aqui um cerimonial muito simples, mas de alto poder teúrgico:

Leva-se um colar com 49 miçangas azuis, tendo nas extremidades 7 contas brancas, de cada lado; um triângulo de papel branco, papel encorpado ou cartolina e um quadrilátero de papel ou seda azul.

Toma-se por base o triângulo, forra-se com o quadrilátero e deposita-se a guia. Esta oferenda é entregue na sétima onda, depois da devida saudação, que pode ser cantada.

Outra oferenda: Uma bandeja de madeira, forrada com papel branco e azul contendo um vidro de perfumes, pó de arroz, espêlho, pente e flôres brancas.

Oferta-se na sétima onda, como a precedente.

Outra oferta muito apropriada, é a de pequenos navios feitos de madeira, ou madeira e lata, com velas de pano ou de papel.

Algumas precauções. — Não se queime fundanga na praia! Quem trabalha com fundanga na praia é macumbeiro. Yemanjá é a delicadeza feminina, é a meiguice, é a suavidade materna. Prescinde de manifestações violentas como a pólvora e o fogo.

Não se faça trabalho à noite na praia. O trabalho de praia deve ser feito de manhã, de preferência se atirando as oferendas na baixamar, pois do contrário corre-se o risco de se ver as oferendas devolvidas para a terra, o que poderia significar uma

recusa por parte da mãe Yemanjá. De qualquer forma, seria um trabalho ineficente, inepto e portanto passível de justificar a recusa simbólica.

Civilmente, é uma precaução altamente recomendável, que se notifique as autoridades, quando se tratar de grupos ou terreiros, dando a hora e o local em que se realizarão as cerimônias. Evite-se a todo transe a ingestão de bebidas alcoólicas! Todo abuso neste sentido só acarreta dissabores. Tome-se o cuidado de afastar os elementos alcoolisados, colocando-os em lugar seguro e de maneira que não prejudiquem os trabalhos nem nêles interfiram. O ideal é que não haja alcoolisados, razão pela qual se deve advertir prèviamente os irmãos: festa de Yemanjá não é motivo para bebedeira. Quem quiser se embriagar, é livre fazê-lo, desde que não seja sob a capa de religião. Beba em sua casa, ou nos botequins, mas não numa praia em que se celebra uma grande fôrça da natureza, qual seja o mar.

NAS PEDREIRAS E MONTANHAS

Xangô preside as montanhas e pedreiras, como já dissemos. Segundo a mitologia africana, na teogonia gegê-nagô o orixá Xangô Jjacutá é o deus do trovão e das poderosas fôrças cósmicas. Os relâmpagos, as faíscas elétricas, os meteoros que cortam o firmamento, energias tremendas que deslumbram

e aterrorizam, foram divinizadas e reverenciadas. Por isso, a pedra do ráio (meterita) se tornou fetiche de grande valor.

Xangô se tornou um orixá cultuadíssimo, talvez o mais conhecido nas Américas. As penitências e os amalás eram feitos, como até os dias de hoje, nas pedreiras, nos grandes blocos graníticos das montanhas, no alcantilado silencioso e tão cheio de majestade das cordilheiras...

Uma oferenda que se tornou tradicional: 7 velas de cera pura (ou dos três reinos), 7 charutos, 7 caixas de fósforos, 7 copos de papel, 7 garrafas de cerveja preta, 7 cravos brancos e mel.

Cobre-se o local com uma fôlha de papel branco, dispondo-se a oferenda da maneira seguinte: ao centro, os dois ramalhetes de cravos, em volta dêstes as velas acesas, os copos com cerveja e ao lado de cada copo a respectiva garrafa; e após, os charutos e os fósforos com as caixas abertas. Cerca-se tudo com o mel.

Outra oferenda. — Uma garrafa de cerveja preta. Sauda-se o Orixá e deixa-se cair a garrafa na pedreira. Nessa ocasião se faz o pedido do que se pretende obter.

Outra oferenda — Sete charutos, 7 caixas de fósforos, cerveja preta, 3 velas, mel e papel branco. Abre-se o papel sôbre uma pedreira, a mais alta possível, serve-se a cerveja em um copo, acendem-se os charutos, colocando-os em volta e sôbre as caixas

de fósforos. Iluminam-se as velas, colocando-as em linha reta acima do trabalho e cerca-se com o mel.

Em pedreira com cachoeira — Um ramalhete de cravos amarelos, envolto em papel de seda branca, amarrado com fita branca em forma de laçada.

NOS RIOS E LAGOS

Difere pouco o ritual à beira dos rios e dos lagos, do executado à beiramar ou nas cachoeiras. Em todos êsses locais, é sempre Yemanjá que preside ao culto, pois ela é o espírito das águas. A Cabocla Yara é a invocação particular nas ribas fluviais ou lacustres. Na antiga mitologia africana, a água corrente era uma das mais poderosas fôrças de magia. O mesmo se dava com os índios, que tinham pelos grandes rios verdadeira adoração. Povoaram essas águas de seres encantados, que produziram as mais belas lendas, como é o caso da Yara, princesa de cabelos verdes que arrasta para os seus palácios de limo, no fundo do rio, os incautos que se deixam prender pelos seus encantos. Todo trabalho à margem dos rios deve ser muito bem orientado, não se admitindo aí, como aliás em qualquer ramo de Umbanda, a frivolidade e a improvisação.

NOS LOGRADOUROS PÚBLICOS

Exceto para o caso particular de Cosme e Damião (oferendas nos jardins) não se faça oferendas em ruas, praças, boeiros e outros pontos urbanos. Não é compatível com a austeridade e dignidade de Umbanda o comentário que sempre desperta a oferenda feita assim às escancaras, em lugar muito freqüentado, e onde a tendência da ignorância dominante é de atribuir a fitos malévolos, confundindo a oferenda com "despacho" da linha negra. Êste fato ocasiona pensamentos e comentários negativos, produzindo ondas maléficas que neutralizarão e destruirão as intenções de reverência à entidade. Assim, ainda quando algum guia ou protetor der instruções e citar logradouros públicos para a realização de qualquer ato, procurai verificar primeiro se êle não está experimentando os vossos conhecimentos. Ponderai que ser-vos-á mais fácil efetivar a oferenda em lugares discretos. Onde passar uma pessoa, ou duas, ou três quando muito, os prováveis pensamentos e atos negativistas, oriundos da ignorância serão isolados e poucos, de maneira que não prejudicarão como ocorre com a continuidade e quantidade de tais pensamentos nos logradouros concorridos. Assim, nada de trabalhos em praça pública, em rua, em avenida, em ruela mesmo!

PROCISSÕES

Os ritos externos coletivos são as PROCISSÕES. Trata-se de um cortejo litúrgico-ritualístico. É uma tradição que nos vem das mais antigas religiões, e que era cultivada com grande pompa nas eras clássicas de Atenas e Roma. Não há quem não tenha lido, ou visto nos filmes históricos hoje tão comuns em nossos cinemas, o desenrolar das suntuosas procissões em homenagem à deusa Pala Atenas, ou outras divindades do culto greco-romano. A procissão tem numerosas finalidades, não sendo das menores a de dar demonstração de fôrça de uma seita, com o fim de atrair novos adeptos, ou fortalecer a solidariedade dos que já possue, etc..

A procissão, manifestação de energia coletiva, onde os pensamentos vibrados em uníssono dominam e neutralizam as vibrações contrárias, vindas da ignorância e da incredulidade, deve ser muito bem organizada, para não cair em ridículo e descrédito, o que redundaria em achincalhe à religião.

Os participantes deverão vestir-se com simplicidade, mas asseio rigoroso. Os andores, quando os houver, serão adornados a caráter, evitando-se os enfeites espalhafatosos. Uma correta severidade deve presidir a tudo. Cuidado com os cânticos! Cuidado com os exibicionistas, cuja tendência é para transformar a procissão em préstito carnavalesco.

Os estandartes deverão ser bordados, confiados os desenhos a artistas cultos e cuidadosos (felizmente os há aos milhares nas fileiras de Umbanda).

Vamos dar um esquema geral. Os filhos da fé, rigorosamente paramentados, estabelecem o cordão de isolamento para evitar a intromissão de leigos cuja presença altera a harmonia coral e a da indumentária.

À frente do cortêjo, mantendo distância, os buzineiros tocam fortemente suas trombetas. Vem a seguir os fogueteiros que de espaço a espaço queimam os foguetões ou rojões. Alguns metros distanciados dos fogueteiros, empunhando a bandeira ou estandarte do culto, o orixalá e dois cambones que o ladeiam. Em absoluta ordem hierárquica, isto é, do noviço ao mais graduado cambone, bem como da mais novata à mais confirmada, em filas laterais, marcham também todos os filhos da fé, vagarosamente cantando os pontos à meia-voz, tirados pelo ogã. Ligeiramente afastada do estandarte do culto, caminha a juventude umbandista. Vem o mão-de-ofá com o turíbulo, auxiliado por dois cambones que lhe fornecem, à medida do necessário, os ingredientes para a defumação. No plano seguinte, uma mãe de santo ladeada por mais duas, conduz a bandeja ritualística. Na retaguarda, a mãe pequena acompanhada de duas SAMBAS (filhas da fé), com a campainha na mão. Esta campainha tem uma aplicação muito curiosa na procissão umbandista. Caso

algum filho da fé de outro culto à passagem da procissão, se postar de joelho como sinal de reverência e respeito, ou então se no trajeto tiver sido colocado algum dístico ou emblema nas fachadas, nas sacadas, nas portas, etc., em homenagem à procissão — a mãe pequena faz soar a campainha em sinal de reconhecimento.

Em algumas procissões da Bahia há o pálio sagrado sustentado por quatro filhas de santo. Atrás dêste vem o peji móvel, comumente chamado de andor, todo ornamentado de flôres naturais ou artificiais, com as imagens do culto. Atrás dêste, o corpo coral, com o ogã à frente e finalmente, pessoas amigas, parentes dos filhos da fé e elementos de outros terreiros que desejem colaborar para que a procissão tenha o devido brilho e afluência.

Procissão pode ser traduzida como sendo uma penitência coletiva de uma demonstração de confiança nos poderes de Aruanda. Serve também de rito propiciatório de grande fôrça, valendo como um voto para a obtenção de favores de ordem coletiva, como chuvas em época de prolongada estiagem, bons auspícios para colheitas, proteção contra geadas, enchentes e outros fenômenos metereológicos, auxílio contra epidemias e epizootias, para debelar calamidades públicas iminentes como guerra, fome, etc..

Geralmente se costuma reverenciar Yemanjá com procissões que percorrem as praias.

As procissões feitas de um terreiro a outro devem terminar com trabalhos espirituais feitos em comum.

VISITAS

A visita de um babalaorixá com sua comitiva, em caráter oficial, deve ser avisada com a razoável e devida antecedência. Entretanto, se por qualquer motivo de fôrça maior, tiver de ser imprevista, o pedido deve ser solicitado em ponto cantado próprio para tal fim, à entrada. O chefe do terreiro visitado autoriza o ogã a conceder a licença. Êste, de imediato, determina que se faça a recepção dentro das mais rigorosas formas protocolares. Todos se mantêm de pé e no mais absoluto silêncio. Uma mãe de santo conduz a bandeja com o sal e a pemba em pó. Ladeiam-na uma filha da fé e um cambone, cada qual empunhando uma vela acesa. Atrás virão a mãe pequena e o ogã que introduzirão os visitantes no terreiro. O chefe dos recém-vindos apaga as velas com os dedos, saúda o chefe do terreiro anfitrião com a pemba, soprando-a para os lados e caminhará na sua direção a passos lentos. Quatro filhas da fé seguram o pálio ou para-sol sôbre a sua cabeça nêsse trajeto. Saúda o gongá, o peji, o côro e por último o chefe do culto, que o abraça e lhe oferece sua poltrona. O ogã canta o ponto de saudação e a seguir,

em breves palavras, explica aos presentes a razão dessas homenagens e dá, ao recepcionado, as boas-vindas.

De acôrdo com a praxe, nenhum terreiro visita outro sem levar um presente, uma recordação que simbolize o sentimento de fraternidade umbandista.

CAPÍTULO VI

VADEMECUM DO CHEFE DE TERREIRO

VADEMECUM é uma expressão latina que significa "vá comigo", e serve para indicar um guia, uma orientação, um conjunto de instruções, etc..

Êste capítulo assim se intitula porque, fazendo um resumo de tudo o que ficou dito e extraindo conclusões práticas dos capítulos anteriores, se propõe a ser um guia ou breviário do Chefe de Terreiro.

BABALAORIXÁ ou CHEFE DE TERREIRO, é o verdadeiro sacerdote da organização umbandista. Não deve subordinação hierárquica a ninguém nesta terra em matéria de doutrina ou de liturgia, mas deverá sempre que mister consultar com humildade os mestres mais velhos e estudar o que dizem os tratadistas, buscando ratificação dos conhecimentos assim obtidos em consultas aos seus guias e protetores espirituais.

O Chefe de Terreiro é um Iniciado. Terá estudado e se preparado cuidadosamente para a sua missão. Não lhe deve ser estranho nenhum ponto da doutrina. Deve conhecer a fundo as Sete Linhas, suas legiões e agrupamentos e os nomes dos respectivos chefes, bem como as legiões intermediárias

entre as diversas linhas. Nem sempre terá feito a cabeça, caso em que não lhe será lícito fazer cabeça de outros filhos da fé. Recomenda-se entretanto que se prepare ativamente, pelo estudo, a meditação e a prática reiterada do bem, para receber o mais belo sacramento da Umbanda. A ordenação sacerdotal na Umbanda é muito diferente da católica: não exige renúncia ao casamento, muito ao contrário, impõe que o iniciado seja bom chefe de família, excelente espôso, pai carinhoso, apto, pelo seu exemplo pessoal, a transmitir os melhores ensinamentos a outros chefes de família e, pela sua austeridade, chamado a resolver divergências domésticas, mòrmente em casais com filhos. Tem portanto que ser possuidor de uma moral conjugal inatacável, pois de outra forma, como é que poderia possuir autoridade para aconselhar e orientar casais inexperientes e muitas vêzes à borda da separação apenas por não terem uma alma caridosa que os guiem no trilho certo?

Assim, o mais importante dever de um chefe de terreiro é zelar pela sua moral. Não deve freqüentar botequins e bares, nem casas ou clubes de jôgo de azar (carteados, roletas, dados, etc.) nem casas de diversões noturnas. Cabarés, buates e dancings estão rigorosamente interditos, sob qualquer pretexto, a um chefe de terreiro. Casa de tolerância então, nem é bom falar.

O chefe de terreiro deve ser correto na sua vida profissional. Se fôr comerciante, não poderá pro-

curar lucros ilícitos ou abusivos, não falsificar os produtos que expõe à venda, não se valer da falta de conhecimentos ou da boa fé dos seus clientes para impingir-lhes gato por lebre. Se fôr assalariado, deve ser, na sua firma, o exemplo de pontualidade, asseio e disciplina. Se fôr chefe de serviço, deve o seu exemplo pessoal ser o melhor estímulo à pontualidade e assiduidade. Será sempre o primeiro a chegar, o último a sair. Tratará seus subordinados com afabilidade, respeitando-os e tendo em vista que são seres humanos merecedores como tais de tôda consideração, e jamais procurará impor respeito pela truculência ou descaso. A regrinha que sempre deve estar presente, nas relações com seus semelhantes, é esta: NÃO FAÇAS A OUTROS O QUE NÃO QUERES QUE TE FAÇAM.

O Chefe de Terreiro deve se impor à estima e consideração de seus semelhantes graças a uma conduta irrepreensível. De todos os seus ganhos destinará DEZ POR CENTO (dízimas) para o emprêgo no bem — em esmolas, em contribuições a casas de caridade, em ajudas aos necessitados.

Tendo em vista de que está a serviço de Deus, e que a caridade é a melhor maneira de servir o Todo-Poderoso, o Chefe de Terreiro fará assim o seu investimento em obras de valor eterno. Não há quebra de banco, nem ladrões, para arruinar o depósito, a economia assim aplicada.

ESTUDO

Depois da caridade e da moral, o dever mais acentuado do chefe de Terreiro é o ESTUDO.

Deve estudar sempre que tenha oportunidade para isso. Nas horas vagas, na condução, em viagens, nos domingos e feriados, o seu companheiro permanente deve ser UM LIVRO. O chefe de terreiro zeloso de sua saúde física e moral NÃO BEBE E NÃO FUMA. Assim, sobra-lhe o dinheiro que outros aplicariam inicialmente em bebidas e cigarros, e posteriormente em remédios. Na nossa biblioteca umbandista, de mais de 300 volumes especializados, pode se verificar que o mais caro dêles ficou, encadernado, em QUINHENTOS CRUZEIROS. Pois bem, representam o valor de vinte maços de cigarros comuns que tivéssemos queimado durante um mês, caso fôssemos fumador, e fumante de categoria leve.

Que é que um chefe de terreiro deve ler?

Principalmente, e inicialmente, a Bíblia. É o livro dos livros, é o fundamento de todos os conhecimentos humanos.

Deverá a seguir ler um bom livro sôbre religião, por exemplo, o *Catecismo Superior da Religião Católica*, para conhecer os fundamentos — dogmas, princípio do livre-arbítrio, etc.

Não podem òbviamente ficar esquecidas as obras que cuidam de religiões negras, como as de Arthur Ramos, Edison Carneiro, Gonçalves Carnei-

ro, Manuel Querino, Nina Rodrigues e outros que estudaram o assunto com critério científico e com carinho.

De posse de tão preciosos conhecimentos, fácil se lhe torna a compreensão dos tratadistas de Umbanda — Aluizio Fontenelli, W. W. da Matta e Silva, Byron Torres de Freitas, Tancredo Silva Pinto, João de Freitas, Oliveira Magno, Leopoldo Bettiol e tantos outros que honram as fileiras umbandistas pela sua dedicação à doutrina e honestidade intelectual.

O chefe de terreiro não pode perder de vista ainda as obras kardecistas. Terá que estar familiarizado com estas obras de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, A Gênese, Obras Póstumas, O Principiante Espírita.*

E como será chamado a cada passo a neutralizar efeitos fluídicos maléficos, deverá ter conhecimento da magia negra, que não obstante se absterá de praticar, sejam quais forem os pretextos ou ensejos para isso. O conhecimento de como agem e se movimentam as legiões dos exus e outras entidades do mal é idêntico ao conhecimento que das tropas inimigas procura obter um general às vésperas de uma batalha. Livros proibidos há-os às dezenas. Cuidado, porém, para não se deixar sugestionar pelo que a sua leitura deve ser precedida antes de uma prece aos bons guias.

UM CURSO

É natural que os que querem iniciar-se na Umbanda tenham o desejo de se pôrem em contato com as entidades, freqüentando sessões práticas que chamamos DE CARIDADE. Entretanto, de acôrdo com os grandes mestres — o próprio Kardec disto nos fala no seu maravilhoso *Livro dos Médiuns,* isto não poderá ser permitido, sem um prévio estudo para se compenetrarem das condições e conhecimentos necessários.

A mediunidade, ou faculdade de receber entidades, não é privilégio de uns tantos escolhidos. Ela existe, em estado latente, na quase totalidade dos seres humanos. São raríssimos os casos de pessoas inteiramente infensas à prática e que, tendo manifestado vontade de aprender, vissem frustrados os seus desígnios por insuficiência psíquica ou incompatibilidade com as entidades. Allan Kardec dizia:

"Assim, pois, a inteligência prévia dos fatos não só as coloca em condições de se aperceberem de tôdas as irregularidades, mas também aprenderem um sem número de particularidades, de matizes, às vêzes muito delicados, que escapam ao observador ignorante. Tais os motivos que nos forçam a não admitir, nas nossas sessões experimentais, senão quem possua suficientes noções preparatórias, para compreender o que ali se faz, persuadidos de que

os que lá fôssem, carecentes dessas noções, perderiam o seu tempo, ou nos fariam perder o nosso."

Assim, interessante é que todo chefe de terreiro organize um curso, para o que poderá pedir o concurso de outros terreiros visinhos ou da mesma cidade. Tais cursos muito concorreriam para a unificação de Umbanda, para maior harmonia entre terreiros e tendas, para maior difusão da doutrina.

Um curso implica sempre numa organização metódica das matérias, partindo-se das mais simples para chegar-se às mais complexas, vindo dos conhecimentos primários até os mais altos graus de desenvolvimento esotérico.

As aulas não devem tomar o caráter de conferência, e sim de sabatinas, onde os alunos intervenham a cada passo, já expondo suas dúvidas, já interrogando, já demonstrando, pela explicação da aula dada, que apreenderam e assimilaram os conhecimentos ministrados.

Um modêlo de programa é o que sugerimos a seguir:

1.ª aula — O que é Umbanda — Suas finalidades, seus dogmas, sua origem. Histórico.

2.ª aula — As sete linhas ou vibrações originais. Entidades, guias ou protetores. Ligações e intermediários entre as linhas: Sincretismo.

3.ª aula — Incorporação. Qualidade dos espíritos. Mistificações. Estudo das comunicações.

4.ª aula — Influência oculta dos espíritos em

nossa vida, atos e pensamentos: — Moral umbandista: regras de conduta.

5.ª aula — Obsessões e perturbações espíritas. Os zombeteiros, os exús, os transviados.

6.ª aula — Técnica das sessões. Sessões de caridade, de descarga, de desenvolvimento.

7.ª aula — Variedades de médiuns. Vidência. Psicografia. Os pontos riscados.

8.ª aula — Elementos de magia esotérica. Pontos de segurança. Defumações. Cargas psíquicas.

9.ª aula — Resumo. Recapitulação.

Aos simples freqüentadores será aconselhado que estudem os primórdios da doutrina, de maneira a poderem mais fàcilmente acompanhar e entender os trabalhos a que assistirem.

TRABALHOS

O Chefe de Terreiro deverá estar muito seguro do ritual e das finalidades das sessões, de maneira a poder orientá-las com segurança e firmeza. Qualquer titubeio é fatal. Com os orixás não é possível ter hesitações.

Por outro lado, as hesitações podem acarretar a intromissão de entidades malfazejas, que se valem de todos os meios e oportunidades para se imiscuirem. Cuidado, muito cuidado!

Assim, o presidente ou chefe de terreiro deve estar bem senhor das praxes de abertura, canta-

mento de pontos, formação de corrente de trabalho, etc. bem como deverá se dirigir com desembaraço e sem acanhamento às entidades incorporadas, saudando e reverenciando as boas e sem violência mas com firmeza fazendo as intrusas se retirarem.

Deve, pois, saber perfeitamente de cor, de maneira a recitá-las sem tropeços e falhas, as preces de abertura e de encerramento dos trabalhos.

Lembremo-nos sempre de uma coisa: só Deus tem o privilégio e o segrêdo da sabedoria imanente, isto é, da que se obteve inerentemente, sem estudos nem provações. Desconfiemos, em Umbanda como em todo o mais, dos "auto-suficientes", dos "catedráticos de nascimento", dos "escolhidos". O próprio Cristo não nasceu sabendo; fez questão, para dar-nos uma lição de humildade, de passar a infância em lugar ignorado, inteiramente entregue ao aprendizado da sua missão.

Os Evangelhos, com efeito, são omissos quanto ao local em que Jesus passou a infância. São Mateus nos dá esmiuçadamente a genealogia de Jesus, a conceição e nascimento, a adoração dos reis Magos, a fuga para o Egito, a morte dos inocentes e a volta do Egito depois da morte de Herodes, graças ao aviso do anjo do Senhor.

São Marcos começa com a pregação de João Batista e nos apresenta o Redentor já homem feito, sem pensar na sua infância e educação.

São Lucas, outro minucioso narrador do Natal, diz que "entretanto o menino crescia e se fortificava cheio de sabedoria, e a graça estava com êle. E seus pais iam todos os anos a Jerusalém no dia solene da Páscoa", narrando o episódio das discussões no templo, quando o menino tinha doze anos. Enfim, São João não é mais explícito que os outros evangelistas. Não faz a menor referência à infância.

Ora, hoje por tradição sabe-se que o Menino esteve no Egito, ali se iniciou nos mistérios dos sacerdotes de Isis, Osiris, Phtá e Amoná depois foi terminar o seu período escolar com os iniciados Essênios. Os essênios eram uma seita israelita que guardava a tradição esotérica dos profetas e tinha dois centros principais, uma na Palestina e outro no Egito (África).

O maior dos historiadores judeus, Flavio Josefo, que foi contemporâneo de Cristo, escreve na sua fabulosa obra *História dos Hebreus*: "Os essênios eram de uma moralidade exemplar; esforçavam-se no reprimir tôda a paixão e todo o movimento de cólera; sempre benevolentes nas suas relações, pacíficos, de boa fé. Sua palavra valia mais que um juramento; assim, na vida ordinária, o juramento era por êles considerado supérfluo e como um perjúrio. Suportavam com uma admirável fôrça de alma e com o sorriso nos lábios as mais cruéis torturas, de preferência a violar o menor preceito religioso".

Um escritor religioso, Eduardo Schuré, descreve numa de suas melhores obras, a cerimônia da iniciação de Cristo, quando, no mais profundo segrêdo, recebeu a iniciação superior do quarto grau, aquela que não se concedia senão no caso especial de uma missão profética, desejada pelo irmão e confirmada pelos Anciães. Segundo lhe foi dado saber, através de revelações sobrenaturais, esta iniciação se deu numa gruta, talhada no interior de uma grande montanha de Engadi, paragem que já era conhecida nos dias de Daví.

Ora, se assim foi com quem viera ao mundo em nome do Pai Divino, e com a sua essência, se o Cristo, emanado da suprema sabedoria, não desdenhou de estudar e transpor degrau a degrau a escada da iniciação, por que haveria de o profano que mal aprendeu a cantar um ponto e a riscar sinais misteriosos no solo, se arrogar o direito de saltar os degraus?

O chefe de terreiro deve pois estudar, estudar sempre, não se considerar jamais saturado dos conhecimentos. Pois quanto mais se aprende, mais fica por aprender. A ninguém foi dada a faculdade de conhecer a verdade sem preparo prévio. A verdade é como um calçado muito apertado, que só afrouxa depois de muito uso, e após haver causado muita tortura ao seu usufrutuário. Os borzeguins são dolorosos; mas preparam e fortalecem os pés para a longa caminhada.

Regulamento das sessões

O chefe de terreiro deve, de acôrdo com o seu guia espiritual, elaborar um regulamento das sessões, que atenderá às características peculiares a cada organização. Depois de redigido êsse regulamento — no caso de seus conhecimentos de português serem fracos, deverá pedir a um irmão mais preparado intelectualmente que proceda à revisão; nada mais feio que avisos em má ortografia ou cheios de erros gramaticais: perdem muito da fôrça — afixará uma cópia em lugar bem visível.

Êsses regulamentos devem ser redigidos em linguagem simples e direta. Assim, por exemplo:

1. Só podem formar na corrente dos trabalhos médiuns que tenham feito o curso teórico ou cujo grau de desenvolvimento seja fàcilmente comprovado;

2. Depois de iniciada a sessão, ninguém mais poderá entrar no recinto;

3. Sòmente o presidente pode falar com as entidades em comunicação, cabendo licença sua em casos especiais, de que a entidade se manifeste desejosa de falar com algum dos presentes.

4. Havendo diversos médiuns, cada um se prestará por sua vez a servir de cavalo;

5. Os assistentes devem manter-se no maior recolhimento e respeito, não sendo permitido con-

versas nem cochichos durante a realização dos trabalhos;

6. As sessões não devem ser prolongadas, para não cansar o médium e o assistente.

Calendário

O Chefe de Terreiro deve verificar constantemente o calendário, para não passar despercebida alguma data importante da liturgia umbandista.

Vamos sugerir um excelente calendário umbandista, que propomos para o estudo de todos os interessados na unificação.

Janeiro

1 — Confraternização dos povos.
5 — Pai Simeão.
6 — Festa dos Tabernáculos (Reis Magos).
9 — Pai Juliano.
20 — *Oxoci* (S. Sebastião).

Fevereiro

1 — Pai Inácio.
2 — *Yemanjá* (Nossa Senhora dos Navegantes).
4 — Pai André.
8 — Pai João da Mata.

Março

2 — Pai Jovino.
19 — Pai José.
21 — DIA DA UMBANDA
Pai Bento.
24 — São Gabriel.

Abril

14 — Pai Justino.
19 — Pai Expedito.
23 — *Ogum* (São Jorge).

Maio

8 — DIA DO INICIADO (Flor de Lotus).
13 — Vovó Izabel — Dia dos Pretos Velhos.
22 — Mãe Rita.

Junho

1 — Pai Juvêncio.
13 — Tio Antônio.
24 — *Xangô-Caô* (São João Batista).
27 — DIA DA PIRÂMIDE (Início do ano esotérico).

29 — *Xangô-Agojô* e *Xangô-Agodô* (São Pedro e São Paulo).

Julho

20 — Pai Jerônimo.
25 — Pai Tiago.
26 — *Nanã Buruquê* (Santana).

Agôsto

4 — Pai Domingos.
10 — Pai Lourenço.
15 — *Obá* (Nossa Senhora da Glória).
16 — *Xapanã* (São Roque).

Setembro

21 — Pai Mateus.
26 — Pai Cipriano.
28 — São Cosme e São Damião (*Yori* ou *Ibeji*).
29 — São Miguel.
30 — Invocação a *Xangô* (Festa do Balanço Espiritual.

Outubro

2 — Anjos da Guarda.
3 — Allan Kardec.
24 — DIA DA PAZ. Anjo Rafael.
28 — Pai Simeão.

Novembro

2 — *Omulu* (Finados). Dia da Elégia Universal.

Dezembro

4 — *Inhaçã* (Santa Bárbara).
8 — *Oxum* (Nossa Senhora da Conceição).
25 — Natal de *Oxalá*.

OUTROS MISTERES

No capítulo anterior, "Trabalhos fora do terreiro", demos pormenorizadamente orientação para trabalhos e cerimoniais externos, como o seja, nas praias, nas cachoeiras, no campo, etc..

O chefe de Terreiro é o responsável, moral e civilmente, pela boa ordem das excursões. Deve tomar tôdas as precauções para evitar os atropelos e as turbulências, insistir na pontualidade, que deve ser virtude número um dos umbandistas. Lembre-

mo-nos de que cada hora tem a sua vibração particular e o seu guardião próprio, e que o que é possível fazer numa hora já não o é com a mesma eficiência em outra. Assim, em se tratando de excursões do terreiro para o campo, a montanha ou a praia, que todos se compenetrem de que é mister se esforçar por chegar meia hora mais cedo, com o que jamais ocorrerá chegar meia hora mais tarde.

Insistimos no que foi dito no capítulo anterior: não se permita, a pretexto algum, que se queime fundanga na praia, nem que os trabalhos sejam feitos de noite. A noite é propícia para os exus e para a afloração dos instintos mais violentos. Trabalhos de Umbanda, de magia branca, devem ser feitos à luz do dia, em cerimoniais austeros e que embora atráiam a curiosidade dos profanos, jamais poderão servir de pretexto para êstes se darem a desrespeitos ou zombarias.

Geralmente o povo humilde não zomba do que não entende. Umbanda está de tal maneira identificada na alma popular, e enquadrada em nossas tradições, que dela não há quem não tenha ouvido falar — ai de nós, muitas vêzes em têrmos pejorativos e desarrazoados, para nos confundir com feiticeiros e macumbeiros vulgares — e portanto, não há quem se sinta encorajado a perturbar-lhe os trabalhos. Ai de qualquer descuido, entretanto! Ao mínimo indício

de charlatanismo ou de intentos levianos ou malévolos, o chefe de terreiro virá suas hostes invadidas pelos engraçadinhos, pelos conquistadores baratos, pelos obsecados do sexo e do álcool, pelos gosadores de todo tipo, que geralmente vivem à espreita de oportunidade que tais para se expandirem.

— Nas festas cívicas, em solenidades públicas, o chefe de terreiro deverá providenciar com antecedência que haja lugar preparado para autoridades e visitantes ilustres e preparar tudo a fim de que tudo decorra em ordem. Inspeccionará as decorações de flôres e toalhas, verificará se as cortinas que cobrem quadros a serem inaugurados correm bem, para evitar ridículos enguiços prejudiciais à seriedade das cerimônias, etc.. Em havendo oradores e conferencistas, verificar que não falte água e copos na mesa. Não encoraje nunca, em tais festas, o uso de álcool! Lembre-se de que a Índia, nação milenar, pátria do esoterismo e do ocultismo por excelência, bêrço das mais antigas e respeitáveis fontes doutrinárias da humanidade, aboliu oficialmente, em reuniões cívicas, o uso de bebidas alcoólicas, e nem por isso falta alegria a tais reuniões. As embaixadas indianas nos países americanos e europeus são modelos de cordialidade e hospitalidade, todos sentem-se à vontade e como que envoltos em ambiente de fraternidade, sem que para isso seja mister os dispendiosos estouros de champanha ou os vulgaríssimos coquetéis...

O chefe de terreiro deverá ter presente sempre que sob os seus ombros pesa a responsabilidade de um sacerdote de Umbanda, de um iniciado em mistérios sublimes, em depositário de mirongas das mais respeitáveis. Na sua eficiência e comportamento repousa o bom-nome da Umbanda. Pela sua moral se aquilata a moral de Umbanda.

Quem não tiver espírito de desprendimento e devotamento ao próximo; quem não se sentir capaz de conduzir a bom termo a pesada missão que está implícita no cargo de chefe de terreiro, quem tiver pendores mercantilistas insofreáveis, não deve pensar em vir trabalhar na seara de Oxalá. Os encargos são duros e dolorosos. Não se prestam a enriquecimento e glórias humanas. Quem pensar que ficará rico trabalhando com Umbanda, está preparando para si uma terrível sobrecarga da lei cármica. Com Umbanda não se brinca, e não será em vão que se desafiará a sua lei.

Quem por outro lado se sentir encorajado a conduzir o fardo nos ombros, não vacile um instante. Nem tudo serão espinhos. Há compensações espirituais bem grandes. O desconto do karma se fará com mais rapidez; a satisfação do dever cumprido para com Deus e o próximo trará essa inefável tranqüilidade interior que é sinônimo de bem-estar e saúde. E assim, as fôrças benéficas que estão em vibração perpétua na humanidade virão criar uma

aura de progresso e realizações, e os bons mensageiros dos orixás estarão contìnuamente protegendo e iluminando o bom cumpridor dos preceitos divinos.

Vademecum do cavalo ou médium

Cabendo ao Pai de Santo, chefe de terreiro ou babalaorixá orientar os que pretendem se nortear no espinhoso mas esperançoso caminho de Zambi e Yemanjá, vale a pena fazer um estudo de classificação da mediunidade. Neste ponto coincidem grandemente os princípios que norteiam o kardecismo e o espiritismo de Umbanda.

A mediunidade pode ser classificada como: de simples incorporação, mecânica, psicográfica, curadora, vidente, intuitiva, e de transportes.

Simples incorporação

Quando o médium apenas recebe a entidade, a qual se manifesta por tremores de corpo, ou pela voz, ou por simples gestos. Há entidades atrazadas que se limitam a rir ou soluçar, competindo ao chefe do Terreiro neutralizar os efeitos danosos de tais manifestações, mandando inclusive retirar-se os espíritos que não sabem ou não querem se portar e só fazem maltratar o cavalo.

Mecânica

É a mediunidade que, independente de concentração, provoca fenômenos mecânicos (movimento dos corpos). Os objetos são levados de um lado para outro, sem toque humano nem interferência de causa material.

Psicográfica

Quando os médiuns são usados do ombro à mão e escrevem, na maioria dos casos sem a participação da mente, para a produção de mensagens escritas.

Curadora

É a mediunidade que proporciona ao médium aptidão para dar passes, fluir a água, descarregar o paciente, produzindo alívio imediato aos seus males físicos ou espirituais. Essa é a mediunidade que deve ser atribuida ao MÃO-DE-IFÓ, ou colhedor de ervas para amacis e farmacopéia.

Vidente

É a mediunidade que dá a faculdade da vista do astral, podendo o instrumento enxergar acontecimentos passados ou futuros, ter visões, sonhos proféticos, ou conhecimento, por meio de imagens luminosas, do que se está passando à distância. É um dos graus mais altos de mediunidade, e dificilmente se chega a êles, por ser faculdade dos grandes profetas, dos taumaturgos como Santo Antônio, Anchieta, etc..

Intuitiva

É a mediunidade que torna o instrumento apto a receber qualquer mensagem do Além sem a necessária incorporação.

Transportes

A mais alta forma de iniciação. O espírito do médium se transporta a grande distância, deixando o corpo em estado inativo, mas consciente, com os sentidos alerta. Para se chegar a tanto, são numerosas as precauções a serem tomadas. A experiência exige rigorosa seleção de médiuns, afinidade entre os que vão se reunir em dado local, pureza de intenção, etc..

Há raros médiuns que têm capacidade poliforme e operam tanto no astral como na qualidade de curadores. Mas se trata de espíritos altamente privilegiados, e cuja passagem entre nós é muito rara, geralmente ligada a alguma missão de grande trans-

cendência. Tais trabalhos impõem tamanho dispêndio de energias dos aparelhos, que êste não podem trabalhar indefinidamente.

MISTIFICAÇÕES EM UMBANDA

Um dos mais tristes flagelos de Umbanda, e contra o qual jamais serão poucas as medidas acauteladoras ou repressivas, é a MISTIFICAÇÃO.

Mistificar quer dizer abusar da credulidade alheia. O número dos mistificadores em nossos dias é bastante elevado: alguns, por espírito mercantilista, para arrancar dinheiro dos ingênuos, outros por vaidade, para deslumbrarem o próximo com falsas demonstrações de fôrça espiritual e mediunidade; e há muitos que mistificam inconscientemente, quer por serem tomados de espíritos zombeteiros, quer por excesso de zêlo e de fanatismo para com a fé.

Sim, repetimos. Há os que mistificam por excesso de zêlo. O fenômeno não é exclusivo do setor religioso. No campo científico, há casos de sábios que se deixaram apaixonar a tal ponto pela sua própria doutrina, que abandonam tôda a serenidade científica e se atiram sem nenhum escrúpulo à fabricação de provas forjadas. É bastante conhecido neste sentido, o caso do famoso sábio naturalista Haeckel, discípulo fervoroso de Darwin e do evolucionismo. No ardor das polêmicas que teve de tra-

var em fins do século passado com os naturalistas não-evolucionistas, chegou a apregoar que descobrira ossadas do ser intermediário entre o macaco e o homem, pensando assim reconstituir o elo perdido na corrente da evolução orgânica.

As mistificações nos terreiros se processam de diversas maneiras. A mais comum é a da falsa incorporação de entidade. Chama-se convocar, fazer baixar ou ainda "arriar" ao processo de provocação da vinda da entidade e utilização de seu médium. Mas seja pela ignorância dos meios a serem empregados, seja pela grosseria com que se afasta em vez de se atrair a entidade desejada, ou por outros motivos, a entidade não comparece, recusa-se a "ser arriada". O médium cônscio de sua responsabilidade não tomará tal negativismo como um fracasso e sim como uma advertência de que algo está errado e deve ser corrigido, sem falsa vergonha. Mas o médium ainda mal desenvolvido e manietado pelo respeito humano acha nisso um motivo para sentir-se envergonhado diante da assistência, como se fôra um prestidigitador que falhasse no truque e temesse as váias dos espectadores. Então, escapa-se pela porta fácil da mistificação. Ai do que a praticou uma vez! Fatalmente repetirá, habitua-se toma gôsto e se algum fator muito ponderável não intervir para salvá-lo, rolará na ladeira para um abismo insondável, e se perderá.

É fácil ao frequentador habitual dos trabalhos de tendas e terreiros verificar se está havendo mistificação. Na sua gira (visita aos terreiros), os caboclos, os pretos-velhos, as filhas de Yemanjá, as crianças da legião de Yori (Cosme e Damião) e outras entidades, quer as que um dia se encarnam, quer as que jamais adquiriram forma terrena e mortal, não têm tempo a perder com brinquedos vãos nem com exibicionismos inúteis. Têm essas entidades uma missão de caridade a cumprir, e é neste sentido que comparecem, riscam pontos, ditam instruções.

Assim, tôda vez que virmos um médium queimando pólvora na mão, mostrando insensibilidade, ou encostando charutos acesos na pele sem pestanejar, ou comendo vidro ou travessando a pele com agulhas, ou fazendo outras demonstrações de mero faquirismo recreativo, ficai certos: é MISTIFICAÇÃO típica.

Hoje, são conhecidos milhares de sistemas naturais para se executar tais truques de faquirismo: estão ao alcance de qualquer um, mediante a aquisição de livrinhos especializados que os ensinam. As casas especializadas em artigos para magia circence (ilusionismo) vendem entre outras coisas, o licopódio, um pó que isola a pele humana permitindo mergulhar a mão numa tina dágua e retirá-la enxuta; e pós isolantes que revestem a pele da bôca de maneira a possibilitar palhaço "come-fogo" devorar

gulosamente enormes labaredas ou engulir tochas acesas diante do público aterrorisado. Mas até mesmo sem auxílio de drogas, por mero exercício de auto-sugestão e auto-hipnose é possível a quem se adestrou convenientemente repetir tôdas essas proesas que acima enumeramos: a pirofagia, a vitrofagia, a insensibilidade dérmica, etc. Queimar pólvora na concha da mão é truque muito primário, que depende de habilidade para dispor a encurvatura da palma de tal forma que a pólvora em combustão se volatilize e suba ao ar transformada em gás, sem que o calor tenha intensidade suficiente para produzir queimaduras. Em outros têrmos: êsse calor sobe, não desce, ou a parte que se irradia para baixo é tão insignificante que mal pode ser percebida na epiderme.

Quanto aos mistificadores de outro tipo, os mercantilistas, os que cometem o negro pecado da simonia, isto é, traficância das coisas sagradas, não há muito que dizer dêles.

Desconfiar dos que apresentam extensas listas de material mágico exigindo verdadeiras fortunas para executar trabalhos. Não é com dinheiro, nem com materiais luxuosos ou dispendiosíssimos, que se movimentam as fôrças ocultas da natureza. Lembremo-nos de que Umbanda, desde os seus primór-

dios no Brasil, nunca foi religião de riqueza. É por origem e tradição, doutrina de gente pobre, de homens e mulheres humildes do trabalho. Não se coadunam com ela as cerimônias vistosas, as magias aparatosas. Sua teurgia é muito simples, como terá visto quem leu atentamente o rol dos objetos empregados no ritual, que, segundo supomos, pela primeira vez foram catalogados e sistematisados no Brasil. Não há ali nada caro, nada que possa estimular a ganância e esperteza dos mistificadores.

CAPÍTULO VII

PRECES DE UMBANDA

A PRECE OU ORAÇÃO é uma mensagem do crente, dirigida à entidade superior. Tem as mais variadas finalidades, desde pedir o amparo das fôrças espirituais, do Alto nas nossas dificuldades corporais ou espirituais, até agradecer o Criador pela sua bondade infinita.

É verdadeiramente pela prece que o Umbandista se identifica com Deus e as entidades do reino de Aruanda. Bastante conhecido é o poder da oração. Vemo-la, no profundo das Idades, quando Noé salta da arca e rende graças a Jeová, e vamos vendo no decorrer dos tempos, desde os patriarcas até os profetas, dêstes aos evangelistas.

A oração máxima por execelência é a PRECE DOMINICAL, aquela que foi ditada pelo próprio Cristo.

E aconteceu — narra o Evangelista — que estando Oxalá a fazer a oração em certo lugar, quando acabou, um dos seus discípulos disse-lhe: — Senhor, ensina-nos a orar, assim como também João

Batista ensinou a seus discípulos. E êle lhes disse: "Quando orardes, dizei:

PAI NOSSO, QUE ESTAIS NO CÉU, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME, VENHA A NÓS O VOSSO REINO, O PÃO NOSSO DE CADA DIA DAI-NOS HOJE, SEJA FEITA A VOSSA VONTADE ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU. PERDOAI OS NOSSOS PECADOS ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS AOS NOSSOS DEVEDORES. E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO, AMÉM.

Essa oração está hoje traduzida em tôdas as línguas. Os que têm devoção com os Pretos Velhos farão obra de sumo agrado a essas entidades, se, em homenagem ao idioma em que êles se manifestaram quando de sua passagem terrena, aprenderem de cor o Padre-Nosso em língua nagô. Assim:

BABÁ UÁ TINGBÉ OLORUM AWÓ LÓLÓ ÓRÚ KORÉ IJÓ GBARADÉ TIRÉ NIKÁ SI LAIÉ. BINAUON TUN SI LI ÓRUN FUN AUÁ LOMJIOJÓ À LONIN DÁRI ÉSÉ UÁ JI AUON TO ÉSÉ UÁ MAFAUÁ SINURÉ IDAN UÓ XUGBÓN BÁKURÓ LONIN TUN LÁ SIN. AMIN.

São 43 palavras apenas, e que, mesmo para os não acostumados a exercitar a memória, não levará mais que três dias, a meia hora por dia, para ficar decorado.

QUANDO SE REZA

O Umbandista reza:

1 — Às seis horas da manhã, ao acordar.

2 — Ao meio dia.

3 — Às seis horas da tarde (Ave-Maria) quando se dirigirá a Yemanjá ,Senhora de Aruanda.

4 — Antes de dormir.

5 — Ao iniciar-se e ao encerrar-se um trabalho ou cerimônia de Umbanda.

6 — Nas refeições.

7 — Tôda vez que tiver na vida uma grande necessidade, ou uma grande alegria; e sempre que fôr atendido em algum pedido, ou libertado de algum grande perigo, etc., bem como sempre que por êle passar um cortêjo fúnebre.

Uma recomendação bastante oportuna é a de que cada um faça o seu levantamento horoscópico pessoal, e veja qual o anjo da guarda que lhe compete, bem como o respectivo salmo. Como se sabe, há 150 salmos, divididos à razão de 3 entre os 50 anjos principais que presidem as semanas do ano. Os salmos atribuídos a cada pessoa têm, quando por ela recitados, grande poder mágico.

Contudo, enquanto não se faz isso, pode se ir recitando o Salmo 116, que é o mais curto de todos êles, e por isso mesmo representa uma espécie de síntese geral. É como uma gota de água que apesar de sua pequenez, pode refletir o sol inteiro e brilhar com o esplendor dêste.

Ouçamos o Salmo 116:

"Alelúia. Nações, louvai tôdas o Senhor. Povos, glorificai-o todos. Porque sôbre nós foi confirmada a sua misericórdia e a fidelidade do Senhor permanece eternamente."

São 22 palavras apenas. Mas quanta sabedoria condensada!

Prece de ismael

Vamos agora dar a célebre Prece de Ismael, tão utilizada em tôdas as circunstâncias esotéricas, mòrmente no umbandismo.

"Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade! Jesus bom e amado mestre, sustenta os teus filhos humildes e pecadores nas lutas dêste mundo.

Anjo bendito do Senhor, abre sôbre nós as tuas asas brancas e abriga-nos do mal. Levanta os nossos espíritos à Majestade do teu reino, infunde em todos os nossos corações a luz do teu imenso amor. Jesus, pela tua Sagrada Paixão, pelos teus martírios na cruz, dai a êsses que se acham ligados ao pesado fardo da matéria, a orientação perfeita no caminho da virtude, único pelo qual podemos te encontrar.

Jesus, paz a êles, misericórdia aos nossos inimigos. Recebe no teu seio bendito a prece do último dos teus servos. Bendita estrêla, farol das imortais falanges, purifica-nos com os teus ráios divinos, lava-nos de tôdas as culpas, atrai-nos para junto do teu seio, santuário bendito de todos os amores. Se o mundo com seus erros, paixões e ódios, alastra o caminho de espinhos, escurecendo nossos horizontes com as trevas do pecado, rebrilha mais com a tua misericórdia para que, seguros e apoiados no Santo Evangelho, possamos trilhar, vencer as escabrosidades do caminho e chegar às moradas do teu Reino.

Amiga estrêla, farol dos pecadores e dos justos, abre o teu seio divino e recebe a nossa súplica pela humanidade inteira."

Prece da abertura

Variadas são as preces de abertura de trabalhos. Tôdas têm o mesmo valor, desde que feitas com contrição e pureza de alma. Vamos dar aqui uma, que costumamos usar e que, como foi transmitida pelo guia espiritual competente, pode ser copiada e empregada sem qualquer exigência de autorização.

"Em nome do grande Pai Zambi, e das Sete Vibrações de Aruanda, invoco as fôrças divinas para que a partir dêste momento, venham auxiliar e proteger nossos trabalhos, orientando-nos pelo caminho certo e impedindo que espíritos maus e atrazados venham nos perturbar.

Por Oxalá, comandante Supremo das falanges de luz; por Yemanjá, a Rainha do Céu; por Xangô, o senhor poderoso das pedreiras e das montanhas; por Ogum, o guerreiro das côrtes celestiais; por Oxoci, o potente capitão das fôrças da natureza encarnadas nas matas vivas de nossa pátria; por Yori, que representa a inocência, o viço e a mocidade; por Yorimá, que traduz o sofrimento dos Pretos Velhos — entraremos em contato com as fôrças su-

periores e com elas nos identificaremos na prática do bem e na execução da caridade.

Permiti, ó santos Orixás! que sejamos assistidos pelos nossos protetores e que êstes para aqui venham trazendo a luz do entendimento e o calor de seu afeto paternal.

Em nome de Zambi, com a assistência de Oxalá-Guiam, de todos os orixás, guias e protetores, e em especial do nosso guia... (citar a entidade que assiste o terreiro), damos por abertos os nossos trabalhos, e abrimos as suas portas aos caboclos, crianças e pretos-velhos que por aqui passarem, no cumprimento de sua missão. Olorum modupé! Saravá Umbanda!"

Esclareçamos que a expressão *Olorum modupé* é a saudação iniciática nagô, e quer dizer: que Deus Supremo proteja! É correspondente, na mesma língua, desta outra expressão: Olorum didê!

Prece de encerramento

Para encerrar, também são conhecidas muitas preces. Um modêlo geral é o que segue:

"Chegamos, Zambi, chegamos, ó Yemanjá! ao fim de nossos trabalhos. Agradecemos a tôdas as entidades que vieram nos amparar e nos auxiliar, trazendo a luz do entendimento e a fôrça de sua caridade, a esta sessão.

Chegamos, Ogum, chegamos, Xangô, chegamos, Oxoci, chegamos, Yori, chegamos, Yorimá! ao fim de nossos trabalhos de hoje. Continuai nos esclarecendo, nos confortando, nos estimulando, para que sigamos o caminho reto e luminoso pelo qual se chega a Aruanda, ponto final da longa viagem evolutiva.

Que a paz esteja com todos vós. Olorum modupé! Saravá Umbanda!"

Outra prece

"Em nome de Jesus e de Maria, e de todos os nossos guias e espíritos amigos, agradecemos aos bons espíritos que se dignaram vir se comunicar conosco e rogamos que nos auxiliem em todos os passos de nossa vida. Todos os que aqui entraram sairão com seus corações fortificados e mais inclinados ainda à prática do bem. Desejamos igualmente que êstes trabalhos atinjam plenamente suas altas finalidades, que são as da Caridade ordenada por Deus. Desejamos também que os espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos, que assistiram a esta reunião, se beneficiem com as vibrações benéficas que aqui foram postas em ação pelos nossos pensamentos encadeiados e voltados para a luz. Assim seja."

Oração a ogum

"Meu glorioso São Jorge, guerreiro invencível das hostes do bem, ajudai-me a vencer a minha batalha. Vós que comandais as hostes aguerridas que formam a Linha das Demandas, demandai pela boa causa e protegei-me. Preciso de vós, São Jorge dos Ingleses, Ogum dos africanos, mas sempre o mesmo espírito puro e valoroso que se apiada dos fracos e castiga os arrogantes, que me façais... (aqui formular o pedido que satisfará à necessidade e precisão do crente). Vinde, santo cavaleiro, em meu socorro. Estou certo de que, com o vosso auxílio, tendo a vós por meu aliado, eu me sentirei vencedor. Que a má influência dos espíritos perturbadores nada possa contra mim e contra minhas aspirações, que são legítimas. Amem."

Oração a xangô

"Bondoso São Jerônimo, santo dos mais sábios, manejador da palavra sagrada, abridor dos selos da Santa Bíblia, eu vos invoco sob o vosso nome de Umbanda, Xangô das mais puras vibrações. Protegei-me ó Xangô, contra os fluidos grosseiros, contra os maus espíritos, contra as emanações da magia negra. Que as fôrças da sombra subterrânea nada possam contra mim e a minha caminhada seja suavizada com o efluvio da vossa proteção.

Xangô, que as fôrças da natureza que estão sob o vosso contrôle jamais se voltem contra mim, e muito pelo contrário, se ajudem e me assegurem a proteção contra os poderes malígnos. Que a inveja, a ambição, o ódio dos meus inimigos gratuitos nada possam em suas investidas malévolas. Assim seja!"

Oração de graças

Quando tivermos recebido de Zambi, diretamente ou por intermédio de um de seus orixás, qualquer benefício grande, nosso dever imediato de gratidão é render graças.

Muitas orações existem para isso. Mas a nosso ver, a melhor é esta, que é multimilenária e tem grande poder teúrgico:

"O Senhor é minha fortaleza, e o meu louvor; e foi a minha salvação. Êle é o meu Deus e eu o glorificarei; o Deus de meu pai e eu o exaltarei. O Senhor é como um guerreiro, onipotente é o seu nome. A tua destra, Senhor, se assinalou pela fortaleza; a tua destra, Senhor, destruiu o inimigo. E na grandeza de tua glória, aniquilaste os teus adversários. Enviaste a tua ira, que os devorou como palha. E ao sôpro do teu furor, se amontoaram as águas; parou a onda em sua corrente; os abismos amontoaram-se no meio do mar.

O inimigo tinha dito. Eu irei em seu alcance e os apanharei, repartirei os despojos, satisfazer-se-á

a minha alma, desembainharei a minha espada e a minha mão os matará. Soprou o teu espírito, e o mar os cobriu, foram submergidos como chumbo nas águas impetuosas.

Quem dentro dos fortes é semelhante a ti, Senhor? Quem é semelhante a ti, magnífico em santidade, terrível e louvável, operando prodígios?

Estendeste a tua mão e a terra os enguliu. Fôste por tua misericórdia o guia do povo que resgataste; e o conduziste com tua fortaleza para a tua santa morada.

Levantaram-se os povos e iraram-se; as dôres apoderaram-se dos habitantes da Palestina. Mas tu introduzirás o teu povo no monte de tua herança, na tua firmíssima habitação, que tu fundaste, ó Senhor, no teu Santuário que tuas mãos firmaram.

"O Senhor reinará eternamente e além da eternidade."

Esclareçamos que esta oração foi efetivamente rezada por Moisés, o condutor do povo hebreu, quando Deus castigou as tropas do faraó, fazendo-as submergir no mar Vermelho após a passagem do povo escolhido, que fugia da escravidão rumo à Terra da Promissão. Está na Bíblia, no livro chamado *Êxodo*, capítulo XV.

Outras formas de orações

Todos os salmos são orações de grande poder mágico. São 150 e quando devidamente empregados, podem abrir caminho em tôdas as circunstâncias da vida.

Assim, recomendamos o número 3 como oração de quem confia em Deus no meio de seus inimigos; o número 4, para se confiar em meio dos incrédulos; o número 5 como prece matutina; o 6 como súplica de arrependimento diante de um castigo divino; o 7 é uma prece ideal para quem está sendo oprimido pela calúnia. O Salmo 11 é contra os inimigos enganadores e soberbos, o 10 contra os opressores iníquos. Quereis um pedido de perdão e de libertação de tôdas as angústias? Lêde o Salmo 24, de alma contrita e humilhada. Desejais entretanto demonstrar vossa confiança inabalável em Deus? Salmo 26. Súplica e ação de graças? Salmo 27.

O salmo 118 é o mais comprido. Consta de 176 versículos, e é dividido em 22 estrofes, segundo as letras do alfabeto hebráico, tendo cada uma vinte e oito versículos que começam pela mesma letra. Esta disposição tinha como finalidade principal auxiliar a memória. Assim os capítulos — que tal é o nome que podemos dar a cada estrofe — chamam-se Alef, Beth, Ghimel, Daleth, etc. O que corresponde à letra He é uma oração para obter a graça de observar a lei divina; sob a letra Ain recai uma oração

pedindo a Deus que nos ajude a observar a lei, que é abandonada por muitos. No estado atual da Umbanda, dividida por tantas seitas, muitas das quais apenas usurpam o nome sagrado, mas pertencem inteiramente às hostes do mal, é uma prece oportuna e de grande efeito. Bem que podíamos mesmos chamar: A PRECE DA UNIFICAÇÃO DE UMBANDA.

E temos ainda o que recai sob a letra RES, que se constitui formidável súplica para obter o auxílio divino contra a hostilidade dos maus.

Mas, como tivemos oportunidade de dizer quando tratamos do assunto, a prece de Umbanda por excelência é o PONTO CANTADO.

Há numerosos livros que publicam tais pontos-riscados. Hoje, graças aos modernos recursos da ciência, tudo se torna mais fácil, e assim, os pontos cantados passaram a ser gravados em discos, havendo casas especializadas que os distribuem. Geralmente as gravadoras têm um assessor umbandista, sob cuja censura teológica passam letra e música.

No fim do livro, o leitor encontrará, em apêndice, uma lista bibliográfica para uso das Tendas e Terreiros. O capítulo Preces não foi esquecido, e assim, indicamos uma obra em que se encontram orações para todos os casos.

Insistimos sempre na necessidade de estudo e de leitura. Estudemos, penetrando pela chave maravilhosa do livro e da meditação, nos maravilhosos e ilimitados jardins da sabedoria. E cada vez estaremos mais apto a compreender o poder sem limites da prece, a alavanca imortal que está nessas mensagens permutadas entre o plano Divino e o plano humano, a virtude incomparável das palavras escolhidas dentro de certos preceitos mágicos.

Saravá. Olorum didê, irmãos da Umbanda!

APÊNDICE

DEFUMAÇÃO — BANHOS
EPÍSTOLA — LEITURA

RECEITAS DE DEFUMAÇÃO

Conforme prometêramos no Capítulo II, secção "Defumações", damos abaixo algumas receitas para os MÃOS-DE-OFÁ, de alto caráter esotérico:

DEFUMAÇÃO DE OGUM — Espada de São Jorge; Palma de Ramos; Quebra-tudo; Levante; guiné; arruda-macho; arruda-fêmea.

Outra receita: Espada de São Jorge; fôlhas de cambará; levante; guiné; arruda macho; arruda fêmea; palma de coqueiro.

Misturar estas sete espécies de ervas em estado de verde (vale dizer, frescas, não sêcas, quanto menos murchas melhor), colocando-as sôbre braseiro bem ativo.

DEFUMAÇÃO DE XANGÔ — Espada de São Jorge (verde e amarela); palma de Santa Bárbara; Guiné; Quebra-Tudo; Levante; Arruda; Comigo ninguém pode.

Outra: Espada de São Jorge (as duas); Quebra-Tudo; Levante; Arruda macho ou fêmea; Guiné; Palma de Santa Rita.

Os filhos de Xangô devem defumar-se periòdicamente com incenso e benjoim; devem evitar alfazema.

DEFUMAÇÃO DE OXUM — (para mulheres) — Mangericão; mangerona; levante; guiné; arruda fêmea; espada de São Jorge; quebra-tudo; alecrim.

Para homens: Espada de São Jorge (comum); idem, amarela; Levante; guiné; mangericão; alecrim; verbena; quebra-tudo.

BANHOS

Um bom sistema de banho de proteção, é o que se baseia no signo do filho da fé, a saber:

AQUÁRIO — (21 de janeiro a 19 de fevereiro) — Espada de São Jorge, algas marinhas, pétalas de rosas, guiné, arruda macho, muito pouco de arruda fêmea, palma de São José. Misturar e ferver, da forma que foi indicada.

PEIXE — (20 de fevereiro a 20 de março) — Espadas de São Jorge, Algas Marinhas, rosas brancas, cravos brancos, guiné, arruda macho, algumas folhinhas de arruda fêmea.

CARNEIRO — (21 de março a 21 de abril) — Espada de São Jorge, violetas, alfazema, guiné, arruda macho, arruda fêmea, levante.

TOURO — (22 de abril a 20 de maio) — Gervão (ou gerbão), rosas vermelhas, alfazema, guiné, espada de São Jorge, quebra-tudo.

GÊMEOS — (21 de maio a 20 de junho) — Quebra-tudo; espada de São Jorge; lança de Xangô; pétalas de rosas, verbena, mangericão, cedro rosa; arruda. Damos oito elementos porque um dêles pode ser suprimido.

CARANGUEJO — (22 de junho a 21 de julho) — Verbena; arruda macho; guiné; violetas; cravos (brancos ou vermelhos); rosas brancas e vermelhas; mangericão.

LEÃO — (22 de julho a 22 de agôsto) — Girassol; gervão; guaco; arruda macho; cravos (vermelhos ou brancos), rosas amarelas; guiné.

Caso haja dificuldade em obter um dêsses oito elementos, pode se substituir — qualquer que seja — por mangericão.

VIRGEM — (23 de agôsto a 22 de setembro) — Verbena; guiné; arruda; levante; espada de São Jorge; palma de Santa Rita; alecrim.

LIBRA — (23 de setembro a 22 de outubro) — amor-perfeito; cravos brancos; rosas brancas; verbena; arruda; mangerona; mangericão.

ESCORPIÃO — (23 de outubro a 21 de novembro) — Espada de São Jorge; rosas brancas; rosas vermelhas; palma de São José; levante; guiné; arruda.

SAGITÁRIO — (22 de novembro a 21 de dezembro) — Girassol; rosas amarelas; espada de São Jorge; arruda macho; verbena; guiné; comigo ninguém pode; casca de cedro.

CAPRICÓRNIO — (22 de dezembro a 20 de janeiro) — Palma de Jerusalém; lírio branco; cravos brancos; trevo; rosas brancas; palma de São José; arruda.

Os banhos de descarga ou de proteção podem referir-se no signo zodiacal referente ao mês do nascimento do filho da fé. Entretanto, outros amacis poderão ser feitos com ervas de correspondência zodiacal mensal.

A EPÍSTOLA DE SÃO PAULO

Consoante o prometido no capítulo correspondente a Iniciação, damos a seguir o texto da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios.

"Segui a caridade, aspirai aos dons espirituais e sôbre todos ao da profecia. 2 — Porque o que fala uma língua desconhecida, não fala aos homens, mas a Deus, porque ninguém o ouve e pelo espírito fala coisas misteriosas. 3 — Mas o que profetiza fala aos homens para a sua edificação e exortação e consolação. O que fala uma língua desconhecida, edifica-se a si mesmo; porém, o que profetiza, edifica a igreja de Deus. Desejo que todos vós tenhais o dom das línguas; porém, muito mais o que profetiseis. Porque é maior o que profetiza que o que fala diversas línguas; a não ser que também as interprete, a fim de que a Igreja receba identificação. 6 — Assim, pois, irmãos, se eu fôr ter convosco falando em di-

versas línguas, de que vos aproveitarei eu, se vos não falar, ou com revelação, ou com ciência, ou com profecia ou com doutrina? Do mesmo modo as coisas inanimadas que dão som, como a flauta ou a cítara, se não derem sons distintos, como se distinguirá o que se toca na flauta ou na cítara? E se a trombeta der um som confuso, quem se preparará para a batalha? Assim também vós, se falando uma língua, não fizerdes um discurso ininteligível, como se entenderá que dizeis? Falareis ao vento."

SUGESTÕES DE LEITURA

Tendo insistido pràticamente em cada página que o dever número um do verdadeiro filho da fé é estudar, êste trabalho não estaria completo se não apresentasse algumas sugestões de leitura. Damos abaixo uma relação de obras que se nos afiguram imprescindíveis na biblioteca do terreiro ou do babalaorixá.

1 — *Bíblia Sagrada*. Optemos pela católica, por ser mais completa, contendo vários livros (Judite, Tobias, Macabeus, Eclesiástico, Sabedoria) chamados *deuterocanônicos*, que não são admitidos como inspirados pelos evangélicos.

2 — *Umbanda de Todos Nós*, de W. W. da Matta e Silva, que é o que melhor sistematiza a controvertida questão das linhas, legiões e falanges,

bem como as intermediárias entre as respectivas linhas.

3 — *Umbanda Sagrada e Divina*, tentativa de simplificação do ritual de Umbanda e sua ocidentalização. Útil mòrmente pelas Meditações oferecidas ao iniciando durante sua permanência na camarinha.

4 — *Breviário de Umbanda*, de N. José Pedrosa. Prático e cômodo, trás receitas das variadas oferendas e amalás a serem ofertadas às entidades nos diversos locais (matas, descampado, montanha, cachoeira, mar, etc.). Termina com uma variada coleção de preces.

5 — *Banhos e Defumações*, A B D' Ruanda, 2.ª edição. É um livro especializado, trazendo numerosas receitas de inspiração das entidades.

6 — *Pontos Cantados e Riscados*. Traz numerosas ilustrações que permitem identificar as entidades.

7 — *Xangô Djacutá*, de João de Freitas, já citado por nós.

8 — *Dicionário de Umbanda*, de Erlon Dutra. Um alentado volume de quase 300 páginas, trazendo farto vocabulário e boas definições. Livro indispensável a todo estudioso de assuntos de Umbanda e correlatos (africanismo, folclore, sincretismo, magia, etc.).

9 — *Exu*, de Aloísio Fontenelli. Para se conhecer o "lado de lá", as manhas dos potentados infernais, modos de se as neutralizar, etc.

10 — *A Umbanda através da Magia,* de YATAMAN. Livro de alto valor esotérico, além de escrito numa linguagem sonora, poética, agradável.

11 — *A Festa de Egun,* contribuição ao folclore baiano. Já citado por nós.

12 — Os livros de ARTHUR RAMOS, que não são pròpriamente umbandistas e sim de cultura geral: *Folclore Negro, O Negro Brasileiro,* etc..

13 — *Religiões Negras no Brasil,* EDSON CARNEIRO. Também não é livro religioso e sim de estudos leigos. Edison Carneiro é discípulo e continuador da obra de Arthur Ramos no Brasil.

14 — *Os Africanos no Brasil,* pelo dr. NINA RODRIGUES. O primeiro que tentou no Brasil sistematizar com espírito científico o estudo da etnologia negra.

15 — *Os Africanos no Brasil,* de MANUEL QUERINO. Outro grande estudioso dos assuntos afro-brasileiros.

16 — *Catecismo de Instrução Religiosa Superior,* para uso de catequistas, etc.. É um manual escolar da coleção F.T.P.. Para conhecermos as razões do catolicismo.

17 — *Candomblés no Brasil* de JOSÉ RIBEIRO. Livro de grande utilidade pela sistematização do

material colhido diretamente pelo autor nas organizações religiosas da Bahia, Pernambuco, etc..

Não fará nenhum mal se o Chefe de Terreiro tiver também um canto da estante reservado a obras de psicologia e auto-domínio, que será vantajoso a todo umbandista ler:

18 — *Auto-sugestão Consciente e Domínio de Si Mesmo,* de EMÍLIO COUÉ, famoso cientista francês que assentou o método de sugestão que leva o seu nome.

19 — *O Poder do Pensamento Positivo,* de VINCENT NORMAN PEALE, pregador protestante norte-americano. Tôdas as suas obras, grandemente proveitosas, já estão traduzidas para o português.

20 — *Como Vencer Preocupações e Começar a Viver,* de DALE CARNEGIE. Dêle é também *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas,* muito útil.

21 — *As Nossas Fôrças Mentais,* PRENTICE MULTFORD, tradução e edição da Ed. "O Pensamento".

Afora isto, tomando cuidado para não se perturbar com as incoerências e contradições, e aproveitando o que têm de útil, o que de resto constitui a maioria de suas páginas, recomendamos:

A Umbanda através dos Séculos, de ALOÍSIO FONTENELLI. *Doutrina e Ritual de Umbanda,* e *Mi-*

rongas de Umbanda, de BYRON TORRES DE FREITAS e TANCREDO DA SILVA PINTO.

Umbanda e seus Complexos, de OLIVEIRA MAGNO.(*)

Chegado a êste ponto, o estudioso de Umbanda já saberá discernir o jóio do trigo, desvencilhar o ouro da ganga bruta que o cobre, e se orientar sòsinho. Nossa biblioteca de Umbanda compõe-se de 96 volumes, tão-sòmente em português. E todos foram lidos e analisados por nós. Não é nenhuma proesa inacessível. Qualquer outro que o deseje, poderá repeti-la.

SARAVÁ OXOCI.

(*) A Livraria Espiritualista Editora possui o maior sortimento de livros de umbanda e obras espiritualistas em geral.

ÍNDICE

Págs.

Sem ser prefácio 1

Capítulos:

I — O QUE É UMBANDA — ORIGENS — DOGMAS 5

ORIGENS HISTÓRICAS 6

DOGMÁTICA 10

1. Praticar a caridade 12
2. Evidenciar a imortalidade 14
3. Comprovar a reencarnação 15
4. Propagar a palavra divina 17
5. Respeito e culto à natureza 18
6. Harmonia do homem com seu Orixá 19
7. Preparo para uma vida melhor 19

AS LINHAS 21

1. Linha de Orixalá 24
2. Linha de Yemanjá 27
3. Linha de Xangô 29
4. Linha de Ogum 31
5. Linha de Oxoci 33
6. Linha de Yori 34
7. Linha de Yorimá 35

EXUS 37

II — PARTE LITÚRGICA 46

CULTO E SÍMBOLO 49

1. O local 49
2. As pessoas 50

3. O tempo 50
4. Os ritos 50

OS SETE SACRAMENTOS DE UMBANDA 52

OS OBJETOS DO CULTO 52

1. A pólvora 53
2. Água 55
3. Areia 58
4. Atabaque 59
5. Defumadores 61
6. Banhos 66
7. Giz ou pemba 69
8. Contas ou "Guias" 81
9. Imagens 84
10. Leques 93
11. Medalhas e amuletos 94
12. Ponteiros 96
13. Sineta e campainha 98
14. Velas 99

OFERENDAS 106

PARAMENTOS 117

III — SACERDOTADO, CERIMONIAL E SACRAMENTOS .. 119

LOCAL 119

AS PESSOAS - INICIAÇÃO 119

CONSAGRAÇÃO DE MÉDIUNS 129

CONSAGRAÇÃO DE CAMBONES 130

O SACERDOTADO DE UMBANDA 131

O BATISMO 137

CRUZAMENTO 141

CASAMENTO 144

DESCRUZAMENTO 148

O AXEXÊ 149

COMO USAR OS QUELÊS OU GUIAS 150

COMPARAÇÃO DOS DIVERSOS CULTOS 152

IV — COMO ORGANIZAR UM TERREIRO 155

TRONQUEIRAS OU DEFESAS 161

SESSÃO DE ABERTURA PRÉVIA 163

1. Sessões particulares 166
2. Sessões de desenvolvimento 174
3. Sessão de descarga 175
4. Sessões festivas 176

V — TRABALHOS FORA DO TERREIRO 180

NAS MATAS 181

NOS JARDINS 189

NAS CAPELAS 190

NAS CACHOEIRAS 193

NA PRAIA 194

NAS PEDREIRAS E MONTANHAS 197

NOS RIOS E LAGOS 199

NOS LOGRADOUROS PÚBLICOS 200

PROCISSÕES 201

VISITAS 204

VI — VADEMECUM DO CHEFE DE TERREIRO 206

ESTUDO 209

UM CURSO 211

TRABALHOS 213

1. Regulamentos das sessões 217
2. Calendário 218
3. Outros misteres 221
4. Vademecum do cavalo ou médium 225

MISTIFICAÇÕES EM UMBANDA 228

VII — PRECES DE UMBANDA 233

QUANDO SE REZA 234

1. Prece de Ismael 236
2. Prece da abertura 237
3. Prece de encerramento 238
4. Oração a Ogum 240
5. Oração a Xangô 240
6. Oração de graças 241

Apêndice

DEFUMAÇÃO — BANHOS — EPÍSTOLA — LEITURA .. 246

RECEITAS DE DEFUMAÇÃO 246

BANHOS 247

A EPÍSTOLA DE SÃO PAULO 249

SUGESTÕES DE LEITURA 250

COMPOSTO E IMPRESSO, EM JANEIRO DE 1961, NA EMPRESA GRÁFICA CARIOCA S/A, À RUA BRIGADEIRO GALVÃO, 225/235 - TEL. 52-3319 - S. PAULO

—•—

Leia

e

Divulgue

TRIBUNA UMBANDISTA

Órgão dos Umbandistas do Estado de São Paulo

o

seu

Jornal

COLABORE TOMANDO

UMA ASSINATURA

—•—

LIVRARIA
ESPIRITUALISTA
EDITÔRA

A MAIOR DISTRIBUIDORA DE LIVROS
ESPIRITUALISTAS NO BRASIL

Possui o mais variado sortimento de livros de Umbanda; obras de Allan Kardec, Ramatis, Pietro Ubaldi e outros. Obras rosacrussianas, maçônicas — mentalistas — teosofistas — herméticas — orientalistas — esoteristas — naturismo e outras. *Artigos religiosos em geral:* imagens de todos os santos, em diversos tamanhos. Medalhas. Estátuas de pretos velhos, índios, caboclas, sereias, etc. Contas avulsas de louças, e cristais — guias de aço, dentes e louças; velas brancas e de tôdas as côres — obi, orobô, pembas brancas e de côres, defumadores de diversas marcas; incenso, alfazema, benjoim, mirra e demais artigos usados no culto umbandista.

Todos os artigos são de primeira qualidade.

Os pedidos poderão ser feitos à LIVRARIA ESPIRITUALISTA, acompanhados de Cheques, Vales Postais ou pelo Reembôlso Postal.

RUA SENADOR FEIJÓ, 29 - 3.º AND. - SALA 316
Caixa Postal 1625
SÃO PAULO